



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – DOUTORADO**

SHEYLA CRISTINA ARAUJO MATOSO

**A INTERAÇÃO ENTRE SURDOS: FUNÇÕES DOS MARCADORES DISCURSIVOS
EM LIBRAS**

**Três Lagoas (MS)
2022**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – DOUTORADO**

SHEYLA CRISTINA ARAUJO MATOSO

**A INTERAÇÃO ENTRE SURDOS: FUNÇÕES DOS MARCADORES DISCURSIVOS
EM LIBRAS**

Tese de Doutorado em Letras (área de concentração: Estudos Linguísticos) o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, como exigência para obtenção do título de doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Hagemeyer Burgo

Três Lagoas (MS)

2022

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pela força e capacidade a mim concedidas para conseguir concluir esta etapa em um período em que, por conta de um vírus, tantos sonhos foram interrompidos.

Dedico ao meu menino Henrique e às minhas meninas Eduarda e Gabriela, que são minha inspiração para seguir, recalcular, reorganizar a vida... sempre!

Dedico também aos surdos brasileiros, nativos desta língua, que lutam incansavelmente por um reconhecimento genuíno e livre de preconceitos linguísticos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela graça que tem concedido, ano após ano, em minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

À minha família, que sempre foi e será minha motivação e inspiração para crescer e florescer, onde eu estiver.

Aos meus filhos Eduarda, Henrique e Gabriela, que são o meu maior amor e que já começam a dar seus voos. Espero que, de alguma forma, minha vida acadêmica os inspire e motive.

Aos meus pais, que me ensinaram a ser quem sou e estão sempre na torcida para meus voos. Em sua simplicidade, permanecem “acenando” e isso borbulha o coração.

Agradeço ao Joil, uma pessoa que sempre me motivou a sonhar mais alto, mesmo quando, olhando para diferentes contextos, nem eu mesma acreditava que havia em mim potencial para tanto. Sua determinação é grandiosa e me ensina sempre.

Às minhas manas queridas, Gislaine e Jakeline, pessoas que me enchem de motivação e força em todos os momentos de minha vida. Com elas me sinto “superpoderosa” para prosseguir e alçar voos cada vez maiores. O amor por vocês não cabe aqui dentro!

Às pessoas que fizeram parte da minha vida, mas hoje, por mudanças e encerramento de ciclos, não estão mais tão próximas, mas que sempre terei o coração grato pela vivência compartilhada, pois acredito que a história é constituída desses ciclos que se iniciam em algum período e se encerram posteriormente, dando lugar a novos ciclos.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Vanessa Hagemeyer Burgo, por ser mais que uma orientadora, e sim uma amiga e irmã em todo esse processo, sempre atenciosa e dedicada nas orientações e escuta.

À minha querida amiga Claudineia, que foi para mim como acalento nos momentos pesados deste processo. Os risos, as pedaladas e os tererés me deram fôlego e ajudaram a deixar a jornada mais leve, para que pudesse prosseguir.

Às amigas e colegas de trabalho, Grazielly e Raquel, que sempre foram pessoas e profissionais que me inspiraram para a vida. Hoje estamos longe, mas continuam sendo uma grande inspiração.

Ao querido amigo Gustavo, que de aluno se tornou amigo, colega de trabalho, colega de estudos e orientações. Você foi um dos presentes que a vida reservou para mim nesta cidade!

Ao amigo, colega de trabalho e professor Dr. Wagner Corsino Enedino, sua trajetória, antes conhecida de longe, e agora compartilhada de perto é inspiradora. Seu carinho e sua motivação sempre trouxeram leveza.

Aos colegas, docentes do Curso de Letras, bem como ao conselho do campus de Três Lagoas, que foram sempre favoráveis ao meu processo de afastamento para concluir o doutorado, ação que permitiu uma dedicação maior à pesquisa, corroborando para a consolidação deste projeto de maneira mais eficiente.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul por conceder o afastamento total das atividades laborais para a realização desta pesquisa de doutorado.

A toda comunidade surda, usuária da língua brasileira de sinais, que despertou em mim, há mais de 20 anos, o desejo de aprender, conhecer e pesquisar mais sobre esta língua.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras do CPTL, suas contribuições nos permitem ousar mais nos voos.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, a troca de experiências e os estudos compartilhados contribuíram de forma ímpar para este trabalho.

À professora Dr^a Marlene Durigan e ao professor Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira que aceitaram participar de minha banca de qualificação, a contribuição de ambos foi de extrema importância para a finalização desta tese de doutorado.

À Universidade Federal de Santa Catarina por disponibilizar acesso livre a um corpus em Libras, que nos permitiu a análise e a descrição objetivadas na pesquisa.

Agradeço aos docentes e pesquisadores de excelência que compuseram a banca de defesa desta tese de doutorado, os diferentes olhares sempre enriquecem nossas discussões e geram inúmeras oportunidades. Agradeço a participação e colaboração das professoras Dr^a Audrei Gesser, Dr^a Letícia Jovelina Storto, Dr^a Marlene Durigan e dos professores Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira e Dr. Wagner Corsino Enedino.

[A língua de sinais], nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.

(J. Schuyler Long)

MATOSO, Sheyla Cristina Araujo. A interação entre surdos: funções dos marcadores discursivos em Libras. 2022. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022.

RESUMO

Apesar do crescimento de trabalhos que discutem os aspectos linguísticos e funcionais das línguas de sinais, estes ainda são escassos quando comparados a outras línguas de modalidade oral. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar o emprego dos marcadores discursivos na língua brasileira de sinais (Libras) e as funções que desempenham na interação entre pessoas surdas. O aporte teórico está fundamentado nos estudos da Análise da Conversação, desenvolvidos, principalmente, por Marcuschi (1989; 2003), Preti (2000; 2002; 2003; 2005), Castilho (1989; 1994; 2020), Urbano (1999), Barros (2005), Fraser (1994), Galembeck e Blanco (2001), Koch e Barros (1997), Risso, Silva e Urbano (2015) e Schiffrin (1987). No que concerne à área de Libras, destacamos os trabalhos de Gesser (2009; 2012), Quadros (2013; 2019), Quadros e Karnopp (2004) e Leite (2008), entre outros autores e autoras que desenvolvem renomados estudos nas duas áreas mencionadas. O *corpus* desta pesquisa é formado por vídeos disponíveis na Internet pelo projeto da Universidade Federal de Santa Catarina denominado *Corpus de Libras*. Em relação aos procedimentos metodológicos para transcrição dos dados, utilizamos o *software* ELAN (*Eudico Language Annotator*) desenvolvido pelo *Max Plank Institute*, que permite a segmentação e a análise dos vídeos de forma mais detalhada e fornece alguns recursos que colaboram para o processo de transcrição e tradução da língua de sinais. Dessa forma, optamos pela seleção dos vídeos que apresentavam tópicos discursivos livres a fim de analisarmos a conversação em Libras de maneira mais espontânea. Após o exame e a escolha dos vídeos, realizamos a transcrição e a tradução dos excertos para a língua portuguesa. A análise dos dados demonstra que, assim como as línguas orais, a libras também dispõe de marcadores discursivos com funções definidas em um evento comunicativo: atuam na organização, estruturação e articulação do texto, atribuem dinamicidade ao diálogo e contribuem para a construção e gestão do ato conversacional. De acordo com os resultados obtidos por meio da análise dos diálogos em duplas, constituídos por 22 (vinte e dois) vídeos selecionados, indicamos 85 (oitenta e cinco) ocorrências, apontando o momento onde esses elementos linguísticos foram acionados pelos sinalizantes de Libras. Dentre todos os exemplos, observamos maior frequência dos marcadores relacionados à função ideacional, que fazem alusão à organização do texto durante a sinalização, totalizando 60 (sessenta) vezes nesta função e 25 (vinte e cinco) na função interacional. É importante evidenciar que, tal como ocorre nas línguas orais, os interactantes fazem uso destes elementos linguísticos na Libras com base nos objetivos que possuem no ato conversacional, tais como: envolvimento do ouvinte, busca de aprovação discursiva, planejamento verbal, manifestação de opinião, atenuação linguística e movimentação dos tópicos discursivos. O presente estudo contribui, portanto, para os estudos da linguagem no que tange à organização da fala por parte de surdos fluentes em Libras e o uso de marcadores discursivos em diferentes contextos de uso.

Palavras-chave: Marcadores Discursivos, Libras, Pessoas Surdas.

MATOSO, Sheyla Cristina Araujo. A interação entre surdos: funções dos marcadores discursivos em Libras. 2021. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2021.

ABSTRACT

Despite the growth of works that discuss the linguistic and functional aspects of sign languages, those are still scarce when compared to other oral languages. In this vein, the aim of this research is to analyze the use of discourse markers in Brazilian sign language (Libras) and the functions they play in the interaction among deaf people. The theoretical framework is based on the studies of Conversation Analysis, developed mainly by Marcuschi (1989; 2003), Preti (2000; 2002; 2003; 2005), Castilho (1989; 1994; 2020), Urbano (1999), Barros (2005), Fraser (1994), Galembeck and Blanco (2001), Koch and Barros (1997), Risso, Silva and Urbano (2015) and Schifffrin (1987). Concerning the field of Libras, we highlight the works of Gesser (2009; 2012), Quadros (2013; 2019), Quadros and Karnopp (2004) and Leite (2008), among other authors who develop renowned studies in both areas above-mentioned. The *corpus* of this research is composed of videos available on the Internet by the project of Federal University of Santa Catarina called *Corpus de Libras*. Regarding the methodological procedures for data transcription, we used the ELAN software (Eudico Language Annotator) developed by the Max Plank Institute, which allows the segmentation and analysis of videos in a more detailed way and provides some resources that contribute to the process of transcription and translation of sign language. Thus, we chose to select the videos that presented free discursive topics in order to analyze conversation in Libras in a more spontaneous way. After examining and choosing the videos, we transcribed and translated the excerpts into Portuguese. Our data analysis shows that both libras and oral languages have discourse markers with defined functions during a communicative event: they act in the organization, structuring and articulation of the text, add dynamicity to the dialogue and contribute to the construction and management of the conversational act. According to the findings obtained by means of the analysis of dialogues in pairs, consisting of 22 (twenty-two) selected videos, we indicate 85 (eighty-five) occurrences, pointing out the moment where those linguistic elements were activated by the signers of Libras. Among all the examples, we observed a higher frequency of markers related to the ideational function, which allude to the text organization during signaling, totaling 60 (sixty) times in this function and 25 (twenty-five) in the interactional function. It is important to highlight that, as in oral languages, interactants employ those linguistic elements in Libras based on their objectives in the conversational act, such as: listener's involvement, search for discourse approval, verbal planning, expression of opinion, linguistic mitigation and movement of discursive topics. Therefore, this study contributes to language studies regarding the organization of speech by deaf people who are fluent in Libras and the use of discourse markers in different contexts of use.

Keywords: Discourse Markers, Libras, Deaf People.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AC	Análise da Conversação
ASL	Língua de Sinais Americana
ELAN	<i>Eudico Language Annotator</i>
FLN	Florianópolis
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LO	Língua Oral
LOs	Línguas Oraís
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
MC	Marcador Conversacional
MCZ	Maceió
MD	Marcador Discursivo
MDs	Marcadores Discursivos
TILS	Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Câmera 1 com foco na dupla.....	90
Figura 2 – Câmera 4 com foco na dupla.....	90
Figura 3 – Câmera 2 com foco individual.....	91
Figura 4 – Câmera 3 com foco individual.....	91
Figura 5 – Captura de tela do <i>software</i> ELAN.....	95
Figura 6 – Sinal de “CHAMAR” (vem cá).....	109
Figura 7 – Sinal de “CERTO+” (exato).....	113
Figura 8 – Sinal de “CERTO” (certo).....	114
Figura 9 – Sinal de “VERDADE” (verdade).....	117
Figura 10 – Sinal de “ENTENDER” (entende?)	121
Figura 11 – Sinal de “CERTO” (certo?)	121
Figura 12 – Sinal de “PENSAR” (penso que)	124
Figura 13 – Sinal de “MINHA” (minha)	126
Figura 14 – Sinal de “OPINIÃO” (opinião)	126
Figura 15 – Sinal de “ACREDITAR” (acredito que).....	127
Figura 16 – Sinal de “ACHAR” (acho que).....	129
Figura 17 – Sinal de “BOM” (bom)	133
Figura 18 – Sinal de “ENTÃO” (então).....	139
Figura 19 – Sinal de “MAS” (mas).....	139
Figura 20 – Sinal de “DEPOIS” (depois).....	145
Figura 21 – Sinal de “EXEMPLO” (por exemplo)	149
Figura 22 – Sinal de “MAS” (mas- primeira escolha lexical).....	153
Figura 23 – Sinal de “MAS” (mas- segunda escolha lexical)	154
Figura 24 – Sinal de “AGORA” (agora).....	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação e exemplos de marcadores.....	79
Quadro 2 – Referências dos participantes dos vídeos analisados.....	87
Quadro 3 – Manual de transcrição do Corpus Libras.....	94
Quadro 4 – Indicativo da função e frequência do uso dos MDs.....	161

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....	21
2.1 As Línguas de Sinais e o Processo de Constituição.....	21
2.2 Aspectos Históricos da Libras.....	30
2.3 Compreendendo a Estrutura da Libras.....	40
2.3.1 Alguns parâmetros gramaticais da Libras.....	49
3 MARCADORES DISCURSIVOS NA INTERAÇÃO CONVERSACIONAL...	55
3.1 Análise da Conversação.....	55
3.2 Os Marcadores Discursivos.....	66
3.2.1 Tipos e funções de marcadores	76
4 METODOLOGIA	82
4.1 A Seleção do Corpus.....	82
4.1.1 Escolha e agrupamento.....	85
4.1.2 Os participantes das conversações.....	87
4.2 Transcrição dos Dados	91
4.2.1 O processo de tradução Libras- Língua Portuguesa.....	99
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	105
5.1 Marcadores Discursivos de Função Interacional.....	106
5.1.1 Marcadores de envolvimento do interlocutor “ <i>vem cá</i> ”	108
5.1.2 Marcador de manutenção do tema “ <i>certo</i> ” e “ <i>exato</i> ”	111
5.1.3 Marcador discursivo de manutenção do tema “ <i>verdade</i> ”	115
5.1.4 Marcadores de busca de aprovação discursiva “ <i>entende?</i> ” e “ <i>certo?</i> ”	119
5.1.5 Marcadores de opinião “ <i>penso que</i> ”, “ <i>acho que</i> ”, “ <i>acredito que</i> ”, “ <i>na minha opinião</i> ”	123
5.2 Marcadores Discursivos de Função Ideacional.....	130
5.2.1 Marcador discursivo organizador informacional “ <i>bom</i> ”	131
5.2.2 Marcador discursivo de coesão “ <i>então</i> ” e “ <i>mas</i> ”	134
5.2.3 Marcador organizador de tópico “ <i>depois</i> ”	143

5.2.4 Marcador discursivo de exemplificação “ <i>por exemplo</i> ”	147
5.2.5 Marcadores de caráter argumentativo “ <i>mas</i> ” e “ <i>agora</i> ”	150
5.3 Marcadores Discursivos na Libras.....	158
COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS.....	165
REFERÊNCIAS.....	170

1 INTRODUÇÃO

A Linguística é considerada uma ciência que estuda os fenômenos que envolvem o uso da linguagem em suas mais distintas funções. O estudo de tais fenômenos, ao longo do tempo, tem contribuído para melhor compreender a vida social e ajudar a resolver problemas de comunicação de uma sociedade extremamente complexa.

Situada neste contexto de contribuições, vem se construindo uma rede de pesquisas que versam sobre estudos relacionados à interação comunicativa por meio da fala, tanto no que tange a questão organizacional, quanto ao que se refere a ações intencionais durante o ato conversacional.

Dentro dos estudos da Análise da Conversação (AC) estão alocadas as pesquisas sobre os Marcadores Discursivos (doravante MDs), compreendidos e apresentados nestes estudos como elementos de articulação durante a interação comunicativa. Eles exercem diferentes papéis dentro do ato conversacional realizado entre interactantes de uma mesma língua, e são compreendidos como elementos intrínsecos às línguas naturais, uma vez que integram as práticas sociais diárias de qualquer indivíduo.

Para Marcuschi (2001, p. 16) a língua falada ocupa um lugar de extrema importância nos estudos linguísticos, pois “[...] sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem com um ser que fala e não como um ser que escreve. [...] o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização.”

Nessa perspectiva, os estudos que abarcam os MDs são oriundos de análises descritivas de diferentes tipos de textos falados, em línguas orais-auditivas. No entanto, para esta pesquisa específica, a análise foi realizada em processos comunicativos de uma língua de modalidade visual-espacial: a língua brasileira de sinais – Libras, língua oficializada no país desde o ano de 2002 como a língua de interação da maior parte da comunidade surda brasileira.

O que podemos afirmar, é que a Libras já é considerada pela linguística como uma língua natural e seus usuários, sinalizantes de Libras, são em sua grande maioria surdos¹, estando espalhados por todo o território nacional, se constituem pertencentes às

¹ Utilizaremos esta terminologia tendo como base as discussões que abarcam essa parcela da sociedade, bem como o que dispõe o Decreto 5.626/2005 onde estabelece que “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005).

comunidades surdas brasileiras, se apropriando cada vez mais de sua própria língua, que apresenta um valor inestimável para estas comunidades (QUADROS, 2017).

Observamos que os estudos que versam sobre as línguas de sinais e comunidades surdas, em geral, têm vivenciado um aumento gradativo em produções de cunhos científico, político e educacional nos últimos anos, proporcionando debates interessantes e necessários para uma maior visibilidade e empoderamento deste público. Entretanto, as pesquisas relacionadas aos seus aspectos linguísticos ainda constituem um quadro tímido de representatividade, apontando para uma escassez de análises e descrições desta língua, o que indica um vasto campo na área das pesquisas linguísticas a ser explorado.

Apesar do exposto, aos poucos, diferentes áreas da linguística têm se interessado para descrever estas línguas e propiciar arguições que as legitimem como línguas naturais, dotadas dos diferentes propósitos e construções linguísticas, próprias de toda e qualquer língua natural.

Quadros et. al (2018, p. 21) apontam que,

atualmente, é consenso entre os linguistas o reconhecimento do estatuto linguístico das línguas de sinais. As pesquisas, neste momento, voltam-se para investigações com base empírica no sentido de analisar aspectos que são comuns e diferentes das línguas de sinais e as línguas faladas. Nessa direção, as pesquisas identificaram os efeitos da modalidade nas formas linguísticas.

O mesmo podemos dizer do campo de análise acerca da interação conversacional entre usuários da Libras, o processo de constituição da fala e seus atributos linguísticos nesta modalidade, pois, apesar de encontrarmos estudos que analisam essa interação nas línguas orais-auditivas, pesquisas que analisem estes mesmos processos constitutivos em línguas de sinais – que possuem uma outra modalidade linguística – ainda são escassas e requerem uma atenção maior, a fim de contemplar os diferentes campos que os estudos linguísticos propõem.

Com intuito de justificar a afirmação apresentada acima, apresentamos resultados alcançados por meio de levantamentos de busca avançada nos diferentes sites e repositórios de pesquisas acadêmicas do país, nestes, foram localizadas algumas pesquisas com aproximação ao tema aqui proposto, totalizando quatro estudos que discutem a Libras em uso por uma análise descritiva dentro do campo da Análise da Conversação. Destes, três são artigos científicos, sendo que dois discutem a utilização de MDs na Libras (SILVA; STRAZI, 2017; FERREIRA; PAZ; NASCIMENTO, 2018)

e o outro, a partir de uma visão mais geral, compõe uma análise da intersubjetividade durante a interação entre alunos surdos aprendizes de língua inglesa (MEDEIROS; FERREIRA, 2010). Nesta mesma busca, foi localizada uma pesquisa mais completa (tese de doutorado) que apresenta a confirmação da hipótese de segmentação do discurso apresentada por Leite (2008). O autor, com base nas concepções analíticas da Análise da Conversação, propõe um detalhamento de elementos que compõem a fala espontânea em Libras.

Outro aspecto importante para alocar a seguinte investigação no campo dos estudos linguísticos é o esclarecimento de que a língua de sinais foi reconhecida aqui no Brasil, como mencionado acima, por meio da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), onde estabelece que:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Esse reconhecimento, ocorrido há quase duas décadas, denota um campo ainda muito vasto a ser investigado, contemplando suas peculiaridades linguísticas e constitutivas, necessitando, para isso, de desdobramentos minuciosos capazes de contribuir com a desmistificação, ainda presente, desta modalidade linguística no país.

Marcuschi (2003, p. 5), na introdução de seu livro *Análise da Conversação*, reconhece a complexidade da língua de sinais. O autor, ao discorrer sobre as limitações de sua obra, justifica: “não dedicarei atenção detalhada a questões mais complexas, como a aquisição da conversação, a conversação entre crianças, a interação entre surdos, a comunicação patológica”, o que instiga, assim, a busca por (re)conhecer melhor os desempenhos que caracterizam a língua de sinais em uso.

Sacks (1998, p. 10) indaga que, “As pessoas poderiam pensar que a história e o estudo das pessoas surdas e de sua língua é algo de interesse extremamente restrito. Porém, a meu ver, essa ideia é absolutamente equivocada”. O autor completa o pensamento indicando que, o estudo das línguas de sinais e sua constituição configuram discussões importantes para as diferentes áreas da ciência.

Há que se ponderar que muitas das razões que deixaram as línguas de sinais longe dos olhares investigativos poderiam estar envoltas em visões equivocadas sobre a

surdez em si, visões estas que, infelizmente, podem perdurar ainda atualmente. Com o intuito de tentar explicar esta questão, sem nos adentrarmos profundamente à temática, apresentamos o que Faria et al. (2011, p. 193) sinalizam ao dizer que:

a valorização da cultura ouvinte provoca um desconhecimento e desinteresse pelas angústias dos surdos quanto ao seu saber e a sua capacidade de aprender [...], por décadas, desconhecaram as especificidades próprias da comunidade [...]. Ora, se o desenvolvimento cognitivo está atrelado à valorização da interação social entre sujeitos, com certeza ao surdo foi negado esse direito por décadas no nosso país.

O interesse por esta análise linguística surgiu exatamente com o propósito de valorização e socialização de uma pesquisa que envolvesse a documentação desta língua, tendo em vista que, por meio deste processo, essa língua pode ser preservada e reconhecida por seus usuários e demais integrantes da população. Compreendemos que a Libras carece ainda de estratégias de visibilidade, e a socialização de pesquisas deste cunho contribuem para isso, conforme ponderam Quadros et al. (2018, p. 49) “A socialização é fundamental, pois além de garantir a difusão da Libras, dá visibilidade e é um instrumento de políticas linguísticas de status, de corpus, de aquisição e de atitude”. Os autores ainda asseguram que ao se realizar pesquisas e registros acerca da Libras “estamos valorizando essa língua, disseminando-a e tornando-a mais empoderada”.

É sabido que as atividades conversacionais nas línguas de sinais têm propriedades dialógicas que se diferenciam das propriedades da língua oral-auditiva – daí a relevância de se estudar o processo de construção dessa língua e os elementos que a constituem. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, por consequência, compartilham uma série de características, atribuindo caracteres específicos que as distinguem dos demais sistemas de comunicação.

Por se tratar de uma língua como qualquer outra, sua construção acontece por meio da interação entre seus pares, usuários desta língua, e está em constante desenvolvimento, tendo em vista a permanente evolução que ocorre em toda língua. Faz-se necessário, neste sentido, mapear os desdobramentos desta língua e estudá-la de forma a reconhecer suas peculiaridades linguísticas.

Pautada nessas afirmações, a proposta desta pesquisa esteve alinhada ao propósito de investigar, identificar e estudar o papel das diferentes funções e intencionalidades comunicativas na interação entre surdos fluentes na língua brasileira

de sinais, com o intuito de contribuir com a valorização desta língua ainda pouco conhecida na área da linguística, bem como assegurar que os estudos da mesma promovam cada dia mais seu status linguístico.

Vale ressaltar que os MDs podem exercer funções distintas nas variadas línguas, uma vez que a forma e a frequência como são empregados na conversação são diferentes em cada situação e em cada contexto de uso. Dessa forma, é possível salientar que, assim como ocorre na língua oral-auditiva, o mesmo acontece nas línguas de sinais: marcadores que exercem o papel de envolvimento do ouvinte e busca de aprovação discursiva, entre outras diversas funções, como os elementos prosódicos (pausas, entonação, etc.).

Faz-se necessária, assim, a compreensão de que a Libras possui uma gramática específica, própria de línguas espaço-visuais, e, portanto, vários elementos linguísticos encontrados na modalidade oral podem ser identificados diferentemente também nesta modalidade. Outros, todavia, são reconhecidos de forma análoga em ambas as modalidades e passíveis de uma discussão entre as línguas em paralelo.

Alguns questionamentos instigaram esta proposta de análise linguística, dentre eles, o de saber se na Libras haveria a utilização de MDs acionados com representações e ideários conversacionais distintos, assim como acontece nas línguas orais durante a conversação. Para isso, tornou-se necessário considerar o caráter da língua como objeto científico, bem como a identificação das línguas de sinais como línguas naturais, compostas por um sistema linguístico próprio.

Posto isso, delineamos, como objetivo geral desta tese, identificar e avaliar as funções e a funcionalidade dos MDs em Libras na interação entre surdos. Para alcançá-lo, definimos os seguintes objetivos específicos: atualizar estudos acerca dos recursos pragmático-discursivos existentes na Libras; identificar e caracterizar os marcadores discursivos (MDs) na Libras e suas convenções linguísticas e sociais; e descrever o processo de construção do texto em Libras em situação real de comunicação, definindo os rituais conversacionais, a organização global e local, a estrutura de participação.

Para isso, selecionamos um total de 22 vídeos de conversações livres entre duplas de surdos, que, após análise prévia, iniciamos o trabalho de tradução para língua portuguesa e transcrição de trechos destes vídeos onde os MDs foram localizados. Após isso foi realizada a análise destes elementos linguísticos com relação a seu uso e função atribuída naquele trecho da conversação, com intuito de comprovar o que se propôs com este estudo.

Importa mencionar que o corpus utilizado nesta tese faz parte de um volumoso inventário, que cumpre um papel de grande relevância para as comunidades surdas brasileiras e representa um marco no reconhecimento da Libras. “Um marco que é conjugado às várias mobilizações e movimentações dessa língua e de seus falantes. Uma língua que apresenta legitimidade por meio da legislação existente e pelos seus usuários.” (QUADROS et al., 2018, p. 201). Além disso, suscita uma gama de possibilidades investigativas, em um momento “oportuno e particularmente pertinente, na medida em que decisões políticas têm propiciado um olhar diferenciado para as minorias linguísticas no Brasil”, conforme pondera Gesser (2009, p. 10). O próprio título do livro da autora – “Libras? Que língua é essa?” – já nos impulsiona a esse olhar investigativo e desbravador.

O trabalho foi organizado de forma que abordasse, antes das análises linguísticas, alguns aspectos mais gerais da Libras, assim como concepções do campo da linguística acerca dos MDs, dentro dos estudos da Análise da Conversação. Ainda houve a preocupação de detalhar, em uma seção específica, os aspectos metodológicos que construíram a pesquisa linguística.

Temos, então, na seção 2, um panorama geral da Libras, com uma atenção maior a alguns aspectos históricos e estruturais da língua apresentada nesta pesquisa. Essa seção foi constituída com o intuito de elucidar alguns pontos ainda desconhecidos ou equivocados quanto a questões estruturais de uma língua ainda pouco estudada em sua materialidade linguística.

Em seguida, na seção 3, apresentamos algumas das definições e dos conceitos relacionados aos MDs, alocados no campo de pesquisas das teorias da Análise da Conversação. Apontamos, também nesta seção, algumas concepções, apresentadas por diversos autores, acerca das características das línguas faladas, com intuito de esclarecer que tipo de análise estaríamos desenvolvendo nesta pesquisa.

Com o mesmo propósito, e por se tratar de uma pesquisa de análise e descrição de uma língua constituída na modalidade espaço-visual, optamos em apresentar, na seção 4, anterior às análises com os apontamentos sobre o corpus de pesquisa, uma seção única que contemplasse o detalhamento de toda a organização metodológica. Pelas razões acima apresentadas, julgamos que alguns detalhes da metodologia aplicada deveriam constar de forma mais minuciosa, explanando como a pesquisa foi disposta.

Na última seção (seção 5) estão contidas as análises dos dados coletados, com o objetivo de comprovar a tese de que, assim como as línguas orais-auditivas, a Libras

contém/dispõe de marcadores discursivos para iniciar, manter e encerrar a conversação. Demonstrando, por meio dos excertos apresentados e discutidos, que, a língua de sinais dispõe de MDs, com funções definidas durante a conversação, com base na intencionalidade do falante/sinalizante.

Por fim, apresentamos no campo destinado aos comentários conclusivos da pesquisa, algumas constatações do que a análise linguística de conversações em Libras, colhidas na interação entre sinalizantes surdos, nos permitiu comprovar. Com base nos componentes teóricos que embasaram este estudo foi possível delinear algumas considerações sobre a tese ora apresentada, isto é, formular e comprovar a teoria de que os MDs são utilizados nas diferentes línguas, de modalidades distintas inclusive, e estabelecem seu espaço nos textos falados e sinalizados durante a conversação.

Neste espaço estão alocadas as ponderações finais deste estudo, indicando, inclusive, que novos interesses semelhantes a este podem e devem ser alinhados aos estudos linguísticos, uma vez que os surdos representam uma parcela da população brasileira e a sua língua natural – uma das línguas oficiais do país – compreendida como uma língua a ser estudada e descrita.

2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Esta seção tem por objetivo principal abarcar alguns aspectos do contexto histórico da língua brasileira de sinais – Libras, bem como abordar as questões linguísticas e conceituais que constituem esta modalidade visual-espacial² em suas composições enquanto uma língua natural, utilizada pela comunidade surda brasileira. Para tanto, subdividimos o assunto apresentado nesta seção em tópicos e subtópicos, que versarão de forma mais detalhada acerca destes aspectos, discussões importantes para a desconstrução de muitos estereótipos

Entendemos que, apesar de a Libras ter tido seu reconhecimento nacional há quase duas décadas, ainda nos deparamos com ideias equivocadas e desinformações que precisam ser desconstruídas ou reorientadas para que ocorra uma maior visibilidade desta língua e de seus usuários, contribuindo para os estudos que busquem compreender sua complexidade e peculiaridade.

Por se tratar de uma língua natural e tendo como princípio norteador o conceito de que a língua estaria presente em todas as relações interpessoais mediante a interação com outros falantes, pretendemos demonstrar que a mesma está organizada como um sistema linguístico legítimo, dotada de muitos detalhes que merecem ser identificados e analisados.

2.1 As Línguas de Sinais e o Processo de Constituição

Como mote desta discussão, alinhada aos estudos que compreendem a linguagem para além de um sistema linguístico, apontamos que a língua está presente no dia a dia das pessoas, e é caráter fundamental para a interação entre seus pares linguísticos. Essa interação, portanto, ocorre para além de orientações curriculares ou institucionais, pois a língua faz parte do cotidiano.

² As línguas de sinais são de modalidade visual-espacial, uma vez que são constituídas por um sistema de signos de interação entre o sistema visual e o espacial, onde sua produção utiliza aspectos faciais e corporais, com o uso das mãos, da face e de expressões não manuais representadas na linguagem corporal e face.

O fato de os estudos linguísticos terem aumentado relativamente reflete que as diversas línguas existentes, sejam de regiões muito populosas (como os grandes centros urbanos), de comunidades mais longínquas e afastadas, de regiões monolíngues ou, ainda, de localidades onde duas ou mais línguas são utilizadas para a interação dos moradores locais, têm sido exploradas em pesquisas de cunho científico, proporcionando visibilidade e empoderamento linguístico cada vez maiores para as diferentes línguas existentes.

Neste cenário também alocamos as línguas da modalidade visual-espacial utilizadas pelas comunidades surdas. Compreendemos, então, que se faz necessária a busca pela análise e pelo conhecimento das peculiaridades desta modalidade linguística, por meio de estudos e investigações na linguística geral, bem como em suas variadas vertentes, contribuindo, desta maneira, para seu reconhecimento e sua valorização no país, como uma língua brasileira.

Esclarecemos que as línguas de sinais não têm caráter universal, mas sim que cada país constitui sua língua, alicerçada em questões linguísticas e culturais de cada território geográfico e social, esta ideia de universalidade da língua, como apontado por Quadros e Karnopp (2004), e alguns anos depois reafirmado por Gesser (2009), seria uma das crenças mais recorrentes relacionadas às LSs,. Tal fato pode se referir a visão simplista de que “toda língua de sinais é um ‘código’ simplificado apreendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo” (GESSER, 2009, p. 11). A autora questiona porque tais ideias não são direcionadas também às LOs, uma vez que não se indaga o quantitativo de línguas e dialetos (na modalidade oral) distribuídos por todo o mundo; ainda, finaliza o assunto indicando que, provavelmente, tais equívocos estejam ligados a uma tendência de simplificar a riqueza linguística existente na modalidade em questão.

Nos estudos de Quadros e Shimiedt (2006, p. 15) encontramos a definição de Chomsky (1986), que utiliza o termo linguagem definindo-a como o conhecimento que a pessoa tem e que a torna capaz de se expressar através de uma língua, isto é, de um sistema linguístico altamente recursivo e com determinadas regras, uma vez que permite a produção de infinitas frases de forma altamente criativa. A língua é tratada como sistema e é parte inerente e indissociável do aprendizado do ser humano. Lyons (1981) *apud* Quadros e Karnopp (2004, p. 25) afirma que:

pode-se usar a língua para dar vazões as emoções e sentimentos; para solicitar a cooperação de companheiros; para ameaçar ou prometer, para dar ordens, fazer perguntas e afirmações. É possível fazer referência ao passado, presente e futuro; a realidade remota em relação à situação de enunciação – até mesmo coisas que não existem. Nenhum outro sistema de comunicação parece ter, sequer de longe, o mesmo grau de flexibilidade e versatilidade.

Góes (1996, p. 32), ao discutir a linguagem com base nos pressupostos teóricos de Vygotsky, sugere que as experiências de linguagem nas relações sociais participam, desde cedo, ou desde sempre, da formação como um todo. Assim, “a linguagem participa da constituição do pensamento e repercute sobre as funções mentais, propiciando transformações na atenção, na memória, no raciocínio”.

Ao nos debruçarmos em estudos sobre as LSs, precisamos, também, abordar questões relacionadas à comunidade surda e, com isso, trazer ao debate as concepções que compõem uma língua – como indicado acima, essa necessidade não é apenas pelo viés gramatical, da arbitrariedade linguística ou de um sistema de signos. Tendo em vista, portanto, que uma língua natural é composta por detalhes que a constituem, compreende-se, como destaca Campelo³, que nas línguas de sinais “as mãos em movimento [...] servem como ferramenta de comunicação: sinalizar, conversar, fazer graça, tocar (para chamar a atenção), acenar, driblar num jogo, consolar, com seus infinitos diálogos” (CAMPELO, 2019, p. 17).

Quadros (2017, p. 42), neste sentido, afirma que:

os sinalizantes em Libras estão espalhados por todo o território nacional. Eles se constituem como tais por pertencerem a comunidades surdas brasileiras, por fazerem parte dos grupos de surdos de várias cidades do país, em especial, dos grandes centros urbanos.

Ter a compreensão que uma língua está sempre arraigada às questões culturais que a compõem, proporciona um debate que contribui para o rompimento de muitos estereótipos e preconceitos atribuídos às línguas de sinais e aos próprios surdos. Consoante o apontado por Gesser (2008, p. 230),

infelizmente, os surdos têm sido narrados e definidos exclusivamente a partir da realidade física da falta de audição e, portanto, aos olhos da sociedade majoritária ouvinte, têm sido vistos exclusivamente a partir desse fato. O efeito disto é que os surdos e as línguas de que fazem uso (LIBRAS e português escrito/oral) tornam-se telas com espaços em branco para a projeção do preconceito cultural e do discurso da “normalização”.

³ Ana Regina e Souza Campelo, em sua apresentação ao livro Libras, que compõe a coletânea “Linguística para o ensino Superior”.

O que se pretende neste início de observação acerca da constituição da Libras, como língua natural, é colocar em evidência os aspectos essenciais que abarcam uma língua em uso. Língua que, assim como qualquer outra, continua em constante transformação e é passível de inúmeras possibilidades de análise e descrição, tendo como principal objetivo proporcionar o aprofundamento dos aspectos linguísticos que a compõem.

Adentrando um pouco nestas concepções culturais inerentes a uma língua, Strobel (2008, p. 22) define que a cultura surda estaria ligada também a compreensão de como acontece a interação do sujeito surdo com seu entorno, ao afirmar que:

o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Quadros (2002, p. 10) compreende a cultura surda como “a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos”, e indica ainda que se trata de uma cultura multifacetada, mas que apresenta características bem específicas. Assim, por se tratar de uma cultura “visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes”.

Em concordância, Sacks (1998) pondera que a condição surda é muito mais complexa do que uma deficiência de cunho sensorial, mas se refere a um modo singular de estar no mundo, tendo relação com uma linguagem por canais diferentes, um conjunto de crenças, valores, costumes distintos, que constituem, então, o que autores definem como cultura surda.

O autor destaca ainda que:

a existência de uma língua visual, a língua de sinais, e das espantosas intensificações da percepção e inteligência visual que acompanham sua aquisição demonstra que o cérebro é rico em potenciais que nunca teríamos imaginado e também revela a quase ilimitada flexibilidade e capacidade do sistema nervoso, do organismo humano, quando se depara com o novo e precisa adaptar-se (SACKS, 1998, p. 11).

Compreender que os aspectos culturais do surdo e sua língua natural fazem parte do processo de formação da língua de sinais permite-nos a ruptura de concepções

equivocadas – que permearam essa modalidade linguística por um longo período –, reafirmando a concepção de linguagem para além de um sistema linguístico.

Neste sentido, Bagno e Rangel (2005, p. 64) remetem à ideia de que a língua está intrinsicamente ligada ao meio social quando afirmam que,

dentro de nossa perspectiva, portanto, é possível dizer que a educação linguística de cada indivíduo começa logo no início de sua vida, quando, em suas interações com a família e a comunidade, adquire sua língua materna e, junto com ela, progressivamente, toda uma *cultura de linguagem* característica de seu meio social.

Deste modo, poderíamos destacar que estudos que versem sobre cultura surda e as línguas de sinais nos tem permitido, cada vez mais, adentrar este universo percebendo-o de forma diferente do que a maioria ouvinte está acostumada. Ou seja, uma língua que é percebida de forma visual-espacial, emitida por meio de movimentações e recebida por meio do olhar, permitindo, desta maneira, uma interação social entre seus pares linguísticos. Além disso, intensificam e promulgam certificações acerca dos produtos linguísticos que a compõem, componentes tão ricos quanto são os das línguas orais, potencializando informações necessárias para a quebra de muitos estereótipos, como já mencionado nesta seção.

Sacks (1998, p. 10-11) aponta para a importância de olharmos as questões culturais como componentes inerentes às construções sociais e como partes integrantes da constituição de um língua. O autor ainda refere como equívoco pensarmos que a história e o estudo das pessoas surdas e de sua língua seria algo de interesse extremamente restrito à comunidade surda, pois

o estudo dos surdos mostra-nos que boa parte do que é distintivamente humano em nós – nossas capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e cultura – não se desenvolve de maneira automática, não se compõem apenas de funções biológicas, mas também tem origem social e histórica [...]. Percebemos que a cultura é tão importante quanto a natureza.

O que se tem afirmado, já há alguns anos, nos estudos referentes aos surdos e as línguas de sinais é que, por meio delas, compreendidas como sua língua natural, estes sujeitos são capazes de produzir os mais variados conhecimentos, rompendo com o estereótipo de incapacidade alocado a eles durante um longo período. Ou seja, de que o fato de não utilizarem uma língua de canal oral-auditivo os fazia menos capazes ou até

incapazes sob o viés da falta de algo (audição) ou da falha na comunicação efetiva (oral).

No entanto, o que se tem admitido ao longo dos anos é que os surdos se organizam politicamente, e que suas convivências entre os pares linguísticos, bem como com os ouvintes⁴, são o que proporcionam a produção de uma cultura surda, a qual, como já destacado, tem caráter multifacetado.

Perlin e Strobel (2014, p. 27) chamam atenção ao fato de que

a língua de sinais vem assumindo um lugar cada vez mais relevante, não só nas pesquisas, mas também nas comunidades surdas. Embora se encontrem registros de que já no século XVIII se reconhecia a importância da Língua de Sinais, foi somente no século XX, nos anos 1960, que tiveram início os primeiros estudos linguísticos sobre ela.

Tais estudos foram pioneiros e extremamente importantes para a configuração do cenário atual em toda esfera mundial, assim como para as comunidades surdas de diferentes culturas e países – incluindo as comunidades surdas brasileiras – e contêm a trajetória histórica da Libras, que apresentaremos nesta seção. O olhar descritivo acerca de uma determinada língua precisa estar envolto por estudos de elementos históricos que a compõem e, por esta razão, julgamos necessário descrever, pelo menos parcialmente, esse trilhar linguístico.

Há que se considerar que, quando atentamos para a análise de uma língua, precisamos ter claro que os estudos dos diferentes fenômenos que envolvem a linguagem devem ser considerados para uma melhor compreensão de seu uso e de suas finalidades durante o uso. Conforme Bakhtin e Volochínov (1999, p. 123):

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Sobre a interação linguística baseada em aspectos que compreendem a linguagem como intrínseca a atuação humana, a língua está compreendida como inseparável da interação. Isso porque, desde a mais tenra idade o ser humano busca por seus referenciais em seu entorno, sendo que os estímulos linguísticos e os aspectos

⁴ Terminologia utilizada nesta pesquisa para diferenciar as pessoas que ouvem e adquirem como primeira língua aquela compreendida pelo canal oral, podendo ser fluentes ou não em língua de sinais como segunda língua.

culturais e sociais constituirão sua formação como sujeito ativo e pertencente a um determinado grupo, e estabelecerão, também, sua identidade com base na subjetividade que está presente no processo de construção da mesma.

Assim sendo, o desenvolvimento dos sujeitos surdos também é decorrente dessas experiências, que o formarão como sujeitos. Conforme refere Góes (1996, p. 38), os problemas comumente apontados como característicos da pessoa surda são, por diversas vezes, produzidos pelas condições sociais em que estes sujeitos vivem. Portanto, pode-se afirmar que não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, uma vez que as possibilidades oferecidas pelo grupo social é que podem contribuir ou não para seu desenvolvimento, “em especial para a consolidação da linguagem”.

Entendemos ser de extrema importância a discussão de políticas linguísticas que assegurem que as pessoas surdas, que utilizam da língua de sinais para sua comunicação e aprendizado, tenham acesso ao conhecimento sobre a composição de sua língua natural, ainda na mais tenra idade. Isso permitirá uma apropriação linguística mais eficiente e satisfatória, que irá contribuir para seu processo de pertencimento cultural e linguístico, culminando em uma socialização efetiva que respeite a diversidade linguística da comunidade surda.

Quadros (2017, p. 35) destaca que

a língua de sinais é trazida como elemento constituidor dos surdos na relação com outros surdos e na produção de significados a respeito de si, de seu grupo, dos outros e de outros grupos [...]. O processamento mental é rápido e eficiente, além de abrir possibilidades de troca efetiva e o compartilhar, o significar, o fazer sentido. Os caminhos comuns passam por formas surdas de pensar e significar as coisas, as ideias e os pensamentos necessariamente na língua de sinais.

Com base no exposto, julgamos pertinente fazer alusão, ainda que de maneira bem sucinta, a momentos distintos que os surdos vivenciaram em sua trajetória histórica, evidenciando que a eles, durante muito tempo, foi tolhido o direito de (re)conhecer sua língua, tendo como obrigatoriedade a utilização de mecanismos que os ensinassem a oralizar os sons que não eram ouvidos. Essa prática acarretou, por muito tempo, prejuízos linguísticos e sociais incalculáveis em várias gerações, levando a um desconhecimento, por parte dos próprios surdos, das questões que compõem as línguas de sinais.

Sobre a história dos surdos, Witches (2021, p. 147) discorre que:

a história dos surdos, entretanto, começou a ser mais registrada na medida em que os princípios humanísticos da Modernidade, na esteira da governamentalização do Estado, possibilitaram as condições para que esses sujeitos ingressassem na vida em sociedade. Esse ingresso, entretanto, custaria o abandono de um comportamento linguístico tido como abjeto se considerarmos que, como mostrou Elias (2011), a demonstração explícita das emoções e os gestos de movimento acelerado que tendem a seguir esse comportamento – duas características comuns na comunicação em língua de sinais – compunham aquilo que precisaria ser rejeitado durante o processo civilizador do homem moderno.

Para uma melhor contextualização da língua estudada nesta pesquisa optamos em fazer menção às lutas e à persistência do povo surdo para que sua língua fosse valorizada e preservada. É possível afirmar, desta forma, que o aumento dos estudos científicos oriundos de pesquisadores surdos tem contribuído para a emancipação dos mesmos como agentes ativos das construções e transformações de sua língua.

Tais lutas têm colaborado para a emancipação destes sujeitos, os quais tiveram sua história, conforme salienta McCleary (2003, p. 104), contada e regida por outros:

grande parte da história dos surdos foi escrita por pessoas que ouvem, e a história que existe é, em grande parte, uma história das instituições e conceitos criados pela escuta para e sobre os surdos. Esta situação não é diferente de outras minorias, que foram mantidos à margem da história e cujas histórias foram contadas por outros e do ponto de vista de outros (tradução nossa).

Gianotto e Marques (2021), em suas pesquisas, destacam o protagonismo da pessoa surda, bem como a necessidade da busca por ocupação de espaços antes pertencentes a grupos majoritariamente ouvintes. Além disso, debatem que as ações de empoderamento e de visibilidade contribuíram para territorializar o surdo linguisticamente.

Colaborando com esta contextualização, é importante citar a resistência dos surdos em manter sua língua em períodos autoritários, nos quais as comunidades surdas eram proibidas de fazer uso de sua língua em espaços educativos e de convivência social. Isso porque, ideias e preceitos um tanto quanto obscuros julgavam as LSs inapropriadas para o desenvolvimento dos sujeitos surdos. Retratando este período histórico, Quadros (2017, p. 34) registra que:

os surdos adquiriram a língua de sinais pela “janela”, como diz Basso (2003), mas a assumiram e perpetuam por meio de seu uso com outros surdos, valores, ideias e concepções de mundo. Resistiram criando espaços fora da escola: nos pontos de encontro, nas associações de surdos e nas casas dos pares surdos, onde, ao se encontrarem, conversavam entre si, planejavam os

encontros, organizavam as festas em sua própria língua, ou seja, a língua brasileira de sinais.

Ao se pesquisar sobre essa língua e sua comunidade, assim como outras línguas que são alocadas em estado minoritário, identificamos ser necessário discutir suas lutas e ações que permitiram resistir frente a uma sociedade que tende a imperar ações que levam a uma postura de ideário homogêneo.

Para Miorando (2006, p. 78),

o movimento surdo, no mundo, proporcionou uma organização política que avança no sentido de superar a marginalização, trazendo esse sujeito para os espaços que o enxerguem como um cidadão. É uma organização que atua a partir de estratégias que buscam romper estereótipos que ameacem a sua acessibilidade a uma gama de direitos adquiridos, principalmente, a uma educação de qualidade.

Perlin e Strobel (2014) ressaltam que a história cultural contemporânea se constitui e é derivada do enfraquecimento dos antigos modelos que imperavam nas grandes estruturas e, como consequência disso, um possível suporte que tanto a antropologia quanto a linguística lhes oferecem, contribuindo para uma maior consciência acerca da imensa variedade e amplitude das sociedades humanas. Neste sentido, as autoras apontam que “as fragmentações acompanham a história cultural, ou seja, os grupos, comunidades, etnias de margens e de fronteiras. E a história é pensada em termos de tensões, relações e conflitos” (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 18).

Muito embora tais conflitos e tensões não sejam o foco principal desta pesquisa, estas questões estão imbricadas em análises que compõem estudos sobre grupos minoritários, uma vez que a busca pelo reconhecimento linguístico das comunidades surdas foi, de certa forma, traçando novas rotas de investigações científicas que contribuíram com a comprovação de seus *status* linguísticos, bem como com novas observações dos campos da linguística.

De acordo com a compreensão de Quadros (2017, p. 34),

a Libras, língua brasileira de sinais, é visuoespacial, representando por si só as possibilidades que traduzem as experiências surdas, ou seja, as experiências visuais. Os surdos veem a língua que o outro produz por meio do olhar, das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua vista no outro.

Se a língua deve estar presente para o desenvolvimento do ser humano, não há como distanciar isso da realidade surda, e destacar a importância de mais estudos que emergam no campo da linguística. Como refere Castro Júnior (2015, p. 18), a língua de sinais precisa ser “considerada como língua de cultura, como o são as línguas orais de modo geral, seja no contexto das línguas naturais, seja no contexto das línguas estrangeiras, em ambos os casos, como expressões culturais e concernentemente linguísticas”.

Caporali e Dizeu (2005, p. 588) afirmam que “a língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno”. Semelhante ao que se possibilita às crianças ouvintes, propõe-se que esse acesso deva ser garantido em todos os contextos escolares, visando o pleno desenvolvimento destes sujeitos desde os anos iniciais.

Fato é que, ao se pesquisar as LSs e seu processo constitutivo, faz-se necessária a compreensão de que tais línguas envolvem movimentos que significam a possibilidade de organizar as ideias e estruturar o pensamento, contribuindo com a manifestação do sentido da vida para os surdos, usuários desta língua (QUADROS, 1997).

Na tentativa de situar esta pesquisa linguística no cenário atual, vivenciado pelos usuários da língua pesquisada, bem como compreender de que maneira alguns direcionamentos foram ocorrendo à medida que novos desdobramentos se tornaram necessários para atender esse grupo linguístico em situação minoritária, versaremos a seguir sobre alguns aspectos históricos da língua de sinais brasileira. Estes aspectos fazem parte de um compilado maior que envolve lutas, engajamentos, entre outras ações de empoderamento que, sem elas, talvez os surdos ainda estariam à mercê de um universo oral que contrasta com sua experiência de vida visual-espacial.

2.2 Aspectos Históricos da Libras

Antes de adentrarmos aos aspectos linguísticos da Libras, ponderamos percorrer, ainda que de maneira breve, o contexto histórico que emoldura toda a trajetória das línguas de sinais. Com isso, buscamos compreender esse processo de construção que compõe os direcionamentos legais e as abordagens de cunho social e linguístico dos surdos e de sua língua, composta por um sistema linguístico completo e complexo.

Por um longo período da história, as línguas de sinais não eram aceitas e compreendidas como línguas completas, sendo negada a existência de todas as funções

e variáveis pertencentes a um sistema linguístico completo. Contudo, o aumento das pesquisas científicas a respeito destas línguas tem corroborado com a desmistificação de muitos conceitos estabelecidos erroneamente em sua trajetória histórica, bem como alguns equívocos a respeito das línguas de sinais se transformaram em mitos que permeiam até os dias atuais.

A esse respeito, Leite (2008, p. 12) ressalta que:

embora a necessidade de abertura para a singularidade das LSs possa parecer um tanto óbvia, o fato de tais línguas terem sido desprezadas, discriminadas e reprimidas por séculos – uma situação que ainda não foi completamente superada – acabou inevitavelmente colocando os pesquisadores da área numa posição de defesa: a de precisar comprovar, continuamente, que tudo o que já foi demonstrado cientificamente sobre as LOs pode também ser aplicado às LSs.

Retratando um pouco desta historicidade do povo surdo, é possível afirmar, de acordo com Strobel (2008), que sua presença e sua língua são tão antigas quanto a humanidade. Ocorre que, em muitos contextos e momentos históricos, esses sujeitos não foram respeitados e, com isso, sua língua também esteve à margem, gerando desconfortos que ainda perduram e que nos instigam a evidenciá-los, em busca de uma visibilidade e acessibilidade linguística efetivamente real.

É importante destacar que os estudos da linguagem na modalidade visual-espacial ganharam um espaço considerável no campo de investigação da linguística em meados da década de 1960, com os trabalhos do linguista norte-americano William Stokoe sobre a *American Sign Language* – ASL, e têm se intensificado e contribuído no campo da ciência, corroborando com a desmistificação de muitas ideias errôneas acerca da estrutura das línguas de sinais.

O linguista norte americano atuou como professor durante quase três décadas na Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos da América, foi o pioneiro nos estudos sobre as línguas de sinais, desenvolvendo algumas pesquisas linguísticas sobre aquela de origem norte-americana. Além disso, publicou o trabalho intitulado “Estrutura de Língua de Sinais”, no ano de 1960, onde propôs a análise dos compostos simultâneos dos sinais em três parâmetros: configuração de mão (CM), locação de mão (L) e movimento (M), os quais serão explorados na próxima subseção. Seus estudos foram de grande importância para os estudos linguísticos das LSs no meio acadêmico, uma vez que reconheceu as LSs como línguas naturais (COSTA, 2014).

Quadros (2004, p. 30), acerca dos estudos de Stokoe, afirma que o pesquisador observou que “os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior”, contribuindo, desta maneira, para a comprovação de que a língua de sinais atendia todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, confirmando, portanto, seu *status* linguístico.

Após isso, outros linguistas lançaram seu olhares e análises sobre as línguas de sinais no mundo todo, e o volume de pesquisas e interesses acerca da composição e construção dessas línguas tem aumentado, surgindo estudos no campo empírico que têm proporcionado desdobramentos que indicam e atestam os níveis gramaticais, fonológicos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos das LSs de diferentes países.

Segundo McCleary e Viotti (2011, p. 301),

ao longo de sua história, a linguística das línguas sinalizadas tem concentrado seus esforços no levantamento e caracterização de traços discretos, categóricos e arbitrários presentes no meio gestual, analógico e icônico que constitui a forma de expressão dessas línguas. Os resultados obtidos nessa empreitada têm evidenciado o caráter de língua natural das línguas sinalizadas, inserindo-as definitivamente na agenda de pesquisa da linguística contemporânea.

Neste sentido, voltamos a enfatizar o quanto os estudos linguísticos têm contribuído para este avanço, principalmente no quesito (re)conhecimento de uma língua que esteve à margem dos estudos linguísticos e restrita, por um longo período, aos estudos das línguas naturais relacionados somente às línguas faladas. Isso acarretou estereótipos e concepções equivocadas acerca desta modalidade linguística, o que ocasionou um certo empobrecimento estrutural das línguas de sinais que tem sido superado por maior visibilidade, estudos e circulação das mesmas.

Ainda consoante Quadros (2019, p. 29),

a Libras e muitas outras línguas de sinais no mundo já alcançaram reconhecimento jurídico e de fato. Como consequência disso, há um movimento nos estudos das línguas de sinais, já não mais preocupados com *status*, mas sim em explicar fenômenos linguísticos *per se*, específicos das línguas de sinais, não observados nas línguas faladas, ou que, pelo menos, não se manifestam da mesma forma nas línguas faladas, exatamente por serem línguas visual-espaciais.

É possível afirmar que muitos avanços e conquistas a respeito da língua brasileira de sinais estejam relacionados às lutas e aos engajamentos da comunidade

surda no reconhecimento de sua língua, bem como a pontos cruciais de organização quanto a visibilidade da língua, da cultura e da identidade desse grupo usuário de uma língua de uso minoritário no país.

Sobre isso, Lagares (2018, p. 121) destaca:

ser minoria não é uma questão numérica. As minorias existem sempre em relação a uma posição hegemônica dada. Por isso, prefiro falar em línguas em situação minoritária ou, simplesmente, línguas minorizadas, para me referir aos idiomas que não dispõem dos equipamentos a serviço das línguas hegemônicas; ou bem às situações em que uma língua se encontra à margem das estruturas de poder.

Segundo Duarte et al. (2013 p. 1714), é importante destacar e diferenciar que a língua oficializada para a população ouvinte é a língua de modalidade oral que, no caso do Brasil, é a língua portuguesa, assim como o é, na maioria dos casos, a língua majoritária dos familiares destes sujeitos e da sociedade como um todo. Entretanto, “para os surdos, a realidade é outra. Eles se comunicam pela língua de sinais e, por isso, são caracterizados como um grupo linguisticamente minoritário”.

Neste sentido, Gianotto e Marques (2021) nos fazem refletir sobre um possível “silenciamento” ainda existente para esta parcela da sociedade. Os autores asseveram que criar espaços que considerem a língua de sinais seria uma forma de “territorializar o surdo no seu lugar de origem, atribuindo-lhe competência e habilidade para expressar-se tanto pela sua língua materna, a Libras, quanto pela língua dominante do Brasil: a Língua Portuguesa na modalidade escrita” (GIANOTTO; MARQUES, 2021, p. 33).

No entanto, apesar da importância de mencionar tais lutas, precisamos fazer alusão a outro ponto, talvez ainda mais importante para esta pesquisa: o fato de que todo esse processo histórico contempla a evolução das pesquisas e investigações acerca dos aspectos linguísticos e estruturais que compõem e constituem a Libras, considerando a premissa de que eles têm contribuído para o enriquecimento linguístico dos sujeitos, usuários nativos desta língua – os surdos brasileiros.

Além disso, eles têm contribuído para o que Leite (2008, p. 12) aponta em sua tese de doutorado, ou seja, de que parece haver “um certo desprendimento científico em relação as questões políticas que envolvem a área da surdez”. Nesse sentido, o autor ainda destaca que essa mudança pode ser considerada “fundamental para o avanço da área e da ciência como um todo”.

Muitos foram os estudos e as estratégias políticas utilizadas para a contribuição da vitalização da Libras no país. Quadros (2006, p. 142) destaca que:

os movimentos sociais alavancados pelos surdos estabeleceram como uma das suas prioridades o reconhecimento da língua de sinais nos últimos quinze anos. Foram várias as estratégias adotadas para tornar pública a Libras. Entre elas, citamos os projetos de lei encaminhados em diferentes instâncias governamentais e a formação de instrutores de língua de sinais em vários estados brasileiros.

Tais movimentos e engajamentos contribuíram para o reconhecimento oficial desta língua no país, que teve seu marco temporal no país no ano de 2002, com a promulgação da Lei nº 10.436, que reconhece a Libras como língua nacional das comunidades surdas brasileiras, estabelecendo em seu artigo primeiro: “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002, *online*).

Este reconhecimento tem propiciado desdobramentos para o melhor atendimento dos usuários desta língua nos diferentes espaços sociais, proporcionando discussões e orientações acerca de alguns pontos importantes para essa parcela da sociedade. Contribuindo, sobre tudo, para a emancipação linguística das comunidades surdas do país.

Todavia, é importante ressaltar que tais línguas já vinham sendo estudadas e expandidas em todo território brasileiro. Destacamos o estado de Mato Grosso do Sul, que estabeleceu o reconhecimento oficial da Libras antes mesmo da promulgação da referida lei nacional, desde o ano de 1996, através da Lei nº 1.693, de 12 de setembro (MATO GROSSO DO SUL, 1996).

A referida Lei difere um pouco da nacional em suas terminologias para referenciar a língua, estabelecendo, em seu artigo primeiro que: “Fica reconhecida oficialmente pelo Estado de Mato Grosso do Sul a língua gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como meio de comunicação objetiva de uso corrente” (MATO GROSSO DO SUL, 1996).

No Brasil, os poucos registros históricos disponíveis indicam que a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), situado até a presente data no Estado do Rio de Janeiro, pode ser considerado um marco histórico da língua de sinais no país. Alguns registros mencionam a língua brasileira de sinais como língua utilizada pela comunidade surda local, já no ano de 1856, tendo como influência linguística a língua

de sinais francesa (LSF), em virtude da presença do professor surdo francês Huet (CAMPELLO, 2011).

Para Leite e Quadros (2014, p. 20), há que se ponderar alguns pontos ao fazer essa retrospectiva histórica da LS no país, uma vez que, apesar de não haver registros específicos, há indícios de que os surdos brasileiros já dispunham de uma língua de sinais original ainda no século XIX, antes mesmo da chegada do professor surdo ao Brasil. Sendo assim, é possível afirmar que “a atual Libras seja produto de um processo histórico de crioulização entre as línguas de sinais originais do Brasil e a língua de sinais trazida pelos educadores franceses”.

De acordo com Quadros (2017, p. 43),

os primeiros artigos e livros publicados sobre a Libras são de Ferreira Brito (1984, 1990, 1995). Ferreira Brito (1984) apresentou duas línguas brasileiras de sinais, a língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (atualmente referida como Libras), focando a variante de São Paulo, e a língua de sinais Urubu-Kaapor, pertencente à família tupi-guarani, uma língua usada na comunidade indígena Urubu-Kaapor no interior do Maranhão.

Além do reconhecimento, tal lei, em seu artigo 2º, também dá direcionamentos para o apoio e a difusão da Libras em todos os segmentos sociais do país, o que também contribuiu para as desmistificações, pois quanto mais a língua torna-se visível, mais a sociedade em geral reconhece suas peculiaridades e características.

No entanto, Quadros (2007, p. 08) considera que

as políticas linguísticas ainda mantêm uma hierarquia vertical entre o português e as demais línguas no Brasil, apesar de algumas iniciativas no sentido de reconhecimento das “diversidades” linguísticas do país. [...]. Os espaços políticos que cada língua representa para uns e para outros não são os mesmos. Os vieses são ambivalentes constituindo o que Bhabha (2003) refere como os entre lugares por meio de relações intersticiais. [...]. Daí podemos partir para as negociações nos embates sobre as políticas linguísticas. “Negociações” somente são possíveis quando o outro deixa de ser convidado e passa a ser integrante da rodada. Enquanto convidado, a sua posição sempre é subalterna a de quem o convidou.

Não obstante ao que vinha ocorrendo no mundo todo, tal oficialização trata-se de um princípio norteador importante, uma vez que atende ao reconhecimento necessário para a continuidade e para o desdobramento de novas ações de políticas linguísticas imprescindíveis para que a língua brasileira de sinais estivesse cada vez mais em evidência empírica. Assim, contribuiu, também, para novas linhas de pesquisas e para a constituição de novos segmentos que abarcassem os estudos das LSs.

Como *continuum* desse processo de reconhecimento, foram surgindo outros tantos desdobramentos legais e direcionamentos, todos oriundos de algumas necessidades que passaram a existir. Isto é, à medida que os surdos foram ocupando diferentes espaços da sociedade e, com isso, sua língua posta cada vez mais em evidência, emergiram novos interesses científicos.

Dentre os avanços que têm colaborado para a maior visibilidade e sustentação do *status* linguístico da comunidade surda nacional, Leite e Quadros (2014, p. 21) destacam alguns, a saber:

a) a criação de cursos de Letras-Libras [...]; b) a criação do exame de certificação nacional de proficiência em Libras (PROLIBRAS) [...]; c) a intensificação da produção científica voltada para a Libras em nível de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu* [...]; e d) a inclusão da Libras como disciplina obrigatória dos cursos de licenciatura, fonoaudiologia e educação especial, acompanhada pelo ingresso gradual de surdos como professores efetivos em universidades públicas brasileiras.

Destes, talvez o mais propulsor seja a criação dos cursos de licenciatura e bacharelado em Letras Libras, apontados por Quadros (2015a) como equivalentes a outros cursos de línguas no país, que teriam por objetivo principal formar bacharéis e licenciados na língua em estudo. Tais cursos, alocados em diversas regiões do país, têm evidenciado o uso e o estudo da Libras, contribuindo para a visibilidade e instigando um quantitativo maior de investigações que resultam em uma gama muito vasta de assuntos e abordagens pertinentes à língua e seus usuários. Para exemplificar algumas ramificações, citamos os estudos da tradução, a literatura surda, o processo de aquisição da LS, dentre outras tantas áreas.

Quadros (2013), ao realizar um levantamento de teses e dissertações com referências à língua brasileira de sinais e seus aspectos linguísticos, apontam que:

dentro da própria Linguística, percebemos que as pesquisas começam a adentrar novas áreas de investigação para além da Fonologia, Morfologia e Sintaxe, produções começam a prometer publicações nos campos da Sociolinguística, Políticas Linguísticas, Semântica, Pragmática, Análise do Discurso e Semiótica. O espaço é bastante profícuo (QUADROS, 2013, p. 31).

Esse viés emancipatório tem proporcionado a ramificação de pesquisas que abordam questões para além da gramática, que é o caso da investigação que constitui a construção desta tese de doutorado. Estas questões, portanto, coadunam com os estudos

da contemporaneidade, revelando riquezas que as línguas, de uma forma geral, possuem, bem como motivando cada vez mais estudos linguísticos de línguas ainda pouco exploradas.

Além dos pontos apresentados, é possível afirmar que, como salientam Quadros e Stumpf (2018, p. 21),

as pesquisas com a Libras têm se fortalecido com a política que a reconhece como língua nacional no Brasil. Além disso, o fato de dispormos de ferramentas tecnológicas que favorecem a análise de produções em sinais também se tornou um aliado na produção de pesquisas com Libras.

Sem dúvida, o dispositivo legal que reconhece a língua oficialmente e a contínua busca de ajustes relacionados ao atendimento dessa parcela da sociedade em todas as esferas sociais – a fim de alcançar acessibilidade linguística efetiva – tem influenciado o aumento nas pesquisas e o interesse pela Libras, bem como um desvelar de muitos conceitos ainda um tanto quanto desconhecidos por parte de muitos.

Alguns aspectos têm tido uma significativa relevância para a confluência de tais pesquisas e, dentre eles, podemos citar as tecnologias em geral como outro marco que tem permitido uma maior interação entre os surdos de diferentes regiões do país e do mundo. As trocas de informações e a circulação da língua têm contribuído para esta visibilidade, assim como têm possibilitado a troca informativa e comunicativa que gera a movimentação da língua e a ramificação das variedades linguísticas.

Quadros (2013) indica que a tecnologia tem se tornado aliada de pesquisas como as que analisam as LSs em seus aspectos constitutivos e linguísticos, pois podem contar com a captura de vídeos de diferentes maneiras para uma exploração mais sistêmica e detalhada. Outro avanço que alguns pesquisadores indicam tem relação com a movimentação da língua por meios tecnológicos, uma vez que os nativos conseguem se comunicar à distância, ocorrendo uma troca comunicativa mais rápida, favorável à língua e suas mudanças contínuas.

Determinados aparatos tecnológicos, considerados por Quadros (2013) como “aliados”, estão diretamente ligados a esta pesquisa e descritos no campo da metodologia, tanto na coleta de dados quanto na forma de análise do corpus, onde utilizamos o *software* mencionado e detalhado na referida seção. O uso destas tecnologias nos permitiu um viés descritivo mais detalhado, tornando a análise da língua estudada mais eficaz.

Ano após ano, os estudos e o interesse por pesquisas que discorrem sobre as LSs e sua estrutura linguística têm aumentado e colaborado, cada vez mais, para a valorização desta modalidade linguística. Com isso, muitos campos têm se aberto e novos diálogos surgido, caminhando para uma reestruturação com novas propostas investigativas, que têm feito com que pesquisadores desenvolvam verificações em uma área um tanto quanto desconhecida – tal desconhecimento pode ser consequência, inclusive, do não reconhecimento da mesma por muito tempo.

Outro destaque significativo no que diz respeito a este processo histórico que está sendo exposto é o Decreto nº 7.387/2010 (BRASIL, 2010), que estabelece o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL. Este documento trata de um instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas de diferentes grupos da sociedade brasileira, e tem contribuído para o reconhecimento e o estudo das políticas linguísticas brasileiras, incluindo as línguas de sinais. Dentre as ações que compõem o referido inventário, está a de registrar as línguas nacionais, identificadas pelas comunidades brasileiras, e estabelecer políticas que garantam o uso e a permanência destas línguas (QUADROS; STUMPF, 2018).

Destacamos que o corpus que utilizamos para esta pesquisa, que será apresentado na seção destinada à metodologia, faz parte desta documentação, dentro de um dos segmentos originados por este inventário nacional.

Observamos que, aos poucos, iniciativas como estas tem confluído para o possível aumento do interesse por análises e descrições desta modalidade linguística, com objetivos alavancados pelo interesse em ocupar campos de pesquisas nas áreas dos estudos linguísticos (assim como em outros campos da ciência). Com isso, contribuem com a quebra de muitos paradigmas referente às LSs, permitindo, então, maior visibilidade das pessoas surdas, usuárias desta língua.

Não obstante do que vem ocorrendo no mundo todo, no Brasil, muitos pesquisadores têm se sentido instigados a conhecer e dar tal visibilidade a estas línguas; outros, ainda, têm migrado para esta área da linguística a fim de avolumar os estudos e as investigações nas diferentes vertentes e correntes destinadas aos estudos linguísticos. Isso demonstra que, quanto mais a língua “aparece”, mais os pesquisadores se sentem motivados a conhecê-la.

Gianotto e Marques (2021, p. 31) discutem sobre o protagonismo da pessoa surda e destacam que “a ‘ocupação’ linguística, aqui no sentido de visibilidade social, é o nosso único meio de autodefesa”, pois, segundo os autores, “ao valorizar a Libras,

valorizam-se os sujeitos que a têm como principal meio de comunicação, atribuindo-lhes o direito a fala/sinalização”.

Leite e Quadros (2014), trazendo os apontamentos de Nonaka (2004), dialogam sobre a importância do reconhecimento, do estudo e do registro das línguas de surdos nativos de diferentes regiões, apontando as possíveis causas de esquecimento pela qual perpassaram as línguas de sinais como um todo.

Nonaka aponta as causas desse esquecimento fazendo um panorama histórico que, interessante, se mostra pertinente a todas as línguas de sinais no mundo: até a década de 60, quando foram publicados os trabalhos seminais de William Stokoe sobre a língua de sinais americana (ASL), as línguas de sinais nunca haviam sido vistas pela academia e pela sociedade como línguas naturais, com o mesmo estatuto das línguas orais – fato associado ao estatuto deficitário atribuído às pessoas surdas, que nunca haviam sido vistas como um grupo social dotado de uma língua e cultura particulares (LEITE; QUADROS, 2014, p. 16).

Silva (2014, p. 184) assevera que “os estudos das línguas sinalizadas iniciaram suas investigações explorando seus fenômenos linguísticos a partir de perspectivas voltadas a gramática e estrutura linguística”. Isso se deu com o objetivo inicial de comprovar seu *status* linguístico, tendo, posteriormente, um viés cada vez mais aguçado na busca por estudos que comprovassem, não mais apenas seu *status* de língua, mas que articulassem, de forma análoga, esboços de outras línguas da modalidade oral-auditiva.

Em contraponto, Witchs (2021) observa que, apesar do conjunto de políticas linguísticas que esboçam discussões pertinentes e necessárias,

a língua de sinais tem figurado ora como uma ferramenta pedagógica para o ensino das crianças surdas, ora como um instrumento de inclusão, por permitir sua acessibilidade. Entretanto, nas políticas linguísticas para surdos, a língua de sinais pouco aparece como elemento linguístico-cultural a partir do qual é possível exercer cidadania e livre expressão (WITCHS, 2021, p. 150).

Concordando com o autor, indicamos que quanto mais presentes os estudos linguísticos estiverem do cotidiano de vida das pessoas surdas, sua condição linguística será aprimorada. Dessa forma, o pertencimento a esta língua e cultura estarão arraigados à sua emancipação, rompendo a vulnerabilidade linguística e proporcionando possibilidades de aprofundamento dos diferentes aspectos que compõem tal língua.

Certamente, a marca linguística não é a única questão a ser discutida sobre a surdez. Porém, é através da legitimidade da língua que será possível ao surdo novas

perspectivas que não sejam as direcionadas pelas representações patológicas, uma vez que ao “tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural” (GESSER, 2009, p. 09-10).

Perlin e Strobel (2014, p. 27) afirmam que:

em termos históricos, a metade do século XX constituiu o marco da descontinuidade e as diferenças surgem como formas do exercício do poder. Consequentemente, uma série de empoderamentos vai tomando formas entre os surdos. A intenção aqui não é elencar estas conquistas, mas trazer presentes significações históricas, pensar este empoderamento transparente e imprescindível que faz acreditar em sua influência.

Esses “empoderamentos” têm levado a quebra de muitos paradigmas e rompimento de concepções equivocadas acerca da surdez e de todos os aspectos que a cercam, dentre eles os que pretendemos destacar nesta pesquisa: aqueles relacionados aos aspectos linguísticos. Estes desdobramentos têm proporcionado às comunidades surdas uma gama de pesquisas acerca da Libras que revigoram ainda mais a visibilidade necessária para o contínuo empoderamento de toda comunidade surda, além de permitir que outros grupos linguísticos conheçam e prestigiem essa língua sinalizada.

Para Harisson (2021, p. 34), “toda essa movimentação provoca, em primeiro lugar, a exposição da LIBRAS para uma parcela da população que antes a desconhecia”, o que tem se tornado um ponto importante, contribuindo, também, com o empoderamento dos surdos e de sua língua natural.

É possível afirmar que a abrangência das pesquisas para além do cunho político-educacional pode ser resultado dessa busca pelo conhecimento legítimo da língua de sinais por parte dos usuários da mesma, assim como de toda sua comunidade. Nesse sentido, proporcionar à comunidade surda efetiva e constante participação nos estudos linguísticos que investigam a Libras e permitir a compreensão dos aspectos linguísticos que compõem sua língua, pode levar a níveis de maturação e emancipação necessárias para romper com a hegemonia linguística existente, com base na identificação e na apropriação de todos os seus aspectos constitutivos.

2.3 Compreendendo a Estrutura da Libras

Para desenvolver a proposta deste tópico, debruçamo-nos nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009), Quadros (2017; 2019) e Leite (2008), pesquisadores que contemplam em suas obras uma descrição linguística que contribuirá para a explicação das concepções linguísticas da Libras, auxiliando na desmistificação de alguns aspectos relacionados às LSs.

Com este propósito, traremos a explanação e discussão a respeito da estrutura linguística que compõe as LSs, abordando pontos importantes para a desmistificação de muitos aspectos destas línguas. Como mencionamos, muitos equívocos ainda persistem no campo da compreensão deste sistema linguístico visual-espacial. Tais equívocos são, muitas vezes, oriundos de uma trajetória marcada pelos diferentes contextos de luta e aceitação, já apresentados acima acerca das LSs e os sujeitos surdos.

Julgamos importante, ainda, alguns esclarecimentos sobre a estrutura da língua por considerarmos que, dentro do campo pesquisado, e apesar dos avanços já apresentados aqui, há que se empenhar no esforço de desconstruir e romper com paradoxos que permeiam esta língua, os quais estão imbuídos de concepções que foram alicerçadas por anos, décadas e séculos de conceitos pré-construídos sobre estes sujeitos e sua língua.

Romper com estes paradoxos, ou melhor ainda, esclarecer alguns destes equívocos que os constituíram é parte importante desta pesquisa, tendo em vista que, possivelmente, o resultado aqui apresentado percorrerá outros segmentos e contribuirá com o alcance desta visibilidade linguística, podendo proporcionar novos percursos e investigações em níveis ainda maiores de detalhes.

Iniciamos essa explanação acerca das concepções linguísticas da Libras trazendo as observações de Góes e Campos (2021, p. 66):

nas línguas orais-auditivas, existem as palavras (estrutura mínima de significação), e nas línguas de sinais também existem os itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A diferença encontra-se na sua modalidade de articulação, que é visual-espacial. [...] não basta apenas conhecer os sinais, sendo fundamental conhecer sua gramática própria, usada de acordo com o contexto das expressões pretendidas.

Observamos que os estudos relacionados à melhor compreensão sobre como ocorre a estruturação das LSs no campo da linguística têm recebido maior atenção e têm cooperado para uma maior visibilidade dos sujeitos surdos. Isso tem ocorrido nos

diferentes contextos sociais e contribuído para um maior esclarecimento e quebra de muitos paradigmas que envolvem a língua de sinais. No entanto, urge ações que favoreçam a promulgação dos campos científicos que envolvem a constituição da língua e seu uso, cooperando para a emancipação das línguas de sinais.

Neste sentido, Leite (2013, p. 38) salienta que,

dentro de uma visão do senso comum, as línguas de sinais não são enxergadas como línguas naturais, com o mesmo estatuto das línguas orais, e por isso as pessoas surdas até hoje lutam para ter a sua língua plenamente reconhecida. Na verdade, num olhar superficial, as línguas de sinais parecem totalmente distintas das línguas orais: as primeiras seriam produzidas com as mãos e apreendidas pela visão, enquanto as últimas seriam produzidas com a boca e apreendidas pelos ouvidos.

Quadros e Karnopp (2004) sinalizam que as línguas de sinais são consideradas pela linguística como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Apontam, ainda, que o rompimento de tal concepção é imprescindível para que a aceitação efetiva das pessoas surdas aconteça de maneira plena, respeitando sua condição linguística.

Por se tratar de uma língua natural, a Libras está organizada como um legítimo sistema linguístico. Quadros e Karnopp (2004, p. 30), a respeito dos estudos do linguista Stokoe, afirmam que “os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior”. As autoras destacam, também, que “apesar das diferenças entre as línguas, as estruturas apresentam aspectos comuns que interessam às investigações linguísticas por explicarem a natureza da linguagem humana” (p. 17).

Gesser (2012) refere que, por vezes, é difícil a compreensão e a aceitação de que a enunciação pode ter uma construção diferente da utilizada pela sociedade geral, ouvinte, que utiliza do canal oral-auditivo para se comunicar e interagir. Nesse sentido, a autora rebate que há:

uma percepção quase unânime quando se fala sobre língua de sinais àqueles que nunca tiveram contato com surdos. Indagação que nos leva a concluir que a única forma possível de realização linguística humana é através do canal de comunicação oral, ou seja, falar envolve sonoridade e requer o uso de nossas bocas e ouvidos (GESSER, 2012, p. 68).

Consoante Nascimento e Daroque (2019, p. 46), a modalidade linguística é “um conceito utilizado para expressar os diferentes tipos de materialidade da linguagem humana e está relacionado, diretamente, com as vias de produção e de recepção das

línguas”. Assim, com o intuito de esclarecer um pouco mais algumas características da modalidade linguística a qual faz parte a língua aqui pesquisada, utilizamos do compilado feito pelos autores citados que utilizam a terminologia “gesto-visual” para identificar as LSs. Segue, abaixo, algumas características apresentadas no estudo de Nascimento e Daroque (2019, p. 47):

tem como principal meio de produção as mãos, que, articuladas a partes do corpo, produzem a discursividade nos espaços em frente ao corpo, dos lados, acima/abaixo do tronco corporal ou no próprio corpo do falante. Como via de recepção, a visão e toda a sua composição orgânico-fisiológica constituem o canal por onde as informações linguísticas são recebidas.

Portanto, como evidenciado por Quadros (2019), os estudos iniciais sobre as línguas de sinais tiveram como função principal convencer os linguistas e outros agentes de políticas linguísticas e educacionais de que as línguas de sinais eram, de fato, línguas dotadas de componentes linguísticos e não apenas gestos soltos, como se pensou por um longo tempo equivocadamente.

No Brasil, de acordo com Quadros e Stumpf (2018, p. 21), especificamente, os primeiros estudos linguísticos registrados da LS brasileira iniciaram no final da década de 1980 e início da década de 1990, com estudos de Ferreira-Brito (1984; 1990; 1995), Quadros (1995) e Karnopp (1994; 1999), contando com análises que contribuíram de maneira significativa para a legitimação da Libras. As autoras afirmam que “Estes tiveram um impacto importante na proposição do reconhecimento da Libras, pois subsidiaram cientificamente os argumentos quanto ao estatuto linguístico desta língua”.

O que tem se pretendido, com as variadas pesquisas que têm surgido, é exatamente essa superação do estigma da palavra entre os surdos, buscando um estudo mais atencioso das propriedades organizacionais do sistema de Libras, assegurado pelo estatuto linguístico próprio que possui. Assim, confirma-se a descrição da língua como um sistema organizacional singular, imbricado à cultura surda e à identidade, social e intelectual, dos usuários desta língua (SENNA, 2019).

Para desenvolver a proposta deste tópico, debruçamo-nos nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009), Quadros (2017; 2019) e Leite (2008), pesquisadores que contemplaram em suas obras uma descrição linguística que contribuirá para a explicação das concepções linguísticas da Libras, auxiliando na desmistificação de alguns aspectos relacionados às LSs.

Com o intuito de explicar um pouco mais os pontos que, por vezes, ainda permanecem desconhecidos sobre a Libras e que fazem parte de sua estrutura linguística, apontamos o que indicam Quadros e Karnopp (2004, p. 30) quando afirmam que os estudos acerca destas línguas já comprovam que as mesmas possuem características consideradas naturais:

reunindo algumas das características atribuídas às línguas naturais, [...] pode-se dizer que uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre seus usuários.

Das características citadas pelas autoras, Leite (2008, p. 34) ressalta, na construção de sua tese, que as pesquisas desenvolvidas na área apontam que os pesquisadores conseguiram “demonstrar de que maneira os diferentes níveis de análises que integram o estudo das LOs podem se manifestar em língua de modalidade distinta”, tais como as LSs.

Muitas destas comprovações têm colaborado para diversas desmistificações, dentre elas a ideia de unificação entre pantomima⁵ e LS como tendo o mesmo valor significativo dentro do ato comunicativo. Gesser (2009), entretanto, fundamentada nos estudos sobre a LS americana realizados por Klima e Bellugi (1979), que a pantomima pode ter uma variação incalculável de ideias em sua representação, enquanto que os sinais produzidos representam o símbolo convencionado para determinado referente. A autora reafirma que tais estudos ajudam, significativamente, a romper com falsas ideias sobre o valor linguístico que, muitas vezes, é retirado dessa modalidade em questão.

A língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais (GESSER, 2009, p. 21-22).

Apesar do exposto acima (da necessidade de diferenciação entre pantomima e LS), precisamos evidenciar que, por se tratar de uma língua que se constitui de forma visual-espacial, a gestualidade está relacionada às LSs em sua concepção gramatical e

⁵ Termo utilizado para representações teatrais e artísticas, em que uma história é representada exclusivamente através de gestos, expressões faciais e movimentos, podendo ser compreendido, também, de forma mais informal como mímica.

há diversos estudos que contribuem, sobremaneira, para essa valorização de cunho linguístico, assegurando, assim, algumas analogias com os estudos nas LOs.

Dentre os estudos, citamos os que compõem a tese de Leite (2008), que indicam, entre outras questões, que a gestualidade é parte integrante do uso vivo da LS, estando relacionada aos aspectos prosódicos e semânticos da língua em uso. O autor ressalta, ainda, que:

o fato de as LSs serem produzidas pelo canal gestual-visual sempre colocou em questão em que medidas seria possível estabelecer limites claros entre elementos da gramática (considerados regrados, arbitrários e discretos) e elementos da gestualidade (considerados *ad hoc* motivados e gradientes). Pesquisas acumuladas nas últimas duas ou três décadas tem indicado que, embora seja possível separar analiticamente esses dois níveis de produção da língua, a diferença entre ambos parece ser mais de grau do que categórica (LEITE, 2008, p. 45).

Sobre a gestualidade nas línguas de sinais, McCleary e Viotti (2011, p. 90) debatem ser razoavelmente fácil nas línguas orais separar o que é linguístico do que é gestual, no entanto, “[...] nas línguas sinalizadas, o fato de o canal de produção de língua e gesto ser o mesmo dificulta imensamente a tarefa de definir o que é propriamente verbal e o que é propriamente gestual”.

Partindo desta observação, destacamos que a análise e descrição de uma língua que utiliza deste canal interativo precisa ter claro e evidenciar os elementos linguísticos que a compõem dentro do espaço linguístico apresentado durante a sinalização, bem como evidenciar estes itens como componentes da sentença gramatical construída. Dentre os pontos a serem destacados, podemos citar o grau elevado de iconicidade que as LSs apresentam, Klima e Bellugi (1979) indicam em sua pesquisa seminal acerca da LS americana, que não há como negar o caráter mimético e icônico que está na constituição originária de muitos sinais da língua, no entanto, os autores se apontam que estes sinais apresentam qualidades formais que permitem sua descrição sistemática sem se prender apenas as características miméticas.

Os autores ainda ressaltam que, os sinais passam por processos regulares de mudança de forma e extensão de significado, da mesma maneira que ocorre em LOs, sempre com intuito de promover as variantes que uma língua natural precisa para transmitir uma determinada mensagem ou conceito dentro do movimento contínuo que compõem as línguas naturais.

Este ponto precisa ser evidenciado, pois ainda persistem algumas ideias equivocadas sobre a iconicidade nas LSs, a fim de esclarecer que nem todos os sinais⁶ produzidos têm uma iconicidade em sua construção. Por ser a LS extremamente visual, há ainda essa ideia de uma língua exclusivamente icônica, gestual. O equívoco, desta forma, ocorre pela prerrogativa de que todos os sinais seriam como que um “desenho” no ar do referente que representam. Embora muitos sinais apresentem formas de representação icônica, a maioria está pautada na linha da arbitrariedade linguística, como ocorre na maioria das línguas. Brito (1995) indica que nas LSs a iconicidade é utilizada de forma convencional e sistemática.

A esse respeito, Gesser (2009, p. 23) destaca:

embora exista um grau elevado de sinais icônicos (beber, árvore, casa, avião...), é importante destacar que essa característica não é exclusiva das línguas de sinais. As línguas orais incorporam também essa característica. [...]. Além disso, mesmo sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma língua de sinais para outra.

A cada estudo e pesquisa linguística tem se buscado traçar marcos que reafirmem a autenticidade e o dinamismo das LSs, ao mesmo tempo em que procuramos ancorar paralelos existentes entre as línguas na modalidade oral e as sinalizadas. Tais paralelos servem não como um comparativo em grau de superioridade ou inferioridade entre as modalidades, mas, para além disso, têm contribuído para asseverar o caráter intrínseco e universal do sistema de linguagem dos seres humanos.

Quadros e Karnopp (2004) pontuam que as LSs são distintas e que há dialetos em tais línguas, alguns reforçados pela regionalização geográfica. Desta forma, considera-se que, mesmo em casos onde a origem da língua teve influência de uma mesma língua e esteja ligada historicamente (como é o caso das LSs brasileira e americana que tiveram influência direta da LS francesa), pesquisas afirmam que pouquíssimos sinais são equivalentes ou idênticos entre as línguas pesquisadas.

De acordo com Quadros (2019, p. 26), “os estudos das diferentes línguas de sinais do mundo evidenciaram as especificidades dos sinais de cada país, identificando inclusive sua autonomia diante das línguas nacionalmente faladas”. Essa autonomia desmistifica por completo a ideia de universalidade da LSs, reforçando as

⁶ Utiliza-se o termo sinal que substitui o termo palavra nas LOs. O sinal é constituído a partir da organização fonológica da LS, que se utiliza das unidades mínimas para “formar” um sinal (QUADROS; KARNOPP, 2004).

especificidades que as diferenciam entre si por pertencerem a diferentes troncos de famílias linguísticas e, portanto, terem origens distintas das línguas faladas.

Sobre a impossibilidade de haver uma unidade linguística na Libras, Gesser (2009) reforça, ainda, que em todas as línguas humanas há variedades e diversidades, ou seja, que esse fenômeno de variação e diversidade está presente em todas as línguas vivas e em movimento. Portanto, é exatamente nas práticas sociais de uso da linguagem que se torna possível enxergar o multilinguismo.

Por muito tempo essa visão equivocada tem dominado as discussões de senso comum e combatê-las têm sido a tarefa e o engajamento de muitos linguistas nas diferentes áreas de pesquisa, com o intuito de desfazer os estigmas e preconceitos construídos ao longo do tempo. Conforme Bortoloti (2014, p. 17),

a Língua de Sinais é utilizada pela maioria das pessoas surdas oferecendo a elas a oportunidade da comunicação e expressão, desenvolvendo seu potencial de maneira que, a língua oral não os permite, pois é organizada de uma forma que define suas próprias regras em todos os níveis linguísticos [...] expressando ideias complexas e abstratas, transmitindo informações.

No Brasil, há comunidades indígenas e outras isoladas que, conforme Quadros (2019), usam algum tipo de língua de sinais, por vezes considerada como uma língua emergente. A autora cita que os estudos de Brito (1984; 1995) já diferenciavam as comunidades urbanas que usam a língua hoje oficializada no país, utilizada e difundida nos maiores centros. As comunidades desses centros são consideradas pelos pesquisadores Silva e Souza (2018) como comunidades surdas urbanas.

Consoante Quadros (2019, p. 38), a Libras pode ser caracterizada como a “língua de sinais nacional” por contemplar os seguintes pontos característicos elencados por Silva e Souza (2018):

- ✓ é uma língua urbana, usada pela maioria dos surdos como sua língua de sinais;
- ✓ não decorre de alta incidência de surdez hereditária (surdos podem apresentar surdez genética, recessiva ou podem ter adquirido a surdez por diferentes fatores);
- ✓ é estável, independente de recursos gestuais e indexicais (embora esses elementos também a integrem);
- ✓ dispõe de morfossintaxe complexa com elementos gramaticalizados;
- ✓ seus traços tipológicos não são diretamente influenciados pela dinâmica social.

Neste sentido, precisa-se ter clareza de que língua estamos falando e trabalhar sempre com a ideia de mutação e variação que a língua exerce quando seus usuários nativos, em contato com outros pares linguísticos, propõem o desenvolvimento e a permanente evolução da mesma. Assim, para que isso ocorra de forma natural, continua sendo primordial o uso e a difusão da língua, também destacados na Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002).

Bagno e Rangel (2005, p. 72) postulam que seus estudos sobre a língua portuguesa possam ser, também, utilizados para outras línguas:

o reconhecimento da natureza essencialmente heterogênea, variável e mutante das línguas humanas ainda não ganhou o senso comum, e o imaginário linguístico que vigora na sociedade se estrutura em torno de uma noção estática de língua [...]. Nesse conjunto de crenças, o que se entende por “língua” é uma entidade homogênea, monolítica.

Romper com essa ideia de homogeneidade linguística já tem sido uma tarefa contínua nos estudos acerca das LOs. Já no caso das LSs, apontamos que pode ser ainda mais delongado, tendo em vista o fato de ainda termos que, por vezes, reafirmar questões que já poderiam estar sanadas se estas línguas estivessem com maior visibilidade quanto aos estudos que a cercam.

Gesser (2009) acrescenta que todas as línguas são conceituais e se diferem entre si, possuindo e construindo cada uma seus mecanismos linguísticos distribuídos em classes. Os mecanismos, apesar de serem distintos das regras gramaticais entre uma língua e outra, não significam que uma seja mais ou menos simplificada ou complexa do que outra, uma vez que a complexidade está presente em todas as línguas humanas e naturais, ou seja, nas línguas de modalidade oral- auditiva e visual-espacial.

Sobre os estudos das línguas de sinais e o progresso humano frente às ciências que permeiam a linguística, Leite (2013, p. 38) afirma que, muitas vezes,

dentro de uma visão do senso comum, as línguas de sinais não são enxergadas como línguas naturais, com o mesmo estatuto das línguas orais, e por isso as pessoas surdas até hoje lutam para ter a sua língua plenamente reconhecida. Na verdade, num olhar superficial, as línguas de sinais parecem totalmente distintas das línguas orais: as primeiras seriam produzidas com as mãos e apreendidas pela visão, enquanto as últimas seriam produzidas com a boca e apreendidas pelos ouvidos.

Isso posto, entendemos que cada vez mais estes estudos se revelam como portas de representatividade linguística para os sujeitos que buscam o reconhecimento e as

ascensões social e científica de sua língua natural. Utilizamos ascensão por considerarmos o longo período em que os surdos precisaram “esconder” sua língua em um momento histórico em que esta modalidade era proibida de ser utilizada e orientada (de forma clínica) a ser banida de uso, pois compreendida como um atraso em seu processo linguístico e cognitivo.

Os estigmas, alicerçados neste passado – no entanto, ainda presentes nesta sociedade extremamente excludente de indivíduos incapazes de aprender e de se socializar – perduram pelo cunho social e compõem uma trajetória marcada pela luta engajada ao reconhecimento e respeito à LS que, muitas vezes, é entendida como gestos que não passam de pantomima, ou língua pictórica. Isso sem mencionar as lutas contra estereótipos e estigmas que os julgam como sujeitos incapazes de apreender e discutir, qualquer assunto que seja, em outra língua que não seja a oral (falada).

Romper com esses equívocos se tornou o ponto principal para permitir a entrada das línguas de sinais no campo da linguística. Ainda, permitir os olhares mais atentos dos linguistas sobre as diferentes abordagens teóricas que compõem o campo de estudo relacionado às línguas naturais e seu sistema linguístico, bem como estudos que considerem a LS como língua de caráter estrangeiro aos usuários não nativos que, neste caso, consideramos ser as pessoas ouvintes como estes usuários.

2.3.1 Alguns parâmetros gramaticais da Libras

Muito embora esta pesquisa não tenha por objetivo principal a descrição dos aspectos relacionados à gramática das LSs, apresentaremos certas características de peculiaridades gramaticais neste último subtópico, abordando alguns componentes das línguas de modalidade visual-espacial. Justificamos tal explanação com vistas a reafirmar o que já foi exposto nesta seção: o rompimento de ideias equivocadas e a contribuição com a visibilidade desta língua, compreendendo que muitos que talvez tenham acesso a estes resultados desconheçam os parâmetros gramaticais que constituem a LS brasileira.

Iniciamos os apontamentos com as observações feitas por Quadros (2019), em que destaca que, sendo a Libras uma língua de modalidade visual-espacial, exhibe-se utilizando o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida.

A Libras é uma língua dotada de todos os níveis de análise linguística:

- ✓ unidades mínimas (‘fonemas’), que se combinam para formar palavras;
- ✓ padrões prosódicos;

- ✓ suas palavras se combinam para formar enunciados;
- ✓ os enunciados apresentam proposições que podem ser analisadas do ponto de vista semântico, pragmático;
- ✓ seus usos apresentam questões de ordem sócio linguísticas (QUADROS, 2019, p. 25-26).

Outro ponto que elencamos a título de conhecimento e compreensão dos aspectos organizacionais das LSs está ligado ao uso do espaço e o olhar na construção do enunciado, o qual é um advento considerado gramatical e faz parte da organização do discurso na construção das sentenças. Os apontamentos e olhares alocados no espaço estabelecem referenciais espaciais, onde podem estar ligados as conjugações verbais, ao uso de pronomes pessoais, a pluralização, dentre outros elementos gramaticais que são construídos nesses referenciais, contribuindo, então, com a concordância sintática e semântico-pragmática das elocuições.

Os articuladores primários das LSs são as mãos que, em movimento no espaço, articulam os sinais formando as sentenças no lugar estabelecido a frente do tronco e da face. Neste espaço são construídos os enunciados, envolvendo os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço. Tais movimentos, no espaço ou sobre o tronco, podem ocorrer em linhas retas, em movimentos circulares, em curvas, em movimentos com sinuosidade e em várias posições e direções (BRITO, 1995).

Pautada nesta dinâmica organizacional, bem diferente das LOs, as línguas sinalizadas compõem um conjunto de elementos gramaticais que são considerados pela linguística como inerentes a língua, mas que precisam de atenções diferentes em suas bases estruturais. Neste sentido, a sintaxe espacial torna um elemento importante a ser aqui detalhado, uma vez que a construção sintática dos excertos transcritos na seção de análise dos dados coletados para esta pesquisa atenderá sempre este tipo de formação, em que a ação principal fica em evidência.

Quadros e Karnopp (2004) indicam que a questão da sintaxe nas LSs requer a compreensão que este sistema é visual-espacial, ou seja, as relações gramaticais estão aferidas no espaço, de diferentes formas. As autoras ponderam que:

há dois trabalhos que mencionam a flexibilidade da ordem das frases na língua de sinais brasileira: Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995). As autoras observaram que há várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças, mas que, apesar dessa flexibilização, parece haver uma ordenação mais básica que as demais, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 139).

Além do exposto acima, outra questão que também traz clareza para alguns pontos na construção da sentença em Libras é que os estudos indicam que alguns itens, como sujeito e objeto, podem não constar na formulação da sentença por já aparecerem anteriormente e estarem referenciados no espaço e proeminentes nos discursos precedentes (LEITE, 2008).

Todas essas questões comprovam a relação da língua com o espaço, pois a construção das sentenças acontece nele e que todos os referentes serão pontuados neste mesmo espaço. Portanto, o estabelecimento do olhar neste espaço possui, também, funções gramaticais que dão sentido ao enunciado e, pelo discurso precedente dentro de uma conversação, conduzem a respostas e indicações aos referentes anteriormente estabelecidos no discurso.

De acordo com Negreiros e Barros (2017, p. 156-157),

em Línguas de Sinais, o nível sintático se dá por meio da chamada sintaxe espacial, pois as relações de estruturas frasais são realizadas no espaço. Daí dizemos que os verbos, os pronomes, os adjetivos e os classificadores, principais objetos de seus estudos morfológicos, merecem um olhar cuidadoso.

Pereira et al. (2011, p. 47), citando os estudos de Wilcox (2005), apresentam algumas questões que o autor aborda sobre as características do comportamento comunicativo das pessoas surdas durante a conversação em LS. Ou seja, são ações/reações dentro do espaço da interlocução que fazem parte desta estrutura espacial e têm por objetivo a interação entre os interactantes. Neste sentido, os autores referem que:

quando a pessoa está distante, são usadas outras formas de conseguir sua atenção, como acena a mão ou o braço dentro do seu campo visual. Pisar fortemente no chão ou apagar e acender a luz também são formas de começar uma comunicação.

Isso demonstra como o uso do corpo nas LSs estabelece diversas funções comunicativas. Além dos exemplos mencionados, o corpo é representado como argumento na gramática da Libras, trazendo funcionalidade e concordância na enunciação, colaborando na organização do discurso e estabelecendo referenciais por meio do olhar e da posição corporal.

Quadros e Karnopp (2004, p. 130) destacam que, “na língua de sinais brasileira, os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, sendo

que tais referentes podem estar presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso”. Além disso, quando os referentes estão presentes, estes são indicados por meio do apontamento e do olhar direcionado.

Tais afirmações e indicações têm demonstrado, por meio de análises e descrições destas línguas, que as mesmas precisam ser compreendidas levando em conta seu caráter visual-espacial, e que os detalhes que as compõem têm constante relação com os aspectos elaborados no e pelo corpo. No entanto, conforme asseveram Quadros e Karnopp (2004), as derivações visuais-espaciais seguem a mesma lógica das derivações orais-auditivas, e as informações gramaticais, atreladas às marcações não manuais, contribuem para a compreensão de todo o enunciado.

Neste sentido, podemos afirmar que as expressões faciais e corporais são de grande relevância na construção discursiva e consideradas nos estudos gramaticais como traços não manuais que representam, dentro do campo de construção, elementos que carregam índices de competências variadas. Tais competências estruturam o enunciado a ser elaborado e podem ser consideradas como componentes gramaticais nas LSs.

Ainda, as expressões por si podem representar elementos de análise no momento da construção do enunciado, bem como devem ter a devida atenção em estudos de análise e descrição da língua. Para McCleary et al. (2010, p. 270), “a partir de Liddell (1980), é sabido que muitas funções gramaticais nas línguas de sinais são exercidas por meio desses recursos não manuais, incluindo, por exemplo, movimentos da cabeça e posições das sobrancelhas”.

Sobre o uso do corpo e da face durante a sinalização em LSs, Liddel (1980) *apud* Quadros e Karnopp (2004, p. 131) indica que os sinais manuais estão frequentemente acompanhados por expressões faciais, denominadas expressões não manuais. Estas, por sua vez, podem ser consideradas gramaticais e, segundo o autor, “a face do sinalizador raramente é neutra ou descontraída; a sinalização também é acompanhada pela posição da cabeça ‘não neutra’, por movimentos da cabeça e movimentos do corpo”.

O uso do corpo também é proeminente na ação verbal para indicar específicos aspectos relacionados ao sujeito, ao número e, em alguns casos, a referência ao tempo verbal. Neste sentido, a corporalidade, nas LSs, sempre terá um valor gramatical e trabalhará em prol da compreensão do enunciado, dando a cada segmento da sentença

sua contribuição para o entendimento, fazendo as relações e as trocas necessárias para que isso ocorra.

Esta classe gramatical na Libras possui variação quanto ao tipo e a forma a serem apresentados. Diferentemente da língua portuguesa, sua variação se refere a outros componentes linguísticos e estão divididos em três tipos: simples, direcionais e espaciais (BRITO, 1995). Os verbos simples seriam os que não sofrem variações e também não incorporam afixos locativos, ou seja, não usam referentes e permanecem sempre os mesmos, independentemente a quem esteja relacionada a ação verbal. Já os verbos direcionais têm variações e precisam ter concordância, podendo flexionar em pessoa, número ou aspectos; essa variação ocorre sem o acréscimo de afixos locativos, mas depende do sujeito que pratica a ação. Por último, os verbos espaciais são aqueles que dependem sempre de um complemento em sua execução, sendo que o complemento é indicado pelos afixos locativos na produção da sentença.

Os classificadores nas LSs podem representar diferentes composições e valores gramaticais. A este respeito, Quadros (2017, p. 74) afirma:

envolvem uma categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais. Esse tipo de produção abrange uma combinação de morfemas altamente complexos simultaneamente articulados. As descrições de classificadores apresentam diferentes tipos:

- (a) de tamanho e forma;
- (b) de entidade;
- (c) de manipulação.

Estes elementos linguísticos das LSs possuem uma construção morfológica que se difere dos processos morfológicos estabelecidos pela gramaticalização, uma vez que são determinados pelos fatores relacionados à modalidade visual-espacial. Portanto, são representações que se apresentam por motivação icônica, provindas de estruturas conceituais mais gerais (QUADROS, 2017).

Sobre esses elementos, a autora afirma que:

os sinais classificadores, descritivos visuais ou descritivos imagéticos, não estão listados no léxico, pois são compostos de morfemas combinados segundo cada evento ou objeto descrito [...]. As línguas de sinais apresentam ambos os tipos: um conjunto estável de elementos, que compreende palavras e morfemas e uma parte mais instável, que envolverá a combinação dos morfemas disponíveis no ato da enunciação iconicamente determinados, enquanto representação dos eventos ou objetos (QUADROS, 2017, p. 75).

Como ocorre nas LOs, há uma variada gama de possibilidades de estudos e análises que compõem sua compreensão gramatical. Contudo, o que se tentou aqui, nesta seção, foi clarear alguns elementos que julgamos importantes quanto a assimilação de como a Libras está alicerçada em suas questões linguísticas, e que detêm todos os indícios linguísticos que são constitutivos de uma língua natural.

Muito embora usamos, em alguns momentos da pesquisa, o comparativo que representa pontos esclarecedores entre as duas línguas (Libras e língua portuguesa), precisamos ter em evidência que não se pretende, com isso, reforçar as dicotomias entre as duas modalidades – ao contrário disso, pretendemos indicar que há diferenças. Entretanto, faz-se necessário reafirmar que são línguas de especificidades autênticas que enquadram detalhes de composições de uma língua natural.

Quadros (2006, p. 175) ressalta que as pesquisas entre as línguas dessas duas modalidades têm levado em consideração as relações existentes entre ambas, bem como pondera que:

por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem a modalidade das línguas.

Para este estudo, focamos em algumas observações da Libras em uso. Conforme apontamentos na seção da metodologia (seção 4), abordamos, também, uma análise que buscasse elementos linguísticos denominados Marcadores Discursivos, utilizados durante a conversação em Libras. Na seção a seguir, abarcaremos a conceptualização destes elementos linguísticos, oriundos de estudos e pesquisas de suas funções e o uso nas LOs, mas que servirão de base para a alusão destes na língua de sinais brasileira.

Reforçamos, ao fim desta seção, que apesar da observação do aumento gradativo de análises e descrições da LSs, esta modalidade ainda carece de estímulos investigativos para que haja, constantemente, a ruptura de ideários equivocados, assim como a confirmação de um sistema linguístico presente em ambas as modalidades linguísticas aqui elencadas.

3 MARCADORES DISCURSIVOS NA INTERAÇÃO CONVERSACIONAL

Esta seção tem por finalidade principal trazer alguns estudos e definições dos Marcadores Discursivos (MDs), construídas com base nos resultados e análises realizadas em línguas orais. Trazendo algumas explicações sobre a fundamentação teórica acerca destes elementos linguísticos alinhados aos estudos da Análise da Conversação (AC), estudos estes que têm se avolumado nos últimos anos e proporcionado contribuições ao campo das análises linguísticas que se atenta à língua durante seu uso nas conversações.

Consideramos que pensar nos fenômenos linguísticos que envolvem o ato conversacional requer a compreensão de um caráter mais ousado e assimétrico da linguagem, ponderando sua complexidade e permissibilidade a medida que este ato, inteiramente intencional, é regido por variáveis e premissas que são elaboradas e executadas de forma simultânea em uma conversação.

Muito embora os estudos que tomamos como base desta pesquisa estejam construídos sobre resultados oriundos de estudos de línguas orais, compreendemos que muitos dos aspectos e das definições apresentados são cabíveis, de maneira análoga, às línguas de sinais. Neste sentido, há de se esclarecer que existem nuances de comparações que exigem mais cautela que outras, e que, de modo algum, tais comparações poderiam ser compreendidas como indícios de superioridade/inferioridade de uma modalidade em detrimento da outra.

Portanto, buscamos referências nas pesquisas relacionadas a esta temática, as quais esboçam inúmeras contribuições dentro do campo da análise linguística, e que desdobram pensamentos e afirmações sobre as características da língua falada e suas atribuições linguísticas. Isso será necessário para, então, adentrarmos às análises linguísticas em si, buscando, com isso, a compreensão de alguns aspectos que envolvem este ato conversacional, trabalhando de forma análoga a composição na língua de sinais utilizada pelas comunidades surdas brasileiras.

3.1 Análise da Conversação

Inicialmente, trilharemos pelos estudos que têm alicerçado as discussões e análises sobre a forma como os seres humanos se comunicam, pois, os estudos linguísticos nos permitem esse aprofundamento na linguagem e em como os seres humanos arquitetam e expandem o uso de sua língua e estabelecem essa interação entre seus pares linguísticos. Tais trabalhos estão pautados na linha de estudos da Análise da Conversação, que iniciaram suas primeiras investigações na década de 60 do século XX, contemplando, posteriormente, análises que buscassem compreender não apenas a questão organizacional no ato da conversação, mas também a intencionalidade conversacional de cada agente comunicativo.

A temática tem sido cada vez mais explorada por linguistas interessados em compreender e desvelar os processos linguísticos desenvolvidos durante a fala, e como este mecanismo é constituído internamente. As últimas quatro décadas têm se apresentado como um período de dedicação mais sistemática ao tema, contendo um aumento significativo destas pesquisas. No Brasil, esse período marcou o início de investigações relacionadas à fala, momento em que muitos linguistas “resolveram tratar do tema de modo crescente, após um longo período de estagnação dos estudos sobre a fala” (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 23-24).

Com estudos e investigações acerca da língua falada, a década de 1990 foi bastante produtiva para estas pesquisas, e diferentes estudos deste período sobre a língua portuguesa falada no Brasil reforçaram as investigações que já estavam ocorrendo em outros países, com outras línguas. Castilho, Souza-Santos e Danfá (2020) indicam que alguns estudos organizados e iniciados por linguistas americanos foram responsáveis pelo surgimento da AC, que movem os estudos no Brasil até os dias atuais. Neste sentido, estes pesquisadores apontam que:

tal grupo passou a sustentar a ideia de uma gramática emergente, sendo esse um modelo de análise que considera a língua como atividade real, na qual as regularidades são provisórias, estando sempre sujeitas à negociação, renovação e abandono. A língua é, portanto, heterogênea, não havendo gramática, mas sim gramaticalização. A língua falada deveria ser entendida como um conjunto de processos (CASTILHO; SOUZA-SANTOS; DANFÁ, 2020, p. 66).

No Brasil, Marcuschi (2003) desenvolveu uma das primeiras pesquisas relacionadas à conversação em língua portuguesa, e apontou que “a conversação é a primeira das formas da linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSCHI, 2003, p. 14).

Dentre as muitas características da língua falada, está o fato de o texto ser gerado de forma interacional, de modo que o planejamento e a execução ocorrem de maneira simultânea e permitem uma avaliação constante dos rumos da conversação no ato da interação conversacional, considerando as características dos sistemas complexos que são as línguas naturais (CASTILHO, 2016).

Koch (2006) destaca algumas características pertencentes a fala e a escrita, confirmando que estas modalidades contêm propriedades típicas diferentes que precisam ser elencadas em uma pesquisa linguística para uma melhor compreensão de tais objetivações. Segundo a autora,

a fala é contextualizada, implícita, redundante, não planejada, fragmentada, incompleta, pouco elaborada, com predominância do *modus* pragmático e de frases curtas, simples ou coordenadas, com pouca densidade informacional, com pequena frequência de passivas, poucas nominalizações e pouca densidade lexical; enquanto que a escrita seria descontextualizada, explícita, condensada, planejada, não-fragmentada, completa, elaborada, com predominância do *modus* sintático e frases complexas, com subordinação abundante, com densidade informacional, emprego frequente de passivas, abundância de nominalizações e maior densidade lexical (KOCH, 2006, p. 44).

Mesmo reconhecendo as diferenças entre as duas modalidades, faz-se necessário o contínuo rompimento de algumas dicotomias de relevância que perduraram por alguns anos, situações em que as análises da escrita tiveram uma atenção mais elaborada que as pesquisas destinadas aos estudos da fala. Retirar o ato conversacional deste desdém tem sido a tarefa insistente de muitos linguistas, a fim de desrotular esta modalidade como pertencente a um quadro de “menor valor linguístico”.

Marcuschi (2007, p. 58), contrapondo alguns argumentos apresentados por outros autores, constata que “tanto em termos de usos como de características lingüísticas, fala e escrita mantêm relações muito mais próximas do que se admitia então”, gerando “uma visão que permite observar a fala e a escrita mais em suas relações de semelhança do que de diferença em certa mistura de gêneros e estilos, evitando as dicotomias em sentido estrito”.

Marcuschi e Dionisio (2007, p. 28) destacam que muitas destas dicotomias podem ser perigosas, uma vez que, nem sempre, se baseiam em condições empíricas de uso da língua, contribuindo, portanto, com algumas distorções da realidade. Ainda segundo os autores, é possível afirmar que “a língua sempre se dá contextualmente, assim como os textos orais e escritos são ambos planejados, mas de maneira

diferenciada” e que “abstração e implicitude existem nas duas modalidades”, resultando no fato de que “todos os enunciados são imprecisos e só se determinam pela interpretação de quem lê ou ouve”.

Neste sentido, os estudos voltados a explorar essa modalidade de uso da língua têm colaborado para um possível desvelar de seus aspectos intrínsecos dantes pouco reconhecidos e compreendidos pelas diferentes áreas que têm lançado um olhar sobre a relação entre as categorias específicas de cada modalidade. Isso posto, podemos afirmar que, mais do que considerar a fala como imanente à linguística, os estudos têm buscado o fortalecimento desta modalidade nos diferentes níveis de observação, respeitando todos os aspectos que compõem seu dinamismo.

Para Marcuschi (2001), tais relações entre fala e escrita podem ser compreendidas como um *continuum* entre os polos. Sendo assim, impetrar algum tipo de grau diferenciado de superioridade para alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada e prejudicial aos estudos que versam sobre ambas as modalidades.

Neste sentido, *a priori*, há a necessidade de compreender que fala e escrita são práticas linguísticas que se desvelam de forma diferente em suas construções, mas que comungam e desfrutam das variáveis conduzidas por representações cognitivas e sociais, as quais são fruto da linguagem humana que vem sendo estudada há alguns séculos e, com isso, permitindo o desvelar de muitos aspectos intrínsecos à língua em uso.

O que se precisa ter como ponto principal sobre pesquisas que analisam a conversação entre interactantes, segundo Marcuschi (2003), é que esta prática não se refere a um enfileiramento aleatório e sucessivo de turnos, são ações coordenadas estrategicamente, e que não ocorre de maneira unilateral, ao contrário disso, a interação ocorre entre os falantes e a perspectiva do desenvolvimento tem caráter múltiplo, sendo reorganizado e reorientado a todo momento, por ambos.

Para elucidar esses conceitos, oriundos dos estudos da AC, apontamos que Preti (1999, p. 235) estabelece uma definição, em forma de glossário, para turno, indicando esta terminologia como “elemento constitutivo do processo interacional, pelo qual o interlocutor contribui com direito a tomar a palavra e participar da conversação. Qualquer intervenção dos falantes, com ou sem caráter referencial, no decorrer da conversação”.

Acerca das trocas destes turnos entre os interlocutores, Galembeck (1999, p. 55) indica que:

Uma das características mais evidentes da conversação é, seguramente, o fato de que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte. Desse modo, uma das formas de se compreender a organização do texto conversacional é verificar os processos pelos quais ocorre a alternância nos referidos papéis e a maneira pela qual os participantes atuam conjuntamente na construção do diálogo.

Essa construção e alternância textual é organizada mediante as intenções do falante e receptividade ou não do ouvinte, neste sentido, Galembeck e Costa (2009, p. 1937) indicam que:

O falante e o ouvinte são igualmente ativos, mas a participação de ambos ocorre de forma diferenciada. O falante é aquele que – num dado momento – assume o papel de condutor principal do diálogo e torna-se o responsável pelo desenvolvimento do tópico em andamento, podendo dar continuidade a ele, redirecioná-lo, abandoná-lo. O ouvinte, por sua vez, não é um simples espectador, como sugere o esquema tradicional da comunicação (emissor-receptor). Aliás, a sua simples presença (participação implícita) já lhe confere ao ouvinte um papel ativo na conversação, pois o falante não pode deixar de levá-lo em conta na produção do diálogo.

A organização protagonizada durante a conversação perpassa por indicativos de planejamentos e intenções, estes baseados em pressupostos composto por um conjunto de elementos que estão pontuados nos estudos que versam o evento da fala. Neste quesito, cabe destacar, que ao texto conversacional pertencem inúmeros atributos que são complementares e constitutivos, e que o planejamento e organização ocorre de forma simultânea a execução.

Consoante Rodrigues (1999, p. 18),

a conversação é um evento de fala especial: correspondente a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar idéias sobre determinado assunto. Conversação natural, que ocorre espontaneamente no dia-a-dia, dá-se face a face, presentes os dois falantes, ao mesmo tempo, num mesmo espaço.

Para Marcuschi (1997), mesmo considerando algumas primazias pertencentes à fala, torna-se cada vez mais importante buscar o alinhamento entre oralidade e escrita, no sentido de ir além do entendimento dessas práticas como possibilidades de uso da língua, e abranger a discussão para a compreensão das práticas sociais que envolvem seu uso. O autor assevera que tais práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e da escrita em uma específica sociedade, justificando a relação entre ambas as modalidades.

Castilho (2014) ressalta que documentar, transcrever e descrever a língua falada são atividades que cresceram significativamente depois dos anos 1970. Isso ocorreu por influência dos estudos relacionados ao estruturalismo linguístico, além de outros modelos teóricos que o sucederam e contribuíram com o trabalho de alicerçar os estudos dessa variedade.

Somando aos estudos sobre oralidade, Fávero et al. (2010, p. 93) afirmam que a conversação é “um processo interacional específico, que implica participação conjunta dos interactantes na dinâmica evolutiva”. Desta forma, durante a conversação haverá sempre uma criação linguística que é organizada de forma dinâmica e reorganizada à medida que novas necessidades conversacionais vão surgindo.

Acerca da criação linguística, Castilho (2014) indica que, por um período, houve equívocos nos estudos linguísticos, e a conversação foi compreendida de forma acidental a todo o processo linguístico que a envolve.

a língua-enquanto-processo pode ser razoavelmente articulada em quatro domínios: (1) Lexicalização, (2) Discursivização, (3) Semanticização e (4) Gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Os estudos sobre a gramaticalização falharam, entretanto, ao não enquadrar o processo da gramaticalização entre outros processos de criação linguística, restringindo a tratá-lo como um epifenômeno (CASTILHO, 2014, p. 91).

Considerada por Castilho (2016) como uma atividade linguística básica, a conversação integra as práticas diárias de qualquer pessoa, de qualquer nível sociocultural, sendo, portanto, no ato da conversação que dois ou mais participantes se alternam e discorrem sobre diferentes tópicos, atribuídos à vida cotidiana.

Neste sentido, pensar nesta propriedade linguística, considerada dinâmica, requer adentrar às intencionalidades do ato da fala, onde cada falante utiliza seus diferentes mecanismos linguísticos para elaborar e enunciar suas ideias e interesses comunicativos, bem como a recepção e compreensão da mensagem pelas partes envolvidas na conversação.

De acordo com Brait (1999, p. 193), “para que se possa analisar o processo interacional na conversação é necessário considerar a situação, as características dos participantes da interação em foco e as estratégias por eles utilizadas durante o diálogo”. Sendo assim, haverá sempre alguns pontos norteadores que conduzirão à conversação,

os quais devem ser observados para que a análise consiga ser coesa e fiel ao proposto, bem como marcada pelos falantes de determinado diálogo.

Uma pesquisa que aborde analisar o ato da fala em determinados diálogos precisa ser regida pela atenção aos detalhes e indicações que articulam um enunciado, observando as marcas que revelam muito da intenção do enunciador, assim como a receptividade e a reação dos demais participantes dessa conversação. Estudos linguísticos com esse viés têm aumentado ao longo dos anos e permitido um olhar mais atencioso a esses detalhes que compõem o ato conversacional.

Consoante Marcuschi (2007), a importância do estudo da conversação se dá pelo fato de esta ser uma das práticas sociais mais comuns e corriqueiras do ser humano, e que os desdobramentos relacionados aos estudos linguísticos não devam estar direcionados somente aos aspectos gramaticais e lexicais da língua. Isso porque, os estudos dos “processos conversacionais”, como cita o autor, ainda merecem atenção.

Faz-se necessária, desta maneira, a compreensão de que mesmo a língua escrita tendo muitos estudos que corroboraram – e ainda o fazem no presente momento – para uma melhor compreensão de seu funcionamento, a fala pertencente ao mesmo sistema linguístico. Conforme assevera Neves (2009), quando se foca nas questões relativas à fala, não se trata de estudar outra gramática diferente da utilizada na escrita, mas sim de considerar alguns fenômenos que estarão presentes nas interações verbais, são diferenças na estrutura, nas condições de produção e transmissão, nas condições de recepção e uso da língua.

Galembeck e Carvalho (1997) afirmam que existem algumas características inerentes a língua falada e, para a construção do que os autores denominam de “texto conversacional”, alguns elementos se fazem necessários e têm por função: a) assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores; b) situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles; e, c) articular e estruturar as unidades da cadeia linguística.

Para uma melhor compreensão do que estamos nos referindo, destacamos as definições de tópico discursivo apontadas por Fávero (1999, p. 39);

o tópico é, assim, uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência- pelo menos parcial- de objetivos entre os interlocutores. A noção de tópico é de fundamental importância para o entendimento da organização conversacional e é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc.

Pensando nestas funções, é possível afirmar que o ato da fala está inteiramente relacionado ao controle e ao ajuste interacional entre os pares linguísticos, e que o controle é exercido constantemente na construção e articulação deste ato comunicativo, assim como que a utilização dos mecanismos de ajuste, atenuação, entre outros é de uso constante aos falantes que dominam uma determinada língua. Dominar, no sentido real da palavra, teria a função de comandar o que e como algo deve ser dito a alguém.

Sobre este aspecto da intencionalidade no ato de fala, Dionísio e Hoffnagel (2007, p. 116) destacam que “quando comunicamos alguma coisa a alguém, nosso ato de fala é sempre qualificado, ou seja, não apenas repassamos uma informação, mas também damos indicações de nossa atitude ou posição frente essa informação”.

Neves (2017, p. 40), por sua vez, ressalta que:

o pragmático está, escancaradamente: (i) na motivação que move a partida do enunciado: uma motivação subjetiva, mas já intersubjetiva, representada por aquele convite de um a outro interlocutor para observarem juntos um determinado objeto de conceptualização, dentro do “fundo comum” de que disponham; (ii) no propósito que governa a saída do enunciado, propósito pelo qual se conduz tanto o arranjo linguístico (sintaxe) como os sentidos (semântica) que esse arranjo produz, de tal modo que – engajado o interlocutor naquele convite intersubjetivo do parceiro – cumpram-se o mais eficientemente possível os móveis da sociocomunicação (pragmática).

Os autores acima citados apontam que, ao fazer escolhas de determinados itens gramaticais em seu enunciado, o interlocutor faz essas escolhas baseadas em um propósito ou intencionalidade comunicativa, com objetivos e intenções que são constituídas no processo de construção da fala. O destrinchar desses processos nos permite um estudo sobre as variantes possíveis de um enunciado, com vistas à compreensão da língua em constante movimento durante os turnos conversacionais em diálogos entre duas ou mais pessoas.

O ser humano permanece em constante interação, havendo sempre a necessidade de expressar ideias, vontades, interesses, etc. por meio da linguagem, neste sentido, Dionísio (2001, p. 55) salienta algumas razões que justificam o estudo da conversação, quais sejam:

(i) a prática social mais comum do ser humano, (ii) desempenha um papel privilegiado na construção de identidades sociais e relações interpessoais, (iii) exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes, (iv) permite que se abordem

questões envolvendo a sistematicidade da língua presente em seu uso e a construção das teorias para enfrentar essas questões.

Muito embora já tenhamos inúmeras bibliografias que indicam o uso e a permanência desta intencionalidade, há que se enfatizar o quanto o ser humano é evoluído e que sua evolução está, também, relacionada à linguagem, considerada atributo intrínseco ao ser humano e que, somente por meio da interação entre os pares, torna-se possível seu aprimoramento e as condições de uso da língua entre estes.

Nesta linha de evolução e aperfeiçoamento, cada vez mais a língua e seu uso têm sido aprimorados. Pode-se elencar como aprimoramento a chamada arquitetura textual, desenvolvida e processada durante a fala. A este respeito, Brait (1999) pondera a necessidade de compreender que:

a produção de sentido no interior de um diálogo exige um trabalho interativo constante, um trabalho conjunto que implica processos linguísticos e discursivos específicos de co-adaptação, de reformulação, de solicitação, de explicação, cuja função é estabelecer a intersubjetividade constitutiva do texto (BRAIT, 1999, p. 60).

Neste sentido, uma pesquisa que busque realizar uma análise destes elementos linguísticos, utilizados no ato conversacional, precisa ter claro que há uma intencionalidade e uma subjetividade presentes na elaboração e na manutenção da fala. Além disso, faz-se necessário considerar que, ao construir o enunciado do texto falado, ocorre uma preparação baseada nos recursos linguísticos que o falante possui, os quais ele organiza e executa durante o ato.

Sendo assim, deve-se observar que o valor pragmático das sentenças é mantido pela intenção do falante frente ao seu interlocutor, e tais recursos podem ser utilizados para reafirmar, modalizar, atenuar, entre outras funções que envolvem intrinsecamente o ato da conversação e estão alicerçados em diferentes objetivações que abarcam a contextualização do enunciado.

Castilho (2016, p. 56) pontua que, no momento da interação, ou seja, no ato conversacional, “tomamos decisões sobre como administrar o Léxico, que palavras escolher, que propriedades suas ativar. Essa administração configura um conjunto de momentos mentais, no sentido etimológico de ‘movimentos’”.

Assim, de acordo com os estudos de Castilho (2016, p. 57), é possível afirmar que:

nosso cérebro não processa a língua num ritmo unilinear, aplicando instruções sequenciadas. Ao contrário, ele deve ativar *ao mesmo tempo* conjuntos de regras semânticas e gramáticas, avançando, voltando atrás e até mesmo abandonando atividades de processamento que estavam em pleno curso.

Para o autor, neste ato aparecem os três momentos de organização, ocorridos de forma simultânea e não linear ou sequencial. Estes, podem ser compreendidos como construção por ativação, momento considerado o processo central, quando as palavras são selecionadas. Construção por reativação, que ocorre durante a retomada do tópico, excluindo, reafirmando ou inserindo novas informação, de acordo com o pretendido. Construção por desativação, que seria o processo de ruptura na elaboração das propriedades semânticas e gramaticais dos itens lexicais escolhidos no momento de interação (CASTILHO, 2016).

Indicamos que, esses “movimentos”, apontados por Castilho (2016) estão presentes e são inerentes ao ato da fala. Quando há a intenção de comunicar algo, o interlocutor se “movimenta” em suas bases cerebrais que comandam a fala e articula o que, de alguma forma, pode ser reorganizado à medida que ocorre a resposta/aprovação/compreensão de quem recebe a mensagem.

De acordo com Marcuschi (2007, p. 62), fala e escrita passam por tipos de planejamentos diferentes e:

mesmo a conversa mais informal entre amigos segue um plano de formulação muito claro e um plano lingüístico que pode ser observado. Todo o funcionamento lingüístico, por mais espontâneo e informal que seja, segue algum tipo de planejamento, pois, quando falamos, seguimos regras e não podemos fazer qualquer coisa.

No entanto, imaginar uma ruptura entre as duas modalidades destoaria do que o autor indica como um contínuo de variações, pois ambas possuem diferenças e semelhanças que as entrelaçam durante sua constituição, demonstrando, a todo tempo, a heterogeneidade que compõe uma língua. Além disso, indica que “a escrita não traz virtudes especiais para a língua, e a fala não deixa de realizar alguma virtude” (MARCUSCHI, 2007, p. 62).

Para Galembeck (1999a, p. 109-110), entre os pontos marcantes que diferenciam a língua falada está o fato de ser planejada no momento de sua execução, tornando-a, com isso, fragmentada. Tal fragmentação, então, estaria presente tanto no plano de

construção do enunciado, quanto na sequência do assunto a ser dialogado. Assim, esta construção do texto conversacional ocorre por haver um contexto comum entre os interlocutores, proporcionando um engajamento entre as partes. Ainda consoante o autor, pesquisas que versam acerca de línguas analisadas em uso, no processo articulatório da fala, devem ter claro que a diferença metodológica,

decorre da própria natureza da língua falada, que é caracterizada pela extrema variabilidade e fluidez. Essa variabilidade impede, aliás, a adoção de categorias e modelos formais previamente definidos e traz consigo a necessidade de uma teoria que flua dos casos e corresponda diretamente a eles (GALEMBECK, 1999b, p. 118).

Marcuschi (1998, p. 16) refere que a língua “é uma atividade contextualmente situada, cognitivamente determinada, social e historicamente constituída” e, portanto, há uma intencionalidade na forma que se apresentam alguns elementos com diferentes funções interacionais no ato da fala. Ocorre, segundo o autor, “[...] uma coordenação e sincronização de ações, seja na seqüenciação das idéias ou na coordenação rítmica (sincronia prosódica), entre outras, contribui de maneira decisiva para criar espaços e oportunidades de significação.”

Estes espaços de significação são naturalmente construídos e reorganizados durante o ato da fala, quando o interlocutor monitora a conversação desenvolvendo artifícios que, abrangendo todo o processo, são ressignificados a cada resposta, positiva ou negativa, da recepção da mensagem por parte dos participantes da conversa.

Castilho (2014, p. 94) assevera que:

seja como conjunto de domínios (ou processos), seja como conjunto de sistemas (ou produtos), a língua continuará a depender de uma articulação que assegure a eficácia de seu uso. Essa articulação se dá ao abrigo do que venho chamando de “dispositivo sociocognitivo”, explicitável por meio da ativação, desativação e reativação de propriedades. Esse dispositivo se fundamenta nas estratégias da conversação, que é a utilização mais básica das línguas naturais. Ele tem uma dimensão cognitiva e uma dimensão social.

Ao considerar a importância da fala no contexto social de interação em que vivemos, conseguimos lançar os olhares necessários aos estudos que versam sobre este tipo de investigação, em qualquer língua, pois, de acordo com Neves (2017, p. 41),

para além da apreensão das regras formais que explicitam o processo combinatório de ativação das frases da língua, o que vale são as “qualidades”

da linguagem: a clareza das mensagens, a beleza dos arranjos, a plausibilidade das opiniões, o rigor dos conceitos, e até os “deslizes” criativos, as quebras expressivas de padrões de restrição construcional. O recado, ao fim, é que vale a linguagem no seu fazer real, porque é nele que está seu poder, seu valor e sua mágica.

A respeito desta “qualidade” indicada pela autora, podemos evidenciar que o que mais nos chama atenção dentro de uma análise linguística que trate sobre esse viés da linguagem, é observar o poder exercido neste ato linguístico. Tal poder está relacionado ao que se pretende na conversação e os caminhos percorridos a fim de alcançar os objetivos elaborados, simultaneamente, ao ato.

Pautado em tais afirmações, é possível destacar que a eficácia desejada durante uma conversação dependerá dos recursos linguísticos utilizados e pelo viés cognitivo e social. As escolhas, assim, são feitas com o intuito de alcançar os objetivos de um determinado enunciado, e os recursos a serem utilizados no processo da fala são alocados de acordo com o que se pretende em tal enunciado. A fala é, portanto, gerenciada por tais dispositivos e planejada de forma a atender ao que se pretende durante todo o processo.

Desta forma, para estudar a fala em uma determinada língua, precisamos nos atentar ao que Marcuschi (2007, p. 70) propõe: o fato de que a língua deva ser compreendida “como um conjunto sistemático de práticas sociais, interativas e cognitivas, e não como um sistema de signos regido por regras”.

Fundamentado nesta concepção de língua, detalhamos a seguir o que os autores da área apresentam como um elementos linguísticos possivelmente analisados no ato conversacional. Como já indicado anteriormente, atemo-nos aos estudos que foram baseados em análises linguísticas de conversações em línguas orais, principalmente a língua portuguesa.

3.2 Os Marcadores Discursivos

Dentre os diversos apontamentos oriundos da AC, atentaremos-nos, de forma mais detalhada, aos elementos linguísticos denominados Marcadores Discursivos (MDs) (também nomeados como Marcadores Conversacionais por alguns autores), objeto desta pesquisa. Estes elementos são considerados parte intrínseca da fala, e funcionam como elementos de organização textual e interativa que possuem diversificadas funções,

decorridas da intencionalidade do falante. Além disso, são atuantes na coesão e coerência do ato conversacional, na construção do discurso, dentre outros argumentos linguísticos que apresentaremos a seguir.

Observa-se que o interesse pelo estudo dos MDs está ocupando espaços de pesquisas em diferentes áreas da linguística, tanto no Brasil quanto no exterior. Há que se sinalizar que eles não se enquadram facilmente em uma classe formal de palavras devido à variação de categorias, sendo observados no uso de conjunções, preposições, advérbios, verbos, bem como de expressões não verbais, estruturas sintáticas, fenômenos prosódicos, etc. Os MDs são considerados, portanto, como uma classe funcional que desempenha um papel comunicativo importante (SNICHELOTTO; GORSKI, 2011).

Apontados como elementos linguísticos, os MDs estão sendo estudados dentro do viés das abordagens da AC. Como explanado acima, é uma linha dentro dos estudos linguísticos que trata sobre as investigações de como o ato da conversação entre interactantes de uma língua comum atua e, efetivamente, constrói e organiza seus diálogos.

Marcuschi (2007, p. 62) afirma que os recursos verbais utilizados como marcadores são de grande ocorrência e recorrência, ressaltando que estes recursos “não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação”. Com base no exposto, compreende-se a organização desta construção verbal como algo totalmente intencional, em que os marcadores funcionam como articuladores da conversação, verbalizando o monitoramento da fala e mantendo a interação conversacional, indicados como “organizadores globais” da fala (CASTILHO, 2016, p. 46).

Estes elementos podem ter a função, entre outras, de instituir tempo à organização do pensamento, sustentar ou retomar o turno, monitorar a receptividade da mensagem, marcar ideias e interesses comunicativos e constituir-se como uma das ferramentas que atuam na interação entre os pares linguísticos.

Preti (1999, p. 233) define, em glossário, os marcadores conversacionais como:

vocábulos ou expressões fixas e estereotipadas, que podem ser desprovidos de seu conteúdo semântico e de função sintática, e que permitem ao falante tomar e iniciar o turno, mantê-lo e encerrá-lo, bem como envolver os parceiros na conversação. São elementos típicos da fala, que funcionam como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e como elementos orientadores da interação.

O mesmo autor pondera que, apesar de possuírem uma certa liberdade posicional nas falas, “a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos” (PRETI, 1999, p. 90).

Consoante Urbano (1999, p. 85-86), esses elementos, típicos da fala:

ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático.

Essa interação está firmada em contextos conversacionais nas diferentes línguas já pesquisadas, e possuem características que são oriundas desse movimento constante de troca de turnos e organização da fala, contribuindo, então, com os aspectos inerentes às diversificadas funções que a linguagem desempenha em seu contexto de uso e apropriação.

Halliday (1976) aborda em seus estudos três possíveis funções da linguagem, para o autor, a primeira representa a “linguagem como a expressão das experiências do falante, tanto do mundo externo como do seu mundo interior, que é sua própria consciência” (HALLIDAY, 1976, p. 45)⁷; a segunda “abrange todos os usos da língua para expressar relações sociais e pessoais, incluindo todas as formas de intervenção do falante na situação de fala e no ato de fala” (HALLIDAY, 1976, p. 41)⁸, ou seja, papéis assumidos pelos participantes do discurso; a terceira “preenche a exigência de que a língua seja operacionamente relevante – que tenha uma textura, em contextos situacionais concretos [...]” (HALLIDAY: 1976, p. 42)⁹, o que corresponde a dizer que a função textual é responsável pelo modo como a fala/escrita se organiza para produzir sentido em uma situação específica.

A função ideacional e a interpessoal são interpretadas por Neves (1997, p. 62) como “manifestações, no sistema linguístico, dos dois propósitos mais gerais que

⁷ [...]what I prefer to call the ideational function: language as expressing the speaker's experience of the external world, and of his own internal world, that of his own consciousness.

⁸ This is the macro-function that we shall refer to as the “interpersonal”; it embodies all use of language to express social and personal relations, including all forms of the speaker's intrusion into the speech situation and the speech act.

⁹ [...] a third macro-function, the “textual”, which fills the requirement that language should be operationally relevant – that it should have a texture, in real contexts of situation,....

fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal)”, porém sua relevância só se atualiza por meio do componente metafuncional textual, que permite ao homem, além de construir experiências com o mundo (interior e exterior) e representar as relações interpessoais, estruturar coerentemente o texto.

Preti (1999, p. 90), acrescenta que:

a reflexão sobre o aspecto sintático dos marcadores leva-nos a considerar que, para a sua perfeita compreensão e caracterização, mais do que a eventual função ou relação sintática, interessa que observemos suas funções comunicativas e/ou interacionais, que têm a ver com as próprias funções ou usos da linguagem.

Neste sentido, o que a teoria que analisa as funções da linguagem exercidas no ato da fala indica é que há elementos ligados ao ato entre os falantes durante um diálogo, uma entrevista, um discurso, entre outros momentos em que a fala se utiliza de mecanismos aprimorados, oriundos da e pela linguagem, mas que exercem uma função interacional – e os marcadores estão neste nicho.

Castilho (2020, p. 26) apresenta um panorama histórico dos estudos e investigações linguísticas da AC acerca dos MDs, destacando que:

os marcadores discursivos constituem outra propriedade da conversação. Essas expressões foram bastante estudadas no Brasil, entre 1980 e 1990. Anteriormente aos estudos da língua falada, Manuel Said Ali Ida (apud Urbano, 1993) foi entre nós o primeiro a analisar e a classificar os marcadores no pb, distinguindo os marcadores linguísticos (verbais e prosódicos) dos marcadores não linguísticos (olhar, riso, expressão corporal).

Estes trabalhos e afirmações feitos na década de 1930 por Said Ali, antes mesmo dos estudos específicos da língua oral obterem sua ascensão nos estudos linguísticos, demonstram observações que compõem, de fato, as características inerentes à fala. Assim, de acordo com a compreensão de Urbano (1999, p. 86):

Said Ali, em 1930, já revelava uma sensibilidade e uma visão pioneira sobre alguns tipos desses elementos estudados sob a denominação de “expressões de situação”. Em resumo, afirma que:

- se trata de palavras, expressões ou frases, típicas da língua falada, e em particular da conversação espontânea;
- parecem, mas não são, descartáveis, discursivamente falando;
- são alheias, talvez à parte informativa;
- entretanto funcionam como expressões das intenções conversacionais do falante;
- são determinadas pela situação face a face dos interlocutores.

O que tem sido constatado em alguns anos de pesquisas linguísticas na área da AC é que os marcadores assumem funções muito importantes na organização, estruturação e construção do texto. Tais funções são originadas tanto na organização verbal cognitiva, quanto na estrutura da interação interpessoal, sendo que estes componentes linguísticos podem ser de “variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântica-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão” (URBANO, 1999, p. 81).

O autor denomina estes elementos como marcadores conversacionais, que têm por função principal estruturar o texto, utilizando-se das construções verbais, cognitivas, interacionais e interpessoais, bem como atuando de forma a revelar e marcar determinados argumentos e intenções comunicativas.

Aponta, ainda, que a existência de elementos na fala, como as pausas, as hesitações, os alongamentos, a entonação, entre outros, revelam a intenção do emissor e a condição de produção dos enunciados, e também ajudam na interação. Assim, os MDs funcionam como elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1999).

O autor indica que estes elementos, típicos da fala,

são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também, enquanto estrutura de interação interpessoal. Por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados marcadores conversacionais (URBANO, 1999, p. 85-86).

É possível afirmar, em se tratando desses elementos, que eles não seriam novos e inéditos neste ou em outro estudo que verse sobre o mesmo assunto. São, sim, elementos de recorrência contínua e que, ao se analisar e descrever uma língua em uso, por meio da interação, rapidamente se localizam esses MDs, sendo que suas funções são as mais variadas e intercaladas possíveis.

Schiffrin (1987) define os MDs como elementos sequencialmente dependentes que unem as unidades de fala e que sinalizam relacionamentos entre unidades de fala imediatamente adjacentes e, portanto, têm uma função de construção em um nível de coerência local. Andrade (1990) *apud* Gonçalves (2006, p. 89) estabelece os MDs como conectores interativos e não apenas conectores textuais, uma vez que são estabelecidos nas funções interacionais, comandando estratégias adotadas pelos interlocutores no ato conversacional durante “a construção e manifestação de suas identidades sociais. Essas funções ganham existência através de esquemas linguísticos rotineiros e estereotipados, dependendo, geralmente, de fatores e variáveis sócio culturais”.

Castilho (2016) refere que os marcadores prosódicos e as expressões pré-lexicais e lexicais são algumas classes que são acionadas como ferramentas de marcação conversacional no ato da fala. O autor ainda assevera que não há classes gramaticais específicas para os MDs, muitas vezes tratando-se de itens lexicais plenos que tiveram seu sentido alterado por inúmeras funções e possibilidades dentro de uma intenção interacional.

Todos os marcadores exercem uma função textual, pois atuam de forma a organizar e estruturar o texto (CASTILHO, 1989), cabendo aos interlocutores buscar os recursos linguísticos que indiquem ou assegurem a compreensão e a manutenção do que se propõe no ato conversacional. Para tanto, ocorrem escolhas lexicais e de organização que conduzirão às intenções discursivas interacionais.

Os MDs fazem parte da produção conjunta da compreensão e coerência de uma conversação, estando ligados à produção e recepção de forma concomitante durante o ato conversacional. Desta forma, é estabelecido o envolvimento dos participantes na conversa por meio da interpretação e da compreensão individual da mensagem, em que cada participante desenvolverá um modelo interno de identificação de como os demais participantes podem estar interpretando todas as informações geradas na conversação. Neste sentido, os marcadores são utilizados para sinalizar a compreensão das falas, relacionando partes do discurso e acrescentando novas informações ou retirando outras, de acordo com o que se obtém de resultados (LENK, 1998).

Em conformidade com o que apontam Risso, Silva e Urbano (1997, p. 21), os MDs englobam um amplo grupo de elementos que, no plano verbal, envolvem “sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem”.

Neste sentido, por ser a língua extremamente rica em suas análises mais intrínsecas, os marcadores possuem diversificadas funções dentro de uma conversação, e estão totalmente ligados à intencionalidade do emissor e do receptor de uma determinada mensagem, de um texto falado. Cada contexto apontado e destacado em estudos e investigações acerca dos marcadores demonstra que o mesmo marcador, sendo este lexical ou não, pode desenvolver diferentes funções a depender do que pretende o enunciador, bem como de como a mensagem foi recebida e acolhida no ato desejado.

Como evidenciam Galembeck e Carvalho (1997, p. 831), os marcadores têm por função: “assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores; situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles; articular e estruturar as unidades da cadeia linguística”.

Tal envolvimento, muitas vezes, pode estar pautado em funções coercivas, de modo que a busca do interlocutor nas escolhas e nos posicionamentos lexicais na sentença formulada fornecem pistas relevantes de como os interlocutores emitem e recebem a informação desejada, e o que e com que objetivo desejam marcar suas falas em determinados contextos de interação.

Em relação à atuação funcional dos marcadores, Risso (1995) afirma que é possível depreender variações na projeção do papel de indicadores de ligações interpessoais. Ancorando-se no estudo da autora (1995, p. 218-219), Burgo (2004, p. 123-124) observa alguns aspectos:

- a) Um grau denso de evocação do quadro interlocutivo em ocorrências que determinam diretamente o envolvimento dos participantes da comunicação entre si e o revezamento de seus papéis no plano interpessoal do diálogo. Figuram nessa perspectiva os marcadores interrogativos e asseverativos, tais como: *certo? sabe? entendeu? viu? hem? né? olha, tá, sei, hum-hum*, entre outros. Esses marcadores se caracterizam por expressarem as funções da busca de aprovação discursiva ou simples contato fático com o interlocutor, acompanhando a fala do outro e o consequente estímulo para que este prossiga. Em suma, esse tipo de marcador se caracteriza pela checagem ou confirmação do funcionamento do canal comunicativo;
- b) Um grau tênue de evocação do quadro interlocutivo em situações em que a densidade interacional é revelada pela clara associação com funções textuais

basicamente pertencentes a aspectos da organização informacional no plano ideacional do discurso. Alguns exemplos desses marcadores são: *primeiramente, bom, quer dizer, enfim, por exemplo, voltando ao assunto, em síntese, quanto a..., e, mas, agora, então*. São caracterizados por sua centração na tessitura do fluxo informativo, instaurando a articulação de segmentos do discurso e estabelecendo aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechamentos de tópicos; e,

c) Graus intermediários entre as duas categorias de marcadores mencionadas. Ocorrem em unidades atinentes ao filtro de auto monitoramento do falante, podendo ser indicativo de reflexões pessoais, atitudes, pontos de vista, modalizadores e atenuadores, como: *eu acho, tenho a impressão, pra dizer a verdade, na minha opinião, se não me engano, por assim dizer*, etc., ou configuradores de expressões metadiscursivas como no caso de marcadores que representam uma indicação antecipada ou tardia do caráter da atividade discursiva em questão. Tem-se como exemplos: *eu estava explicando, vamos terminar, explicando melhor, eu estou expondo, resumindo*, entre outros.

Schiffrin (1987) engloba os MDs como elementos que marcam unidades discursivas sequencialmente dependentes. É o caso de *and, because, but, I mean, now, oh, so, then, well* e *y'know* (e, porque, mas, quero dizer, agora, oh, portanto, então, bem e sabe) encontrados em entrevistas não estruturadas. Esse tipo de abordagem investigativa indica os mecanismos de intercâmbio conversacional utilizados pelo falante no ato conversacional.

De acordo com Burgo, Storto e Galembeck (2013, p. 298), os marcadores “não compreendem somente as expressões frequentemente utilizadas pelos falantes, mas envolvem, também, aspectos interacionais, textuais, cognitivos e finalísticos da linguagem”. Por terem funções abrangentes, é preciso, portanto, considerar as funções que exercem na conversação em cada contexto de uso.

Para Penhavel (2012, p. 58), estes elementos constituem, na perspectiva da Gramática Textual-Interativa,

uma categoria definida com base num amplo conjunto de critérios, de diferentes ordens, relevantes para o processamento da dimensão textual-interativa do discurso. Nesse sentido, trata-se de uma categoria que pode ser atualizada por elementos linguísticos de diferentes configurações gramaticais, como advérbios, conjunções, verbos, adjetivos etc.

Os autores estudados que pesquisam o uso de MDs indicam que a utilização desses elementos pode estar pautada nas diferentes intenções e propósitos durante o ato conversacional. Isso porque, o aprofundamento das investigações dessas marcas linguísticas nos remete a uma compreensão de como este ato, assim como outros que envolvem a linguagem, tem sua projeção e prospecção analisadas mentalmente para, posteriormente, serem utilizadas na interlocução de falantes que dominam uma determinada língua.

Urbano (1999) salienta que o ato da fala, em suas ações interacionais e pragmáticas, estaria pautado em aspectos que são elaborados de forma articulada considerando uma frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Neste sentido, evidencia-se que a fala articula esses aspectos de modo a contribuir com a coesão e a coerência do que há como propósito no ato da conversação.

Os MDs são expressões presentes no discurso e na interação dos falantes usuários da mesma língua. Tais expressões potencializam a manutenção da coesão e da coerência dos referidos enunciados, garantindo a expressão da visão subjetiva do enunciadador por meio do uso de modalizadores e/ou atenuadores, que são como marcas da fala e contêm em si diferentes objetivos e intencionalidades comunicativas variadas.

Penhavel (2010, p. 50-51) ressalta que os elementos considerados como MDs sempre estão relacionados a algo que seja central em relação a eles:

eles próprios nunca são o centro (de qualquer aspecto) da comunicação verbal, mas atuam no processamento (de algum aspecto) da comunicação. Nesse sentido, cada abordagem particular, então, parece tomar como MDs aqueles elementos que atuam no processamento, ou organização, do aspecto da comunicação verbal que seu respectivo modelo teórico-metodológico focaliza.

Sobre as diversificadas funções dos MDs, apontamos o panorama que Castilho (2016) apresenta a respeito, fundamentado nos estudos e nas definições já discutidas por outros linguistas brasileiros, salientando como podem flutuar os critérios de ordenação destes itens. O autor exhibe as definições de Urbano (1993), que classifica os marcadores como linguísticos e não linguísticos, entre outras percepções. Destaca que Marcuschi (1989) reconhece dois grandes tipos: os marcadores pragmáticos e os marcadores textuais, nomeados por Castilho (1989) como interpessoais e ideacionais. O autor

aponta, ainda, as funções apresentadas por Macedo e Silva (1987) que tratam de marcadores esclarecedores, de apoio, redutores, preenchedores de pausa, resumidores, finalizadores e argumentadores, bem como os indicados por Rosa (1990) como marcadores de atenuação, de distanciamento, de opinião e de rejeição. O autor finaliza este panorama, portanto, ressaltando que há, ainda, vertentes a serem exploradas quando o assunto é o que pode ser considerado um marcador com funções específicas no ato conversacional.

Neste sentido, há sempre uma intencionalidade conversacional que precisa ser analisada quando se inquirir a língua em seu uso. No ato conversacional, os marcadores atuam de forma variada revelando e marcando, no texto falado, ideias, interesses e intenções do falante.

Os MDs devem ser considerados como elementos essenciais no processo de interação e atuação no desenvolvimento do texto falado. A estes elementos está associada a responsabilidade de indicar o início, a passagem e a sustentação de turno, bem como a articulação entre os diferentes segmentos tópicos ou temáticos (GALEMBECK; CARVALHO, 1997). Estes elementos linguísticos funcionam como articuladores da fala, podendo, em diversos momentos, fornecer pistas e encaminhamentos sobre posicionamentos ou intenções dentro de um determinado tópico. Para isso, o falante elabora e planeja sua fala mediante monitoramento de suas marcações articuladas pela utilização destes elementos.

Para Andrade (2006, p. 74), trazendo os estudos de Schifffrin (1987),

ao levar em conta a mútua constituição entre texto e contexto e chamar a atenção para o quanto a linguagem é sensível ao contexto, destaca o papel dos Marcadores Discursivos (MD) no estabelecimento de relações de lógica, coerência e interação [...] entre texto e contexto e interlocutores.

Os MDs podem constituir, a depender da abordagem, uma classe textual, discursiva, conversacional, pragmática, etc., mas nunca uma classe gramatical, uma vez que são uma classe que não se reduz a um único conjunto de elementos agrupados de acordo com aspectos formais. Ou seja, eles são um componente linguístico com vasta variação, pois o conceito é de ordem textual interativa (PENHABEL, 2012).

As escolhas lexicais, de organização e de posicionamento destes itens na sentença estão interligadas à elaboração do enunciado, com vistas a atingir o que se propõe de forma intencional em cada enunciado de uma conversação. É por meio destes

elementos coercivos em uma conversação que se estabelecem proponentes que contribuem na constituição das relações interpessoais.

3.2.1 Tipos e funções dos Marcadores Discursivos

Com o intuito de explanar as diversificadas funções e os conjuntos destes elementos, indicamos nos parágrafos a seguir as definições e abordagens propostas por alguns autores que explanam e esclarecem determinadas peculiaridades pertencentes a estas unidades conversacionais e suas ligações internas.

Estes elementos linguísticos estão presentes em todo ato conversacional e variam seu uso de acordo com a intenção do falante, movido pelos objetivos interacionais e tornando notável a ocorrência de constante movimento durante todo ato. Isso produz funções variadas e serve de elo entre unidades comunicativas, como indica Marcuschi (2007).

Castilho (1989), denomina os marcadores como discursivos com função de organizar o texto, e os caracteriza em dois tipos: marcadores interpessoais e marcadores ideacionais.

Os marcadores interpessoais servem, segundo o autor, para administrar os turnos conversacionais. Consoante os exemplos indicados por Castilho (1989), funcionam da seguinte maneira:

- assinalam o início do turno: (i) nas pré-sequências, como “olha!...”, “escuta”, “vem cá”, “nós queríamos saber”, “e aí?”. (ii) nas sequências de propostas de assunto (“vamos dizer o seguinte”), de aceitação (“bom”, “tá”, “tá certo”) e de recusa (“negativo”, “desculpe... mas”, “tá certo... só que”);
- assinalam a passagem de turno: “agora” (em 1 h), “agora é tua vez”;
- assinalam a tomada de turno: “ah não!”, “mas espera aí um pouco”;
- assinalam que se pretende manter o turno: “e tem mais”, “como eu dizia”, “e isso não é tudo”; e,
- assinalam o encerramento do turno: “tá bom”, “depois nos falamos”, “foi bom”, “valeu”. Nos diálogos simétricos, figuram aqui as despedidas.

Já os marcadores ideacionais são acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento durante o ato conversacional. O autor (CASTILHO, 1989) exemplifica da seguinte forma:

- negociação do tema: “bom”, “então”;
- aceitação ou recusa do tema: “tá bom”, “vamos lá”, “essa é boa”, “ah:: essa não”, “corta essa”, “xi:: lá vem você de novo”;
- mudança ou retomada do tema: “agora me lembro”, “falando agora de...”, “e por falar em...”, “você já ouviu a última?”, “voltando agora ao ponto”, “retomando o fio da meada”;
- tipificação do tema: trata-se dos marcadores que atribuem um tipo ao núcleo, isto é, as marcas da declaração (afirmativa ou negativa), interrogação e exclamação: “não é?”, “pô!”;
- ênfase de um aspecto do tema: “o principal nisto é que”, “o essencial”, “o problema real”, “o ponto em questão”, “o mais importante”, “acima de tudo”, “antes de tudo”, “o X da questão”; e,
- atenuação de um aspecto do tema: “isso é secundário”, “basicamente”, “fundamentalmente”, “num certo sentido”, “em grande medida”, “de certa forma”, “quase como”, “praticamente”, e – bastante comum no português brasileiro contemporâneo – “assim”, alongando-se a vogal nasal desse vocábulo e rodeando-o de pausas.

Com relação à posição no turno conversacional, Galembeck e Carvalho (1997) referem que os marcadores podem ser classificados como iniciais, mediais e finais. Seguem abaixo alguns exemplos propostos pelos autores para as três ocasiões:

- iniciais: não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno.
- mediais: né?, sabe?, entende? digamos, advérbios, conjunções, alongamentos, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno.
- finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p. 37).

Além dessa classificação, Castilho (2020) considerou as funções e a colocação destes elementos no enunciado. O autor destaca um maior detalhamento na suposta propensão desta colocação e apresenta alguns exemplos de marcadores utilizados em diferentes momentos da interação. Esses exemplos nos ajudam a localizar os marcadores no processo de verificação de uma conversação, os quais estão divididos da seguinte forma:

- a) Marcadores interpessoais (orientados para o interlocutor):

- iniciais: ah... eh.../ ahn.../ olha.../ e aí, tudo bem?/ tudo em cima/riba? escuta.../ vem cá... /como você sabe... /mas...
- mediais: é.../ é claro.../ exato.../ tá.../ tô entendendo...
- finais: sabe?/ sabia?/ entende?/ compreende?/ não é mesmo?/ não é?/ né?/ tá?/ viu?/ pô!

b) Marcadores ideacionais (orientados para o texto):

- Iniciam o tópico: bom.../ bem.../ assim.../ seguinte.../ por exemplo.../ e por falar em.../ quanto a.../ você já ouviu a última?
- Recusam o tópico: essa não!/ peraí/ sem essa!/ corta essa!/ xi::lá vem você de novo!
- Aceitam o tópico: tá bom.../ vamos lá.../ ok.../ fala...
- Organizam o tópico: inicialmente.../ primeiramente.../ em segundo lugar.../ em seguida.../ e então.../ e aí.../ agora.../ e depois.../ outra coisa.../ e tem mais...
- Operam a mudança de tópico: já (em a agricultura vai bem, a indústria se expandiu, a situação do emprego não acompanhou esse progresso todo)
- Modalizam o tópico: sim, mas.../ pra mim.../ eu acho que.../ parece que.../ pode ser que.../ possivelmente.../ provavelmente.../ disque... (= dizem que...)/ sei lá.../ não sei.../ de certa maneira.../ num certo sentido.../ basicamente...
- Finalizam o tópico: papapa.../ e coisa e tal.../ valeu.../ é isso aí.../ falô...

O autor apresenta esse compilado com exemplos encontrados nos projetos que estudam a língua portuguesa falada. Porém, são exemplos de cunho analítico, mas que podem sofrer alterações tendo em vista a tipologia da língua falada que possui movimento contínuo e atuante, durante o processo. Conforme ressaltam Galembeck e Carvalho (1997), a posição onde os MDs são alocados não tem caráter fixo, e o mesmo marcador pode aparecer em posições diferentes na formulação da sentença a depender da intenção discursiva dos falantes, e essa variação é decorrente do caráter funcional destes elementos.

Neste sentido, precisamos ter claro que a fala não pertence a uma projeção estática. Todavia, conforme indica Castilho (2020, p. 26),

analistas da conversação observaram que às vezes não ocorre o turno esperado. É esse o caso de um convite não aceito, ou de uma pergunta a que se responde com outra pergunta, e assim por diante. A violação do comportamento linguístico esperado foi denominada *despreferência* por Marcuschi (1986).

Apesar de ser considerada em constante alteração e movimento, estudos têm indicado que há uma propensão maior para o uso de determinados marcadores para iniciar um turno, acompanhar e incitar o desenvolvimento do mesmo e, ainda, finalizar o turno, dando passagem a outro. No entanto, tal posicionamento não é fixo e o mesmo marcador pode estar em uma ou mais posições, podendo variar sua posição/função.

Fraser (1999) indica a existência de dois conjuntos principais de MDs: os que estabelecem uma relação entre as mensagens, ou seja, aqueles que relacionam algum aspecto das mensagens produzidas que seguem e que precedem o marcador; e, os que relacionam os tópicos das conversações com o intuito de envolver algum aspecto de condução discursiva.

Marcuschi (2003, p. 71) afirma, em seus estudos, que os marcadores podem ser compreendidos por duas perspectivas: uma que se refere às produções evocativas do falante e outra que se refere às recepções por parte do ouvinte. De acordo com o autor são:

- a) sinais produzidos pelos falantes, que servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, monitorar e referir ações, marcar comunicativamente unidades temáticas, indicar o início e o final de uma asserção, dúvida ou indagação, avisar, antecipar ou anunciar o que será dito, eliminar posições anteriores, corrigir-se, autointerpretar-se, reorganizar e reorientar o discurso etc.;
- b) sinais produzidos pelo ouvinte durante o turno do interlocutor e geralmente em sobreposição, que servem para orientar o falante e monitorá-lo quanto à recepção. Aos sinais de concordância como “ahã”, “sim”, “claro”, o falante pode animar-se; aos sinais de discordância como “não”, “impossível”, o falante pode reformular-se ou acrescentar algo mais; sinais como “diga, diga” promovem uma exploração adicional do tópico, e assim por diante. Marcam a posição pessoal do ouvinte localmente, encorajam, desencorajam, solicitam esclarecimento e não têm apenas uma função fática ou algo semelhante.

Furlan (2014, p. 50) organizou um compilado de definições e exemplos de marcadores utilizados em LOs, confeccionando um quadro que trazemos para uma melhor elucidação das classificações destinadas aos MDs. Entretanto, estes são alguns

possíveis exemplos, uma vez que há muitos outros itens lexicalizados e não lexicalizados que podem ser utilizados como MDs. A autora indica que se utilizou dos estudos de Marcuschi (1989; 2003), Castilho (1989), Urbano (2003), Risso, Silva e Urbano (2002) e Rosa (1992) para a confecção do quadro.

Quadro 1 – Classificação e exemplos de marcadores

Classificação	Exemplos de Marcadores
Preenchedores de pausas, marcadores de hesitação ou de manutenção de tópico	Ahm, uhm, eh-eh, assim, então, mas, é, porque
Marcadores de busca de aprovação discursiva	sabe?, certo ?, né ?, ok ?, não é ?
Marcadores de monitoramento do ouvinte	hu-hu, ok, sim, claro, pois é
Marcadores de atenuação	eu acho que, tenho a impressão que, se não estou errado
Marcadores esclarecedores	quer dizer, tipo assim, na verdade
Marcadores de apoio	tá?, né?
Marcadores redutores	Assim
Marcadores resumidores	coisa e tal, e assim por diante
Marcadores de opinião	acho, creio, na minha opinião
Marcadores de rejeição	que eu me lembre agora, que eu saiba, dizem
Marcadores argumentadores	sim mas, pra mim
Marcadores que assinalam tomada de turno	então, olha, certo, viu
Marcadores que assinalam entrega de turno	entendeu?, compreende?, o que você acha?, qual sua opinião?, sim?
Marcadores de armação do quadro tópico	agora que estamos nesse ponto, e por falar nisso
Hedges	assim, sei lá, talvez
Marcadores regionais (gírias)	oxente, pior, bah
Marcadores específicos de determinado grupo social ou faixa etária	tipo, cara, mano, sacou?, partiu, mora

Fonte: Furlan (2014, p. 50).

Conforme Furlan e Burgo (2015, p. 83-84),

é importante salientar o caráter plurifuncional dos marcadores, pois cada um pode transitar por entre todas as classificações disponíveis, e podem exercer, ao mesmo tempo, mais de uma dessas funções. Isso se deve ao fato de ser conduzido sempre pelas estratégias de passível de ser estudada cientificamente, por meio de uma análise focalizada em seu processo de construção.

Nesta pesquisa gostaríamos de ressaltar que nem todas as expressões verbalizadas e utilizadas na língua portuguesa têm equivalências na Libras, e vice-versa. Por essa razão, o quadro acima serve para apresentar exemplos, e utilizaremos nesta investigação de forma análoga; contudo, nem sempre os itens serão do mesmo modo utilizados na língua descrita no corpus desta pesquisa.

Iniciamos, então, seguindo a convergência dos estudos das línguas faladas com as línguas sinalizadas com o intuito de adentrarmos ao debate proposto para este estudo.

Como indicado na justificativa do tema a ser pesquisado, buscou-se por estudos semelhantes, com a finalidade de somar às análises apresentadas. No entanto, encontramos apenas trabalhos iniciais que não possuíam, ainda, a profundidade do tema que buscávamos.

4 METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa dentro da linha de análise e descrição de línguas, mas que incide sobre uma língua de modalidade espacial-visual - um objeto ainda pouco conhecido e descrito-, optamos por detalhar a metodologia utilizada antes de apresentarmos a análise linguística realizada.

Como explanado de forma introdutória e na seção 2, há ainda muitos caminhos e aspectos a serem investigados no campo linguístico das línguas de sinais como um todo. Elas conquistaram seu *status* linguístico na década de 1960 e, no caso específico da língua brasileira de sinais, vem sendo estudada há bastante tempo, mas tece sua oficialização como língua no país no ano de 2002.

Os estudos da linguagem versam sobre o conhecimento e a investigação de aspectos inerentes a uma determinada língua ou, ainda, aos aspectos análogos entre as línguas existentes. Nesta pesquisa em questão, a busca, o mapeamento e a identificação dos articuladores linguísticos que a compõem foram no campo de pesquisa da Análise da Conversação, que abordamos na seção anterior. Buscamos, portanto, selecionar conversas entre surdos fluentes em Libras e obtivemos a constituição do corpus desta investigação, que precisou ser reformulado até chegarmos ao que se buscava quanto a possibilidade de análise linguística necessária para dar cabo desta pesquisa.

Abaixo, detalhamos os procedimentos adotados para cada momento desta análise que, por tratarmos de uma língua de modalidade visual-espacial, contou com a observação minuciosa dos sinais produzidos durante algumas gravações em vídeos de conversações entre surdos fluentes na língua pesquisada.

4.1 A Seleção do Corpus

Utilizamos como corpus para esta pesquisa 22 (vinte e dois) vídeos de conversações entre surdos, estes disponíveis no sítio da Universidade Federal de Santa Catarina, no Portal Libras. A escolha dos vídeos passou por uma seleção, que terá seus critérios apresentados mais a seguir, assim como os detalhes que tornaram esta pesquisa possível.

Os vídeos estão disponibilizados em acervos que compõe o Inventário Nacional de Libras, e integra o projeto denominado Corpus de Libras. Este projeto foi

constituído, segundo as descrições contidas no sítio, com o objetivo de pesquisar, catalogar e difundir a Libras, e conta com um acervo catalogado por estados, o qual, durante todo o período da pesquisa, se manteve em construção.

Este material organizado na língua de sinais brasileira está inserido em um projeto maior que, segundo Quadros et al. (2018), foi instituído pelo Decreto 7.387/2010, e denominado Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). O objetivo principal do referido projeto foi o de estabelecer um instrumento que identificasse e documentasse as línguas dos diferentes grupos linguístico-culturais do país, contribuindo para o reconhecimento e valorização destes grupos, promovendo a diversidade linguística brasileira e o reconhecimento das línguas como patrimônio imaterial cultural brasileiro.

Os autores indicam que esse reconhecimento da língua como patrimônio imaterial é algo relativamente novo tanto nacional como internacionalmente e que, essa discussão da língua “enquanto bem patrimonial se constrói para garantir os direitos linguísticos de comunidades de minoria, que no Brasil, envolvem comunidades surdas entre outras (de imigrantes, indígenas e afrodescendentes)” (QUADROS, et al., 2018, p. 14).

O acervo que utilizamos para compor o corpus desta pesquisa começou a ser formado no ano de 1995 e envolve diferentes ramificações de outros projetos, com fins semelhantes, compreendendo corpora de fontes diversas e diretrizes diversificadas para o registro dos dados e metadados em Libras. Esse inventário tem por objetivo estabelecer a documentação da Libras em âmbito nacional, possuindo dados coletados da Grande Florianópolis (Santa Catarina) e de Maceió (Alagoas). Sua metodologia compreende interações de surdos em pares, divididos em três grupos, por idade e por gênero (QUADROS, 2016).

Sendo assim, o material utilizado para esta análise linguística faz parte do acervo que compõe o inventário citado acima, podendo contribuir também com o propósito semelhante a outros compilados de outras línguas, o de viabilizar estudos linguísticos nas diferentes áreas de pesquisa existentes. Este inventário cumpre um papel que grande relevância às comunidades surdas brasileiras e representa um marco nos estudos referentes à língua utilizada pelos surdos brasileiros. Para (QUADROS et al., 2018, p. 201). “Um marco que é conjugado às várias mobilizações e movimentações dessa língua e de seus falantes. Uma língua que apresenta legitimidade por meio da legislação

existente e pelos seus usuários.” Cumprindo então a função de fomentar as políticas linguísticas relativas à Libras.

A seleção dos vídeos foi direcionada, primeiramente, pela disponibilidade do acervo no inventário de Libras. Como indicado acima, o material está catalogado por estados e apenas as duas capitais citadas possuíam, até o término desta pesquisa, vídeos que pudessem compor o corpus investigativo para transcrição, tradução e análise linguística.

Provavelmente isso ocorra pela exigência que a corpora em Libras submete a produção destes vídeos, ou seja, por ser efetuada no espaço, necessita de um local apropriado, organizado para a composição dos vídeos, diferentemente das línguas orais-auditivas que podem ser gravadas em voz apenas, sem a necessidade de tomadas de vídeo ou adaptações espaciais.

Quadros et al., (2018, p. 29) ao descreverem os detalhes do projeto de composição dos vídeos, indicam que:

para as filmagens, foi montado um estúdio na Universidade Federal de Santa Catarina com quatro filmadoras para captar os informantes em diferentes perspectivas, exatamente para apreender a dimensão corporal dessa língua, uma língua visual-espacial. Cada participante visualizava o seu interlocutor e uma tela com as imagens relacionadas com cada tópico da interação. A sala recebeu pintura nas duas paredes de fundo e um piso vinílico de cor cinza escuro.

Os autores citados acima descrevem, em um compilado acerca do projeto Inventário de Libras, que o mesmo foi iniciado na grande Florianópolis e está sendo estendido, segundo Quadros et al. (2018, p. 201) aos estados do Tocantins, Alagoas, Ceará e Rio de Janeiro, objetivando “replicar a metodologia estabelecida para todos os estados brasileiros a fim de compormos um Inventário Nacional de Libras que represente todos os estados brasileiros.” Reiteramos que até o momento da coleta de dados desta pesquisa, dos estados citados acima, localizamos corpus somente nos estados de Santa Catarina e Alagoas.

Vale explicar que, em alguns estados o acervo está composto por outros tipos de vídeos, que também permitiriam diversificadas possibilidades de coletas de dado e análises linguísticas, mas que para esta pesquisa específica, pelos objetivos elencados para defender a tese apresentada, os demais materiais disponíveis no acervo não coadunavam com o propósito.

Para a constituição do corpus utilizado, no que se refere à produção e coleta de dados, Quadros et al. (2018, p. 35) indicam, que “Os instrumentos envolveram uma entrevista, conversa livre, conversas temáticas, narrativas com base em histórias em sequência, narrativas com base em clipes de filmes não falados e levantamento de vocabulário”. Destes, elencamos apenas alguns temas, dos quais nos referiremos adiante.

Um ponto também importante sobre a possibilidade de diálogos acerca dos temas propostos nos vídeos se refere ao fato de que com o avanço das tecnologias usuais e acessíveis, a maioria das pessoas, de forma global, consegue debater diferentes temáticas. As trocas de informações, debates e possibilidades de conversarem entre si por vídeo- chamadas (nos mais variados sistemas tecnológicos e redes midiáticas) têm permitido a estes sujeitos, usuários de uma língua que precisa ser vista para ser compreendida, uma maior interação pelo viés nacional e internacional.

Neste sentido, Quadros (2013, p. 30) pontua que:

a tecnologia é uma aliada muito importante, pois permite que vídeos em Libras sejam analisados por meio de ferramentas disponíveis online, gratuitamente, como o Sistema de Anotação ELAN (<http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>). No Brasil, os pesquisadores já começam a integrar o uso deste sistema de notação em suas pesquisas (Mc Cleary, Viotti e Leite, 2010; Quadros e Pizzio, 2007).

Constatamos com a busca do corpus que, a capital de Florianópolis conta com um total de 566 (quinhentos e sessenta e seis) vídeos, subdivididos por categorias de assunto que se repetem entre as duplas participantes, divididas por faixa etária e gênero. Disponibilizados no espaço destinado à capital de Maceió foram encontrados 191 (cento e noventa e um) vídeos para seleção e análise, também subdivididos da mesma forma.

Para a realização desta pesquisa de análise linguística, optamos, então, pela seleção dos vídeos que possuíam aspectos livres de conversação, subcatalogados por temáticas que se repetiam entre as duplas. Desta forma, com o intuito de analisar a conversação em Libras de maneira mais espontânea, buscamos itens de uma conversação simétrica¹⁰, como apontado por Castilho (2016).

4.1.1 Escolha e agrupamento

¹⁰ Na conversação simétrica os interlocutores contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento do tópico conversacional e se revezam nas posições de falante e receptor, com participação em relação ao tópico (CASTILHO, 2016)

As gravações foram analisadas e agrupadas, primeiramente, por temas, optando sempre em reunir vídeos que continham temas que expressassem melhor uma conversação livre entre os surdos fluentes em Libras. Para a escolha dos vídeos que foram utilizados, eliminamos aqueles denominados na descrição como “vocabulários”, “narrativas”, preferindo os vídeos com as seguintes descrições de conversação livre acerca dos seguintes assuntos: “Copa 2014”, “Trânsito”, “Manifestação”, “Tecnologia”, “Escola de surdo e ouvinte”, “Associação de surdos” e “Conversação livre”.

Neste sentido, a escolha seguiu a premissa descrita por Quadros et. al (2018, p. 36), a respeito da constituição do inventário de Libras, os autores destacam que:

os participantes foram orientados a conversarem livremente e depois a conversarem observando o tema proposto por meio de ficha constando um título com uma figura. Os temas envolveram questões atuais e questões diretamente envolvidas na vida dos surdos. Para a replicação do projeto, os temas devem ser atualizados de acordo com a realidade local.

Após a seleção dos vídeos que não entrariam nas análises, por apresentarem um foco mais direcionado a vocabulários ou narrativas de histórias, separamos os vídeos que representavam o interesse pelo teor da conversação. Cada vídeo continha uma variação muito grande no tempo decorrido do diálogo entre uma dupla e outra, a depender do tema abordado e do interesse conversacional de cada participante; assim, o vídeo de maior duração contou com 10 (dez) minutos e 32 (trinta e dois) segundos de gravação.

Posteriormente a escolha dos vídeos, buscamos mapear aqueles que continham indícios do uso de marcadores discursivos durante as conversações, seguindo a ordem apresentada no sitio. Essa localização ocorreu mediante tradução para a língua portuguesa e posterior transcrição dos vídeos selecionados, somando um total de 22 (vinte e dois) vídeos para a realização da análise.

Tendo em vista as variadas funções possíveis dos marcadores, que serão descritas na próxima seção destinada à análise, o agrupamento dos excertos foi realizado de maneira que contemplasse a análise do uso destes elementos de forma análoga às pesquisas já existentes em línguas orais. Como exposto anteriormente, não há, até o momento, estudos nesta temática que abarquem as LSs, motivo pelo qual não pode ocorrer um debate com pesquisas semelhantes.

Há que se mencionar que alguns excertos aparecem mais de uma vez nas análises, em virtude de que neles estão alocados mais de um MD com função diferente.

Como apresentamos na análise o agrupamento por funções, salientamos em cada grupo um MD que se encontra destacado em negrito.

Para a seleção e composição do corpus elencado, coadunamos com as seguintes afirmações de Marcuschi (2007, p. 70-71) sobre a fala:

um dos aspectos centrais neste caso é o papel que o cenário da fala, composto pelos participantes, natureza de suas relações, objetivos e situação, desempenha na determinação da fala. Não é, portanto, na perspectiva de produto estático que a fala deve ser vista, mas como uma atividade de textualização e em suas características dinâmicas. A fala é um modo de produzir textos ou discursos reais, que envolve estratégias típicas do ponto de vista da formulação.

Neste sentido, a seleção do corpus se deu exatamente pela tentativa de fugir do “produto estático” descrito pelo autor, coadunando com os preceitos teóricos que indicam que a língua em uso está prescrita em detalhes que outros gêneros textuais talvez não contemplem.

Seguindo o que Silva, Andrade e Ostermann (2009, p. 04) destacam como sendo um quesito importante para a realização de pesquisas em uma perspectiva da AC, na análise de interações naturalísticas, “a palavra ‘naturalística’ indica que os dados não são experimentais ou gerados a partir de um roteiro prévio, mas que foram coletados no ambiente em que eles aconteceram”.

Partimos desta premissa para iniciarmos a investigação, e após traduções e transcrições, constituímos os excertos com os trechos onde os MDs foram localizados. Também foi realizado um agrupamento dos marcadores encontrados por tipos e funções, apontando-os por meio de discussão dos dados com base nos pressupostos teóricos desta pesquisa. Portanto, o que se apresenta nos excertos são recortes dos momentos em que localizamos estes marcadores durante a interação, com aproximação antes e depois para que construíssemos um corpus com vistas a compreender o que estava sendo dialogado.

4.1.2 Os participantes das conversações

Acerca da composição dos vídeos utilizados como corpus para as análises linguísticas, que estão constituídos dentro dos temas apontados no subtópico acima, tiveram suas gravações na capital Florianópolis entre 2013 e dezembro de 2015 e contou com 36 (trinta e seis) participantes, com faixa etária entre 16 anos à acima de 50 anos de idade (QUADROS et al., 2018).

Os autores ainda destacam que:

as entrevistas foram realizadas garantindo-se o registro de produções em Libras mediante a interação entre dois participantes para registrarem-se atos de fala (em sinais), com expressões culturais e amostras de palavras e elementos gramaticais, vocabulário específico, empréstimos, frases ilustrativas de elementos da gramática, demonstração de variedades dialetais e elementos que singularizam a língua tipologicamente dentro da região (QUADROS et al., 2018, p. 29).

Já sobre os vídeos da capital Maceió, não foram encontrados relatos do quantitativo geral da constituição do corpus, imaginamos que seja porque os vídeos ainda estão sendo acrescidos no acervo destinado a esta localidade, bem como ao acervo de outros estados do país.

Cada vídeo produzido foi então nomeado com as descrições da sigla da cidade (FLN para Florianópolis e MCZ para Maceió), numeração dos grupos, das duplas e o título da atividade como o exemplo a seguir: FLN_G1_D1_ConversaCopa2014.

Com intuito de apresentar mais informações dos participantes dos vídeos analisados, construímos o quadro 2 que dispõe as seguintes informações¹¹: Localidade, número do grupo, número da dupla, tema da conversação e gênero do participante.

Quadro 2: Referências dos participantes dos vídeos analisados

Local	Grupo ¹²	Dupla	Tema	Gênero da dupla
FLN	G1	D1	Conversa Copa 2014	Feminino
FLN	G1	D1	Conversa escola surdo ouvinte	Feminino
FLN	G1	D2	Conversação livre	Masculino
FLN	G1	D2	Tecnologia	Masculino
FLN	G1	D3	Conversa Copa 2014	Masculino
FLN	G1	D3	Conversa escola surdo ouvinte	Masculino
FLN	G1	D3	Conversa tecnologia	Masculino
FLN	G1	D3	Conversa manifestação	Masculino
FLN	G1	D4	Conversação livre	Masculino
FLN	G1	D4	Conversa associação de surdos	Masculino
FLN	G1	D5	Conversa Copa 2014	Feminino
FLN	G1	D5	Conversa tecnologia	Feminino

¹¹ Conforme observado no quadro, algumas duplas se repetem em temáticas diferentes.

¹² Os grupos estão divididos por faixa etária de idade, sendo que ao grupo 1 (G1) pertencem os participantes de até 29 anos, o grupo 2 (G2) idade entre 30 e 49 anos e os participantes do grupo 3 (G3) acima de 50 anos (QUADROS et al., 2018).

FLN	G2	D3	Conversa trânsito	Feminino
FLN	G2	D3	Conversação livre	Feminino
FLN	G3	D2	Conversação livre	Masculino
MCZ	G1	D1	Conversação livre	Masculino/Feminino
MCZ	G1	D1	Conversa escola surdo ouvinte	Masculino/Feminino
MCZ	G1	D1	Conversa manifestação	Masculino/Feminino
MCZ	G1	D2	Conversa trânsito	Masculino
MCZ	G1	D2	Conversação livre	Masculino
MCZ	G1	D2	Conversa escola surdo ouvinte	Masculino
MCZ	G1	D4	Conversa tecnologia	Feminino

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O material utilizado para a coleta de dados da pesquisa dispunha de quatro tomadas de vídeo para cada conversação, com as câmeras posicionadas da seguinte maneira: duas focavam individualmente os dois participantes de frente, uma abrangia um ângulo de cima dos participantes e a quarta possuía um ângulo que tornava possível visualizar os dois participantes simultaneamente, focados lateralmente.

Com intuito de trazer uma melhor visualidade ao que estamos falando, trouxemos as figuras 1, 2, 3 e 4, representando uma amostra de como as câmeras foram organizadas para as gravações das conversações que compõem o inventário do corpus de Libras, apresentando as quatro tomadas das câmeras, nas quatro posições que estão dispostas nos vídeos utilizados. Estas imagens representam a captura de tela realizada em um dos vídeos utilizados para as análises.

A figura 1 demonstra como a câmera 1 está posicionada, com foco lateral na dupla. Já a figura 2 representa o foco acima da dupla, observado na câmera 4. A posição destas duas câmeras representa as tomadas de vídeo com foco nas duplas, um foco mais amplo, que permitiu uma análise mais completa da interação conversacional da dupla.

Figura 1 – Câmera 1 com foco na dupla



Fonte: QUADROS *et al* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

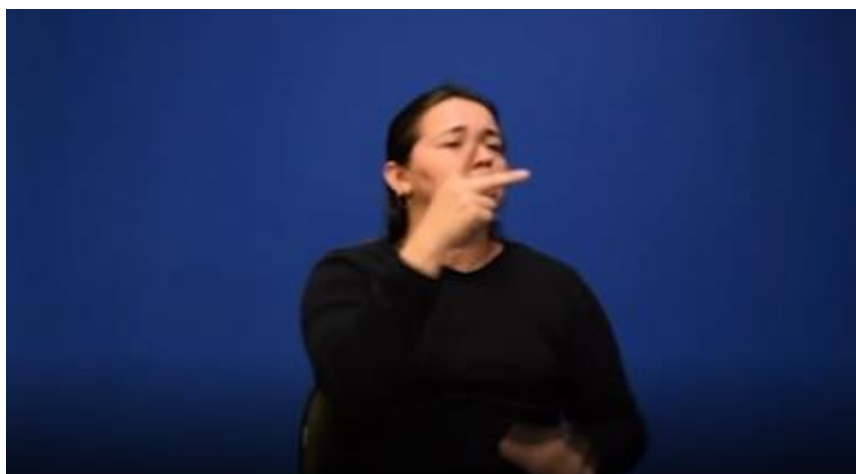
Figura 2: Câmera 4 com foco na dupla.



Fonte: QUADROS *et al*. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

As figuras 3 e 4, indicadas abaixo, possuem o foco individual das duplas, uma câmera para cada interactante, representados pelas câmeras 2 e 3. Estas tomadas nos permitiram uma visão mais focal na sinalização individual de cada participante.

Figura 3: Câmera 2 com foco individual.



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Figura 4: Câmera 3 com foco individual.



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Gostaríamos de destacar que a qualidade das gravações e a disposição das quatro tomadas, configuram detalhes importantes para a análise linguística desta pesquisa, tendo em vista que tais detalhes contribuíram para uma possibilidade de tradução mais assertiva, pois, durante a análise, em momentos de dúvidas quanto a um sinal/enunciado essa variável nos permitiu ter a opção de escolha do melhor ângulo para a tradução e posterior transcrição das conversações.

4.2 A Transcrição dos Dados

Para a transcrição e análise dos dados, utilizamos um *software* desenvolvido pelo *Max Plank Institute*, o qual se encontra disponível de forma livre e recebe o nome

de Sistema de Anotação *Eudico Annotator* – ELAN. Por meio deste sistema foi possível a transcrição dos vídeos de conversação de forma mais detalhada, pois alguns recursos contribuem para o processo de transcrição e tradução da língua de sinais (também utilizado na tradução de línguas orais).

Como apontam McCleary et al. (2010, p. 276), “uma grande vantagem que o ELAN apresenta para a transcrição das línguas de sinais é a possibilidade de visualizar duas ou mais tomadas de vídeo simultaneamente”. Com isso, há a possibilidade de anotar alguns sinais não manuais relacionados ao rosto, ou outros movimentos que estão ligados à língua em uso, tendo em vista que esta é de modalidade visual-espacial, e todos os detalhes que envolvem as expressões corpóreo-faciais são relevantes dentro do processo de análise linguística.

McCleary e Viotti (2007, p. 21) indicam que, apesar de o *software* ter inúmeras vantagens como ferramenta de transcrição de línguas, há que se indicar que sua desvantagem está “relacionada com a natureza contínua da transcrição”, ou seja, “parece ser a impossibilidade de se gravarem relatórios que preservem as pautas organizadas por unidades ideacionais, como em transcrições convencionais”.

Sobre as pesquisas linguísticas, McCleary e Viotti (2007, p. 04) destacam que, em uma análise linguística em línguas de modalidade visual-espacial pensada e aplicada de forma linear, podem ocorrer várias consequências para a análise, uma vez que alguns fenômenos da linguagem precisam ser levados em consideração, tais como “repetições, paralelismos estruturais e subordinação”, e não devem passar despercebidos neste processo analítico.

Outro problema é a sobreposição de descrição e interpretação. Nas explicações “expressão facial de pergunta/de concordância/de entender/de atenção”, não está claro se cada descrição se refere a um determinado conjunto convencionado de traços faciais (por exemplo, cabeça erguida, sobrancelhas franzidas, etc.), ou se a denominação indica a interpretação global e intuitiva da expressão dentro do contexto (MCCLEARY; VIOTTI, 2007, p. 04).

Neste sentido, coadunando com as ponderações elencadas acima, o processo realizado na utilização dos vídeos para a análise proposta foi organizado de forma a explorar a língua dentro do objeto de pesquisa deste trabalho, mas deixou inúmeras possibilidades de pesquisas em aberto, possibilidades essas que podem ser exploradas em outros momentos de investigação e análise.

Conforme apontado nesta seção, os avanços oriundos de estudos que utilizam a transcrição de corpora em LS têm aumentado e permitido que estas línguas sejam analisadas em sua completude, percorrendo toda a construção frasal sinalizada e os componentes não manuais, intrínsecos à língua.

Não obstante, nas análises de línguas faladas orais, os detalhes a que se somatizam a composição do enunciado devem receber atenção constante, tendo em vista que “o estudo da oralidade, portanto, abre caminho à formulação de princípios linguísticos, suficientemente fortes para investigar os processos de criação linguística” (CASTILHO, 2020, p. 36).

Descobrir e se atentar para tais detalhes pode ser uma tarefa complexa e, ao mesmo tempo, fascinante, pois, por se tratar de uma língua com proeminências tão diversificadas, a transcrição de todos os detalhes que a envolvem exige a observação minuciosa de peculiaridades que compõem o enunciado.

No caso das línguas de sinais, das quais ainda sabemos muito pouco, a tarefa de transcrição se torna particularmente complexa. O pesquisador precisa constantemente tomar decisões sobre o que registrar e o que não registrar, sem saber ao certo a relevância daquela observação para o funcionamento da língua (McCLEARY et al., 2010, p. 269).

Desta forma, tanto em línguas orais-auditivas quanto nas visuais-espaciais a descrição da língua em uso, no processo de conversação, deve ser transcrita de forma a respeitar e observar os detalhes que compõem tal língua. Para isso, algumas convenções foram criadas para transcrições em línguas orais, dentre elas as normas para transcrição de Preti (2003), que organiza um compilado de como descrever detalhes em enunciados de língua falada.

Para esta pesquisa, por não se tratar de uma análise em LOs, não utilizamos as orientações do autor mencionado; no entanto, seguiremos aquelas indicadas por Quadros (2015b), as quais detalharemos adiante desta seção. Orientações como essas são importantes para a convencionalidade no processo de transcrição, a fim de que futuras incursões possam ser regidas por uma ordem que permita a melhor compreensão da língua estudada.

Para que se evidenciem as peculiaridades e os detalhes linguísticos contidos em uma língua sinalizada, faz-se necessária a observação de todo e qualquer movimento, uma vez que este pode representar intenções e pretensões no enunciado. Nesse sentido, Leite (2008) *apud* Amaral (2012, p. 111) indica que um dos recursos utilizados na

Libras, com o intuito de “demarcar a segmentação é a prosódia, que aparece nas línguas de sinais como expressões faciais, pausas e alteração na velocidade de sinalização. O autor demonstra como estes fatores podem variar na reprodução de um sinal contextualizado”.

Nas pesquisas que buscam uma melhor compreensão dos aspectos linguísticos das línguas de sinais, alguns pontos e observações precisam ser levados em consideração e, por ser uma língua de modalidade viso-espacial, os aspectos a serem observados podem ser diferentes; contudo, é possível estabelecer relações análogas ao que ocorre nas línguas orais.

Quadros (2016, p. 15) assevera que:

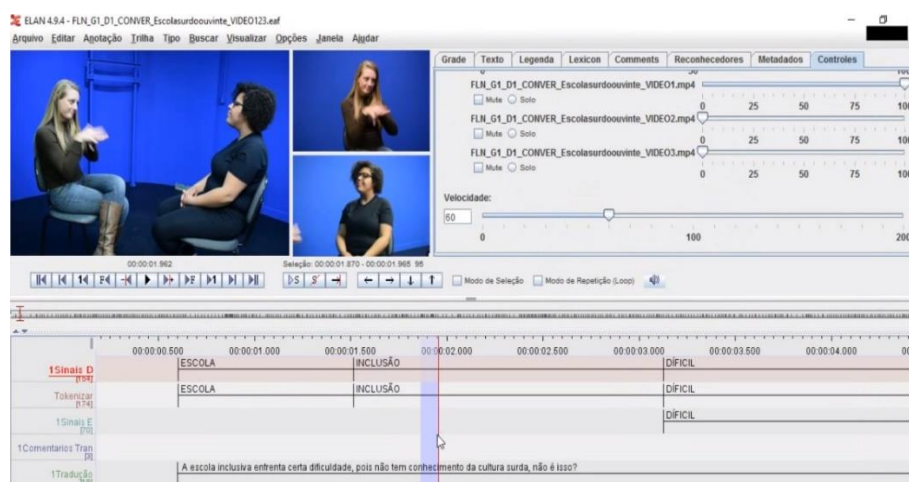
a transcrição de dados de corpora de línguas de sinais é necessária por facilitar a análise dos dados. No entanto, o fato de estarmos diante de dados multimodais torna essa tarefa bastante complexa. As línguas de sinais se apresentam na modalidade visual-espacial, com produções corporais envolvendo, normalmente, as mãos, a face e o tronco. Sendo assim, as produções que integram os corpora de línguas de sinais se apresentam em vídeo.

Ainda sobre o desafio presente nas traduções e transcrições das línguas de sinais, vale considerar que:

mesmo com os avanços dos recursos tecnológicos, as pesquisas acadêmicas que envolvem a descrição e análise de enunciados em línguas de sinais ainda têm um desafio, a questão da transcrição em si, feita a partir da análise de uma língua de modalidade gestual-visual que resulta em um texto em uma língua oral-auditiva, e, portanto seu registro nos textos acadêmicos usando de palavras do português (ALBRES, 2014, p. 29).

Com o propósito de ilustrar as possibilidades contidas no *software* utilizado para a transcrição, apresentamos a figura 5, que indica uma captura de tela durante uma tradução/ transcrição da Libras para a língua portuguesa.

Figura 5: Captura de tela do *software* ELAN.



Fonte: Figura organizada pela autora.

Para a primeira trilha, respeitamos as orientações contidas no Manual de Transcrição da Libras, confeccionado para estabelecer os procedimentos de transcrição e anotação dos dados do Corpus de Libras disponível¹³ na página do Corpus de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Portanto, com vistas a obedecer a padronização já adotada por outros pesquisadores da área, esta investigação seguiu as orientações pré-estabelecidas.

Tais padrões para transcrição foram organizados e sugeridos por Quadros (2015b) e contribuíram de forma categórica ao que pretendíamos nesta pesquisa. Reiterando o que já mencionamos na introdução, por ser uma área de investigação ainda em expansão, existem algumas lacunas de cunho linguístico e são necessárias estratégias a serem utilizadas no caminho a ser trilhado.

A autora indica que foram estabelecidas algumas convenções que já se encontram em uso na transcrição em LSs, sendo as convenções gerais a observação de que “na transcrição dos sinais, todos sinais são transcritos com palavras utilizando-se letras maiúsculas” (QUADROS, 2015b, s/p).

Sobre a gestualidade, Quadros (2015b, s/p.) aponta que fora convencionado a seguinte descrição a ser incorporada na transcrição “Quando você vir movimentos que apresentam significados, mas não são lexicalizados, eles podem ser chamados de ações ou emblemas. O código a ser usado é o seguinte: &=(significado-do-gesto) ou E (ID do emblema).”

¹³ Disponível em: www.corpuslibras.ufsc.br.

As orientações indicadas pela autora nos permitiram elucidar melhor a língua analisada e transcrita, proporcionando uma maior clareza no tipo de transcrição que estávamos trabalhando. Algumas dificuldades ainda permanecem presentes neste tipo de análise e descrição, de acordo com a autora:

a transcrição é um processo que demanda um grande investimento de tempo e dedicação, particularmente nas pesquisas com línguas de sinais, que não possuem um sistema de escrita convencional e plenamente adaptado ao computador. Uma estimativa geral relatada em projetos de pesquisa com línguas de sinais é a de uma hora de trabalho de transcrição para cada minuto de gravação (QUADROS, 2016, p. 21-22).

Indicamos abaixo o Quadro 3, composto pela síntese organizada por Quadros (2015b) no manual de transcrição do corpus de Libras, o qual seguimos como parâmetro para este trabalho de análise e descrição da língua pesquisada.

Quadro 3 – Manual de transcrição do Corpus Libras

Item	Convenção	Exemplo
Glosas na Língua de Sinais	Letras maiúsculas; glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas com hífen	COELHO NÃO-TER
Sinais D Sinais E	Trilhas de anotação dos sinais, Sinais D para os sinais que utilizam a mão direita e Sinais E para os sinais que utilizam a mão esquerda. Quando o sinal for realizado com as duas mãos, colocar o ID nas duas trilhas compartilhando o mesmo tempo	Sinais D: CASA Sinais E: CASA
Apontação para pessoas	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(si) IX(mãe)
Apontação para objetos	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(gato) IX(peça-quebra-cabeça)
Apontação para os lugares	IX seguido pelo locativo com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(lá) IX(dentro-geladeira)
Incorporação de numeral na apontação	Pode ser usado de forma inclusiva (nós-dois, nós-três, nós-quatro) ou de forma exclusiva (você-dois, você-três, você-quatro)	IX2(nós-dois) IX3(você-três) IX4(você-quatro)
Possessivos	POSS seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	POSS(si) POSS(Maria)
Verbos indicativos	Nomear com uma glosa ID para cada sinal; não adicionar informação sobre os referentes	DAR IR
Verbos descritivos (classificadores)	Usar a glosa 'DV' seguida da descrição entre parênteses (hífen entre as palavras)	DV(pássaro-sentado-árvore)
Palavra soletrada	Usar a glosa 'FS' seguida da palavra sem hifenização ou da letra entre parênteses	FS(nokia) FS(a)
Sinais repetidos	Adicionar o sinal (+) ao sinal no final da glosa	MÃE+
Sinais congelados	Adicionar o sinal (.) ao final da glosa	MÃE.
Pausa dentro da sentença	Representar a pausa da sinalização (#)	IX(si) ESCOLHER # AZUL
Interrupção interna sinal	Representa uma interrupção na produção do sinal pelo próprio sinalizante	BUSCAR/
Interrupção externa do sinal	Representa uma interrupção na produção do sinal por alguém (normalmente o interlocutor)	BUSCAR//
Ações	Glosa com & seguido da descrição da ação entre	&(face-brava)

	parênteses	
Sinal não muito claro (mas que o transcritor identifica o seu significado)	Adicional [?] no final da glosa	QUERER MAÇÃ [?]
Sinal não muito claro (o transcritor oferece uma glosa alternativa, pois o sinal também pode ser outro)	Digitar a primeira opção de glosa, seguido por [=?ALTERNATIVA]	QUERER MAÇA[=?BOLACHA]
Sinal que não é reconhecido	Cada sinal não reconhecido no enunciado recebe a glosa XXX (pode haver mais de um)	QUERER XXX POR-FAVOR

Fonte: Quadros (2015b).

Com o objetivo de buscar uma maior lucidez nos enunciados durante o diálogo, que serão sempre em dupla, e seguir algumas convenções adotadas para este tipo de pesquisa, os participantes das conversas foram nomeados como “sinalizante¹⁴ 1” e “sinalizante 2”, com auxílio de alguns padrões estipulados para tornar os excertos mais claros e detalhados visando atender aos objetivos da pesquisa.

Outro detalhe sobre a forma da transcrição dos dados é que optamos por apresentar apenas os trechos da conversação em que localizamos o uso de MD e, de acordo com a confirmação da presença destes elementos durante o processo de tradução/transcrição, estes foram destacados em negrito para melhor visualização. No entanto, para que a conversação em si ficasse mais fácil de ser compreendida, traremos sempre uma transcrição um pouco mais ampla, não se detendo apenas à sentença onde localizamos e destacamos o uso do MD.

Com o intuito de transcrever os vídeos de maneira detalhada, foram criadas duas trilhas de descrição: a primeira referindo-se à transcrição em Libras, seguindo as orientações de transcrição já apontadas no quadro acima, e a segunda trilha traz a transcrição da tradução de Libras para a língua portuguesa (LP), utilizando os componentes linguísticos da língua portuguesa, obedecendo aos padrões de tradução e interpretação linguística. Para ajudar na visualização dos MDs mapeados, optamos por destacá-los em negrito na segunda trilha.

Abaixo dispomos um exemplo de como foi organizada a transcrição dos dados que serão discutidos na seção próxima seção:

Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR IX(lá) ESCOLA SURDO OUVINTE
SEPARADO PORQUE &(face-interrogação) 2 BRIGAR ERRADO
&(face-interrogação)

¹⁴ Optamos pela terminologia “sinalizante” pelo fato de que a língua pesquisada utiliza o canal visual-espacial para interação, e a execução ocorre por meio da sinalização em Libras.

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Vem cá**, lá na escola tem a discussão de surdos e ouvintes estudarem separados, essa discussão não está errada?

Sinalizante 2 (Libras): JÁ DIFERENTE SURDOS ESCOLA SÓ SURDOS SINALIZAR CONSEGUIR ADQUIRIR LÍNGUA CONSEGUIR PRIMEIRA LÍNGUA DEPOIS SEGUNDA LÍNGUA ALFABETIZAR PORTUGUÊS APRENDER IX(ali) OUTRA OUVIR FALAR OUVIR SABER ESCREVER INGLÊS VÁRIAS DISCIPLINAS SE JUNTAR DOIS JUNTAR OUVINTE SURDO JUNTAR NÃO &(face-negação) APRENDER DIFERENTE IDENTIDADE+ IX(aqui) IX(ali) OUVINTE PRÓPRIO FALAR SURDO PRÓPRIO LIBRAS SE JUNTAR NEGATIVO SURDO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Já tem diferença, surdos estudando em escola só de surdo ele consegue adquirir a língua sinalizada como primeira língua, depois ser alfabetizada em língua portuguesa, na escola de ouvintes eles vão aprender ouvindo e falando, aprender inglês e outras disciplinas. Se juntar os ouvintes e surdos não aprende, são diferentes, têm identidades diferentes, identidade do ouvinte vem pela fala oralizada, o surdo pela Libras, se juntar não é negativo para o surdo.

Nesta investigação linguística, a transcrição foi realizada como evidenciado por McCleary et al. (2010, p. 267), os autores observam que:

de maneira geral, tem sido adotada uma variação de um sistema de glosas, em que uma palavra em inglês (ou em outra língua oral) é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente. Sinais não manuais podem ser representados por códigos sobrescritos, e usos do espaço de sinalização podem ser indicados por letras ou números subscritos.

Ao ler as transcrições oriundas de textos falados, precisamos ter claro que estamos, como salienta Marcuschi (2007), em situações de fronteiras entre a fala e a escrita. Essa condição fronteirística também deve ser considerada ao transcrever textos que passaram pelo processo de tradução de línguas em modalidades distintas – no caso dessa tese, língua fonte sendo a Libras e a alvo a língua portuguesa.

O fato é que “quem lê as transcrições da fala não tem a ilusão de estar diante de um texto oral, mas de uma transcrição. E, quando se analisa aquele texto, tem-se a sensação de que se está analisando a produção oral e não a escrita” (MARCUSCHI, 2007, p. 72). O que se entende é que ainda há a necessidade de discussões tendo em vista que os processos de modificação no momento da transcrição requerem a atividade de “transcodificação” do som para a grafia nas línguas orais. “Na transcrição, desaparecem a entoação, os aspectos prosódicos, a gestualidade, o olhar, etc., mas ficam os marcadores, as repetições, as hesitações, as pausas, etc., desde que se tenha sensibilidade para sua reprodução” (MARCUSCHI, 2007, p. 72).

Em se tratando das transcrições como a presente neste estudo, McCleary e Viotti (2007, p. 24) estabelecem que:

a questão da transcrição de dados de línguas sinalizadas é particularmente complexa, na medida em que essas línguas não contam com um sistema de escrita largamente aceito que possa servir de base para sua transcrição. Por isso, há diferentes propostas de representação das línguas de sinais.

Neste sentido, para este tipo de pesquisa, a transcrição da corpora transcende o que Marcuschi (2007) aponta, pois traz do visual-espacial para a grafia, sendo que os indicativos de marcadores apresentados acima pelo autor aparecem também nos processos de tradução/transcrição.

Com intuito de contribuir com a representatividade do aspecto visual da Libras, optamos por apresentar, abaixo de cada agrupamento dos MDs localizados nas conversações e apresentados nos excertos, uma figura com a captura de tela contendo uma amostra de cada um dos elementos linguísticos de uso comprovados. Essas figuras representam a captura de tela durante a execução dos sinais¹⁵ destes elementos em Libras. Indicamos que, os detalhes das imagens dos sinais captados estão explanados em cada uma das figuras representativas, contribuindo para alguns esclarecimentos acerca da organização gramatical da língua.

Para os casos de MDs com mais de uma frequência de utilização evidenciados, selecionamos apenas uma imagem demonstrativa do uso do mesmo, ainda que este tenha sido utilizado por mais de um dos participantes ou repetidas vezes pelo mesmo participante.

4.2.1 O processo de tradução Libras-Língua Portuguesa

A criação deste subitem se reserva à explanação dos aspectos que compõem a língua transcrita nesta pesquisa, para que aqueles que tenham futuro acesso a esta análise compreendam um pouco mais dos detalhes e como está organizada uma (ou várias) sentenças em uma língua sinalizada, bem como quais pontos são importantes para que a análise conclua o objetivo proposto.

¹⁵ Como forma de esclarecimento do que representa um sinal na Libras, os sinais são formados e orientados gramaticalmente a partir dos cinco parâmetros formativos, também conhecidos como unidades mínimas na Libras. Estes, são reconhecidos pelos estudos da fonologia dos sinais e são constituídos, segundo as autoras, pelo uso da Configuração de Mão (CM), da Locação (L), do Movimento (M), da Expressão Não Manual (ENM) e da Orientação de Mão (Or). As combinações dessas unidades mínimas são utilizadas na elaboração e execução dos sinais nessa língua (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Para isso, buscamos apontar, de uma forma mais geral, alguns aspectos linguísticos da concepção da língua fonte deste processo de tradução, a Libras. Esse processo é parte integrante do trabalho como um todo e tornou-se necessário para que caminhássemos para a análise e posterior conclusão. Indicamos, ainda, que estes pontos serão melhor explanados na seção seguinte e permitirão uma melhor compreensão.

Reafirmamos o que aponta Magalhães Junior (2007, p. 170) acerca do ato de interpretar algo dito por alguém, seja em que língua for, o que se torna um exercício imperfeito pelo fato de “tentarmos transpor para o universo semântico, ideias e sentimentos que não são nossos”. O autor destaca que:

na tradução, fazemos mais do que simplesmente buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens por vezes dúbias. Fazemos escolhas a todo momento. Elegemos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente, nos arriscamos ao erro.

Esse risco torna-se ainda mais real quando há a necessidade, como é o caso desta investigação, de incorporar no texto escrito as ações abstraídas de uma língua que utiliza o espaço, produzindo sinais, sem perder, com isso, o enfoque de manter a ligação com os preceitos da conversação, que possui características peculiares.

Frisamos, neste sentido, que foi de extrema importância para a realização desta pesquisa uma observação minuciosa nos vídeos elencados, com o intuito de atentar para o que Amaral (2012, p. 94) destaca sobre a modalidade que utiliza o corpo e o espaço para a realização da sinalização, o que para as línguas orais seria a fala. A autora destaca que:

Frases sinalizadas nas formas afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa e imperativa geralmente incorporam expressões não manuais, como segue:

- Afirmativa: a expressão facial é neutra.
- Interrogativa: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça, inclinando-se para cima.
- Exclamativa: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo.
- Negativa: realizando-se um movimento negativo com a cabeça

Nesse sentido, o uso das expressões faciais pode ser determinante em um enunciado, podendo indicar a compreensão ou incompreensão de um específico assunto, receptividade ou não da parte de quem recebe a mensagem, entre outros pontos importantes que não podem ser desconsiderados neste tipo de pesquisa.

Após apreciação e escolha dos vídeos, realizou-se a tradução dos mesmos para a língua portuguesa e, posteriormente, a transcrição destes.

Sobre esse processo de tradução, Eco (2007) entende que ao tradutor não está a obrigação apenas de dominar a tecnicidade do seu trabalho, mas uma tarefa que envolve o conhecimento maior acerca das línguas envolvidas no processo. Consoante o autor, “uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais” (ECO, 2007, p. 190).

Para Negreiros e Barros (2017, p. 160),

o processo de tradução entre um língua oral-auditiva, no caso, o Português e outra gesto-visual, a Libras, é complexo. Nenhuma tradução, na visão de Campos (1986) pode ter a pretensão de substituir o texto original, pois é apenas uma tentativa de recriação dele, cabendo sempre outras alternativas. A tradução baseia-se em dois alicerces: a equivalência textual e a correspondência formal.

Um ponto importante de ser destacado é que a composição dos vídeos em quatro tomadas nos ajudou muito neste processo de tradução, uma vez que permitiu um olhar mais focado em cada participante, a fim de que nenhum sinal ou expressão se perdesse durante o processo. Além disso, colaborou com uma compreensão mais precisa dos detalhes contidos na sinalização.

A este respeito, Campelo (2017, p. 134) refere que:

na língua brasileira de sinais, os sinais resultam de uma complexa combinação de signos, gestos e expressões não manuais atreladas aos movimentos realizados no espaço de enunciação, de acordo com o contexto de conferência, especialmente a “proxêmica” (capacidade de ver um ao outro claramente) como posicionamento visual.

Ainda acerca da atividade desempenhada para a análise linguística desta pesquisa em relação a necessidade de tradução e interpretação, concordamos com o apresentado por Martins e Bidarra (2012, p. 12) a respeito de algumas dificuldades relativas a ambiguidade presente na Libras. Os autores apontam que:

é possível afirmar que um dos grandes obstáculos enfrentado pelos TILS está na ocorrência de palavras/sinais ambíguos presentes na Libras, assim como em qualquer outra língua. [...] a conclusão a que se chega é pela necessidade

urgente de se estabelecer um plano de estudos linguísticos que priorize os aspectos semânticos lexicais comuns aos sinais na Libras.

No momento em que ocorre a tradução e interpretação de uma língua fonte, faz-se necessária a ação de escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas, as quais precisam ter como objetivo maior aproximação da mensagem dada, ao mesmo tempo em que se organizam essas escolhas dentro da estrutura da língua alvo. Neste caso, para esta pesquisa linguística, ainda há o detalhamento de uma análise que busca elementos da conversação em si, ou seja, não se trata de uma tradução apenas do que sinalizou em Libras para se escrever em Língua Portuguesa. Foi necessário um desprendimento maior das alegorias tradutórias de língua fonte para língua alvo, necessitando ter sempre a lembrança de que estávamos traduzindo de uma língua sinalizada para uma língua falada.

McCleary (2009) *apud* Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 145) indica que:

as línguas de sinais não têm as mesmas possibilidades de empréstimos que vimos nas línguas orais, por causa da diferença de modalidade. Mesmo assim, elas vivem sempre em contato estreito com uma língua oral dominante e podem ser influenciadas em consequência desse contato. O canal mais aberto para a influência da língua oral sobre a língua de sinais é por meio da datilologia e a da “inicialização”. Todas as línguas de sinais usam datilologia como um meio de compensar a falta de sinais para representar conceitos que já tem nome na língua oral e para representar nomes próprios.

Tendo em vista essas questões que envolvem a mudança, por meio da tradução, de uma língua visual-espacial para uma língua de modalidade oral, induzimos o trabalho e manuseio do corpus de forma muito cuidadosa. Além do exposto, outro ponto nos asseverou esse cuidado: o fato de estarmos transcrevendo, após tradução para a língua portuguesa, uma língua que não fosse a língua direta e real da coleta de dados.

Ou seja, para a compreensão das interações entre os sinalizantes houve a necessidade da explanação da mensagem que fora sinalizada em uma língua de sinais para uma estrutura de uma língua oral. Isso se deu, principalmente, pelo fato de que as pesquisas relacionadas ao uso de MDs fazerem referência às línguas orais, no caso desta pesquisa, o embasamento teórico está alocado entre as investigações linguísticas destes elementos na língua portuguesa.

Outro detalhe que está relacionado ao processo explanado neste subitem se refere as variantes linguísticas apresentadas nos vídeos, Quadros et.al (2018, p. 71) indicam que, durante a composição do inventário, foram identificadas muitas variantes,

dentre elas os autores citam as “variantes por idade, por grupo social e variações regionais no nível lexical. Assim, o levantamento considera as variantes identificadas como parte de uma mesma língua com relação à língua de referência”. Seguimos a mesma linha de pensamento e, por vezes, a identificação dessas variáveis nos levou a busca pelos significados dos sinais produzidos que eram desconhecidos, em virtude destas variantes. Quando a busca não lograva êxito identificamos, durante as transcrições, os sinais desconhecidos de acordo com o que está indicado no manual acima citado, com a expressão “XXX”.

Além do exposto, outro ponto nos asseverou esse cuidado, o fato de estarmos transcrevendo em duas modalidades linguísticas diferentes, tal atenção representa a tentativa de evitar que imperasse no processo de tradução um viés mais atencioso às regras de estruturação da língua escrita, conforme salienta Silva (2015, p. 137),

nas conversações face a face, é difícil encontrar fluidez sintática, pois a característica principal é a suspensão do enunciado, que se torna interrompido na sua estrutura sintática de maneira constante. Na maior parte dos casos, não seria possível “reconstruir” a coerência gramatical, pois a construção verbal não seria interpretável não fosse pelo valor referencial de certos signos léxicos e fraseológicos que podemos associar com valores pragmáticos reconhecíveis socialmente. O mesmo ocorre com certos sinais de valor anafórico, cujo significado referencial não está só no diálogo, mas também no tipo de relação que se acha estabelecida entre os agentes do discurso.

Essa maior atenção se deu para que não esquecêssemos, por um lapso, que o que nos importava para uma análise efetiva era o estudo da língua de sinais em uso, a qual, muitas vezes, se organiza diferente da língua escrita. Foi, portanto, um processo bem tênue, uma vez que, ao realizar a tradução, precisamos permitir que preponderassem as características da língua falada.

Quadros e Karnopp (2004, p. 37) relatam, em uma de suas pesquisas acerca da Libras, que a transcrição e tradução dos sinais refere-se a etapa mais trabalhosa de uma investigação deste cunho. Ainda segundo as autoras, durante o processo:

nem sempre se tinha certeza de como se poderia fazer a transcrição e a tradução para o português. Esses processos são altamente complexos quando se utiliza a escrita correspondente que já existe em uma determinada língua. Esse não foi o caso, uma vez que optou-se por utilizar glosas com palavras do português nas transcrições, tornando o trabalho ainda mais complexo.

Trouxemos este relato das autoras para reforçar que uma pesquisa que traga a verificação da análise descritiva de uma língua de modalidade visual-espacial para uma língua com modalidade diferente (oral-auditiva), requer um empenho maior para que os detalhes que a compõem não se percam durante esse processo.

McCleary e Viotti (2011, p. 297-298) contribuem com essa ideia de que precisamos ter uma atenção aguçada ao processo em questão, pois, segundo as autoras, “Boa parte das análises feitas sobre esse fenômeno tem se esforçado para dar a ele um tratamento morfossintático, mantendo, assim, as línguas sinalizadas sob o controle das rédeas da linguística tradicional”. E manter a atenção de que se trata de uma língua de modalidade que não utiliza de mecanismos linguístico de composição oral-auditiva e sim de outros elementos constitutivos torna-se ponto crucial neste processo.

Outro ponto a ser revisitado, mas que também já apresentaremos na seção 2 de forma mais detalhada, está relacionado a construção sintática das sentenças em Libras. Julgamos importante mencioná-lo aqui, no campo destinado à metodologia, para que fique claro o motivo pelo qual, ao se ler a trilha denominada “sinalizante (Libras)”, muitas palavras encontram-se em localização divergente da trilha seguinte, denominada “sinalizante (tradução LP)”.

Neste sentido, consoante Negreiros e Barros (2017, p. 155-156), precisamos evidenciar que:

o reconhecimento das especificidades linguísticas das Línguas de Sinais, se tomarmos como base de comparação as Línguas de Orais, tais como, a diferença de modalidade, o conceito de sintaxe espacial, a atribuição de valor gramatical nas expressões corporais e faciais, bem como a simultaneidade lexical, evidencia o caráter desafiador do trabalho tradutor/intérprete, doravante TILS.

Reiteramos, portanto, que este foi um percurso delicado e bastante minucioso, não apenas pelo grau de dificuldade que compõe uma análise linguística, tampouco pelas questões elencadas acima, mas também por se tratar do estudo linguístico de uma língua com um sistema de escrita ainda pouco difundido. Esperamos ter alcançado o objetivo de manter a linha da transcrição das configurações de conversações face a face, e indicamos que a seção a seguir trará essas conversações analisadas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção está destinada à análise e discussão dos dados coletados e transcritos para esta pesquisa linguística, culminando com os resultados obtidos por meio do trabalho realizado. Tais análises foram efetivadas seguindo os passos descritos na metodologia, buscando, com isso, a comprovação do exposto nos objetivos e colaborando com as pesquisas de análises e descrições de línguas. No caso específico destas análises, entendemos que podem corroborar com os estudos acerca das concepções linguísticas da Libras, no campo da AC, assim como oportuniza o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

Faremos a seguir o detalhamento, por meio dos excertos, como amostra do material analisado das conversações em Libras entre pares de surdos fluentes na língua. Como salientado anteriormente, tratam-se de vídeos produzidos nos Estados de Santa Catarina e Alagoas; essa produção, que compõe um projeto maior, utiliza-se de sinais usados durante a conversação que possuem, em alguns casos, modificações oriundas de variações semânticas, originárias da regionalização da língua.

Por essa razão, alguns sinais específicos relacionados a nomes próprios, locais, não foram identificados durante o processo de tradução da Libras para a língua portuguesa e, quando ocorrido, seguiremos os padrões de transcrição adotados para esta pesquisa, já descritos na seção que trata da metodologia desta pesquisa. Isso posto, indicamos que tal fato não interferiu na análise proposta, pois os sinais relacionados aos itens lexicais que compõem o quadro dos MDs são mais convencionados na sinalização da língua no país.

Para uma análise mais detalhada em estudos linguísticos, a transcrição revela-se como primordial para a devida atenção ao enunciado proferido. Neste sentido, Dionísio e Hoffnagel (2007, p. 116) apontam que, “quando comunicamos alguma coisa a alguém, nosso ato de fala é sempre qualificado, ou seja, não apenas repassamos uma informação, mas também damos indicações de nossa atitude ou posição frente essa informação”.

Por esta perspectiva, compreendemos que ao se comunicarem e discutirem os temas elencados nos vídeos (alguns repetidos na proposta entre as duplas), cada participante utilizou de mecanismos diversificados, oriundos da intencionalidade composta da sinalização articulada. Pretendemos, portanto, apresentar e discutir estes

mecanismos de forma agrupada, utilizando os estudos já existentes em LOs, os quais permitirão a discussão acerca do que se propõe neste trabalho de análise linguística.

Antes de adentrarmos às análises em si, gostaríamos de destacar a significância que a Libras possui, como língua natural, nos estudos da linguagem. Por se tratar de uma língua espaço-visual,

utiliza o espaço tridimensional para a configuração sónica e, portanto, não está sujeita somente à linearidade de seus significantes, como nas línguas oral-auditivas, cujos significantes são imagens acústicas que podem ser símbolos (signos arbitrários), ícones (onomatopéias) ou índices (dêiticos) (SILVA, 2006, p. 260).

Com intuito de aproximar à compreensão do processo de tradução dos excertos, relembremos que a construção sintática na Libras ocorre, muitas vezes, em ordem diferente à utilizada na língua portuguesa, por essa razão há possíveis variações na construção frasal em Libras quanto a ordenação dos itens lexicais (sinais) no momento da formulação da sentença.

Como os excertos estão posicionados em duas linhas para cada sinalizante, a primeira linha (em libras) nem sempre terá uma organização sintática igual a segunda linha (em língua portuguesa). Isso se dá pelo processo de tradução de libras para a língua portuguesa, que exige uma reformulação de ordem sintática nas sentenças analisadas, com retirada ou acréscimo de elementos que pertencem à língua alvo.

Outra questão que gostaríamos de salientar, refere-se ao fato de que os MDs possuem uma variada gama de definições. Sendo assim, para uma melhor descrição da língua, esta seção está subdividida com o agrupamento dos tipos de marcadores encontrados como resultados desta pesquisa.

Vale ressaltar que há casos em que, durante um trecho da mesma transcrição, foram identificados mais de um MD, com funções diferentes. Por esse motivo, os mesmos excertos (totais ou parciais) podem estar relacionados a mais de um dos grupos de MDs que delimitamos na análise.

5.1 Marcadores Discursivos de Função Interacional

Este grupo de marcadores possui a função principal de organizar o texto de forma a administrar os turnos durante o processo conversacional. São segmentos que

podem variar, segundo Castilho (2020), entre iniciais, mediais e finais nos tópicos conversacionais. Indicamos, abaixo, alguns excertos em que localizamos na corpora em libras o uso destes elementos de caráter interpessoal, e os debateremos em consonância com os autores que embasam esta pesquisa na teoria da AC.

Iniciamos a demonstração dos exemplos dos marcadores interacionais localizados nas análises com um marcador bastante utilizado na língua falada, que tem por função principal chamar a atenção do interactante ao iniciar uma conversação. Para Galembeck e Carvalho (1997), os MDs interacionais exercem três funções principais, quais sejam: assinalar a tomada de turno, trabalhar no envolvimento do ouvinte e prefaciando opiniões durante a desenvoltura do tópico.

Detalharemos, portanto, as amostras das conversações transcritas indicando a localização dos referidos MDs e prosseguiremos com os comentários das análises por meio dos agrupamentos elencados para melhor compreensão dos mesmos.

Antes de apontarmos os exemplos deste tipo de marcador localizado na conversação em Libras, gostaríamos de salientar que, em uma língua que se utiliza de mecanismos visuais e espaciais, o aceno é inferência muito comum por meio da utilização do corpo; entretanto, em muitos casos, a transcrição destes elementos para a língua escrita acaba atenuando seu poder discursivo. Mesmo assim, buscamos nos excertos apresentados fidelizar estes elementos na transcrição, apontando as ações de organização textual dos sinalizantes durante a conversação.

Identificamos que na Libras, seja na tomada de turno, seja na passagem de turno, ou, ainda, em outras respostas discursivas que virão acompanhadas de expressões corporais e faciais, não há como distanciar esses elementos, considerados pela linguística das LSs como elementos gramaticais.

Silva e Strazzi (2017, p. 205) indicam que neste tipo de análise linguística:

em primeiro lugar, há a representação do material linguístico (que no nosso caso chamamos de sinais léxicos dicionarizados) e em segundo, pelo material gestual (que são os movimentos espontâneos, geralmente de braços e mãos extraídos de expressões não convencionadas ou dicionarizadas). Dessa maneira, gesto e fala cooperam mutuamente para expressar os sentidos pretendidos pelos sujeitos.

Partindo dessa premissa, iniciamos os demonstrativos de MDs de caráter interacional localizados nas gravações analisadas, traduzidas e transcritas. A cada grupo

de marcadores identificados, desdobraremos as explanações de teóricos que abordam o tema nas LOs e faremos a análise de forma análoga.

5.1.1 Marcadores de envolvimento do interlocutor ¹⁶ “*vem cá*”

Os três excertos disponibilizados abaixo são conversas retiradas de diálogos com duplas diferentes. A pretensão nos casos apresentados é a mesma, de tomada de turno, considerada por Castilho (2020) como exemplo de MDs iniciais, que exercem a função de chamar a atenção, tomando o turno da conversação, no caso da Libras, pelo sinal apresentados na figura 6 ¹⁷, que representa o sinal de “CHAMAR”.

- (1) Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR IX(lá) ESCOLA SURDO OUVINTE SEPARADO PORQUE &(face-interrogação) 2 BRIGAR ERRADO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Vem cá**, lá na escola tem a discussão de surdos e ouvintes estudarem separados, essa discussão não está errada?

Sinalizante 2 (Libras): JÁ DIFERENTE SURDOS ESCOLA SÓ SURDOS SINALIZAR CONSEGUIR ADQUIRIR LÍNGUA CONSEGUIR PRIMEIRA LÍNGUA DEPOIS SEGUNDA LÍNGUA ALFABETIZAR PORTUGUÊS APRENDER IX(ali) OUTRA OUVIR FALAR OUVIR SABER ESCREVER INGLÊS VÁRIAS DISCIPLINAS SE JUNTAR DOIS JUNTAR OUVINTE SURDO JUNTAR NÃO &(face-negação) APRENDER DIFERENTE IDENTIDADE+ IX(aqui) IX(ali) OUVINTE PRÓPRIO FALAR SURDO PRÓPRIO LIBRAS SE JUNTAR NEGATIVO SURDO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Já tem diferença, surdos estudando em escola só de surdo ele consegue adquirir a língua sinalizada como primeira língua, depois ser alfabetizada em língua portuguesa, na escola de ouvintes eles vão aprender ouvindo e falando, aprender inglês e outras disciplinas. Se juntar os ouvintes e surdos não aprende, são diferentes, têm identidades diferentes, identidade do ouvinte vem pela fala oralizada, o surdo pela Libras, se juntar não é negativo para o surdo.

- (2) Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR VAMOS JUNTOS VIAGEM GOIÁS QUANDO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Vem cá**, quando vamos conseguir viajar juntas para Goiás?

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO DESCULPAR TRISTE &(face-tristeza) JÁ COMBINAR GRUPO FAMÍLIA JUNTO VIAJAR CARNAVAL

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, desculpe, estou triste já havia combinado com grupo da minha família que iria viajar no carnaval junto com eles.

- (3) Sinalizante 1 (Libras): CHAMAR ASSOCIAÇÃO AJUDAR &(face-interrogação)

¹⁶ Apesar de termos a nomenclatura “ouvinte” convencionada por Galembeck e Carvalho (1997), salientamos que no caso desta pesquisa substituímos por “interlocutor”, considerado como o receptor da mensagem, tendo em vista que os diálogos dos vídeos utilizados sempre aconteceram entre duas pessoas surdas.

¹⁷ Conforme indicado na seção anterior, destinada a explicar a metodologia de estudo e organização do corpus e pesquisa, elencamos uma figura para cada sinal, quando este item lexical se repete nos demais excertos.

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Vem cá**, a associação ajudou?
 Sinalizante 2 (Libras): NÃO &(face-negação) FAMÍLIA AJUDAR
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Não, a família que ajudou.
 Sinalizante 1 (Libras): FAMÍLIA AJUDAR IX (você)
 Sinalizante 1 (Tradução LP): Família que ajudou você
 Sinalizante 2 (Libras): SIM FAMÍLIA &(face-afirmação)
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, a família.

A figura 6 representa a captura de tela no ato da sinalização de chamar a atenção do receptor da mensagem, trata-se do sinal desempenhado pelo sinalizante 1 da conversação apresentada no excerto (3), este está como amostra dos três excertos apresentados acima.

Figura 6: Sinal de “CHAMAR” (vem cá)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Castilho (2016, p. 33-34) indica que uma característica muito comum na conversação se trata da imprevisibilidade, a qual é acionada a todo momento, a depender da receptividade e da intenção do interactante. O autor destaca que, “ao longo da conversação tomamos decisões ao mesmo tempo em que a estamos executando [...]. Construimos nossa participação numa conversa a partir da recolha e da análise dessas informações, numa atividade automática”.

Sendo assim, à medida que a conversação avança, o sinalizante vê a necessidade de tomar o turno e se utiliza de elementos linguísticos para isso. Os exemplos acima representam essa “chamada” de atenção para introduzir um novo tópico no turno ou acender um posicionamento referente a um determinado tema. Nos três exemplos, os MDs introduzem o turno e, no mesmo momento, induzem o receptor da mensagem a

prestar atenção na conversação, na proposta ou na ideia a ser explanada (GALEMBECK; CARVALHO, 1997).

No excerto (1) há a marcação para a chamada a fim de introduzir o tópico sobre a discussão que vinha ocorrendo na escola, e a sinalizante 1 questiona o sinalizante 2 se essa discussão não estaria equivocada. Isso também ocorre no excerto (2), quando o sinalizante 1 introduz o tópico com um questionamento sobre a data de uma possível viagem. Nos dois exemplos, os sinalizantes utilizam o MD “vem cá”, que na Libras configura o sinal “CHAMAR”. Isso também acontece no terceiro exemplo, excerto (3), quando o sinalizante 1 pretende chamar a atenção do sinalizante 2, iniciando o turno introduzindo o tópico relacionado à indagação acerca da ajuda da associação de surdos.

O que se percebe é que nos três casos apresentados, há uma marca de inicialização do turno, introduzindo um novo tópico. Estes marcadores são destacados por Castilho (2016) como uma inicialização da conversação e podem vir representados por diversos itens lexicais, bem como acenos e ou interjeições.

Leite (2008) afirma, em sua pesquisa de doutorado, que os estudos acerca dos turnos conversacionais nas línguas de sinais apontam que o que seria relevante para o gerenciamento da troca de turnos entre os sinalizantes na Libras não se trata apenas da questão do acesso perceptual, esse, pode ser considerado como condição necessária, mas não suficiente, uma vez que são vários os sinais comportamentais que podem ser demonstrados durante uma conversação, indicando o nível atencional do interactante. O autor argumenta que, apesar de a orientação do corpo, bem como da cabeça, constituírem manifestações comportamentais da atenção, é possível que outros recursos também interfiram na avaliação contínua que os participantes devem fazer durante a conversação.

Podemos dizer que isso também ocorre com interactantes nas línguas orais-auditivas, uma vez que a gestualidade é utilizada para chamar a atenção do ouvinte em uma nova inicialização de turno ou, até mesmo, na interrupção de um turno pelos interactantes, durante a conversação. Isso se denomina, nos estudos da AC, como o assalto ao turno, que Galembeck e Costa (2009, p. 1942) indicam como os momentos da conversa em que estaria “[...] marcado pelo fato de o ouvinte intervir sem que a sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada. Em outras palavras, o interlocutor ‘invade’ o turno do falante fora de um lugar relevante de transição”.

Dentro deste contexto, destacamos que essas ações estão presentes tanto nas línguas orais-auditivas quanto na língua aqui apresentada e discutida, portanto, essa configuração linguística é acionada pelos sinalizantes do diálogo apontado acima.

5.1.2 Marcador de manutenção do tema “*certo*” e “*exato*”

Diferentemente da localização dos MDs de envolvimento do interlocutor, apresentados acima, estes, de acordo com a compreensão de Castilho (2020), operam como um segmento medial que propõe a manutenção do tema, estabelecido pela função orientada ao interlocutor no processo de interação conversacional, em que o interactante indica a aceitação do tema exposto, dando ao diálogo o intuito de concordância.

Apontamos abaixo, de forma sequencial, os excertos em que foi possível identificar e atestar o uso dos marcadores “CERTO” e “EXATO” durante a conversação em Libras, contribuindo com o objetivo inicial desta pesquisa e demonstrando o que já mencionamos neste trabalho: a existência, de forma análoga, de pesquisas que identificam esses MDs na língua portuguesa e em outras LOs.

Colaborando para a descrição da língua aqui pesquisa, destacamos que a produção dos sinais “CERTO” e “EXATO” compreendem a mesma execução em sua sinalização nos aspectos de suas expressões manuais. No entanto, para o segundo morfema o que o diferencia está na intensidade aplicada ao sinal, ou seja, por meio da expressão facial mais enfática – e isso ocorre em muitos outros sinais – devido ao fato de que na Libras alguns sinais possuem, em sua significação, uma ambiguidade, em que os elementos não manuais estabelecem sentidos como unidades gramaticais, acrescidos para dar o sentido diferenciado para cada enunciado.

Leite e McCleary (2013) indicam, em uma de suas pesquisas, uma síntese dessas marcas formais de segmentação da Libras em unidades gramaticais que podem ser articuladas de formas não manuais, segundo os autores, poderíamos considerar a piscada de olhos, os acenos de cabeça, as expressões faciais, o posicionamentos e/ou movimentos da cabeça/tronco e o direcionamento e/ou movimentos do olhar como essas marcas.

- (4) Sinalizante 1 (Libras): QUE+ IMPORTANTE COMPARTILHAR OPINAR PORQUE APRENDER EU SABER EXPERIÊNCIA QUE &(face-interrogação) PORQUE EU NÃO SABER QUASE NADA FALTAR INFORMAÇÃO PRECISA APROVEITAR [?] PEGAR+ INFORMAÇÃO PEGAR+ MAIS CONHECER NOVO PEGAR+ POSITIVO

Sinalizante 1 (Tradução LP): O que seria importante? Compartilhar, discutir, porque aprendemos, adquirimos experiências. Por quê? Porque eu não sabia quase nada, às vezes faltam informação, por isso precisamos aproveitar para buscar e colher essas informações, ter novos conhecimentos, buscar evoluir.

Sinalizante 2 (Libras): CERTO+ CONHECER+

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Exato!** Reconheço isso.

- (5) Sinalizante 1 (Libras): SIM BOM CONHECER BOM CERTO &(face-afirmação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Sim, conhecer é bom. **Certo!**

Sinalizante 2 (Libras): IX(você) MANIFESTAR IR &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): E você, tem ido às manifestações?

Sinalizante 1 (Libras): BOM IX(si) VONTADE MAS AGORA FOCO ESTUDO PESQUISA QUANDO FIM FACULDADE VAI PROJETO MAIS PESQUISA MESTRADO

Sinalizante 1 (Tradução LP): Bom, eu tenho vontade, mas agora tenho focado nos estudos, nas pesquisas, quando acabar a faculdade pretendo me aprofundar em pesquisa de mestrado

Sinalizante 2 (Libras): CERTO+ &(face-afirmação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Certo, certo.**

- (6) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO ASSOCIAÇÃO+ LUGAR SURD@ ENTRAR BATER PAPO COMUNICAR COMUNIDADE CULTURA SURDA FICAR COMUNICAR INTERAGIR BOM

Sinalizante 1 (Tradução L P): Então, a associação, a associação é um lugar para o surdo ir, bater um papo, se comunicar e interagir com a comunidade e cultura surda, se comunicar e interagir é bom

Sinalizante 2 (Libras): CERTO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Certo, certo!**

Sinalizante 1 (Libras): TAMBÉM CRIAR CURSO VÁRIOS ENTRAR+CRIAR APRENDER PORTUGUÊS CRIAR+ VÁRIOS ENTRAR+

Sinalizante 1 (Tradução LP): ... também a criação de cursos variados, ir e aprender português, criar várias coisas, estar presente.

Sinalizante 2 (Libras): CERTO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Certo, certo.**

Sinalizante 1 (Libras): ASSOCIAÇÃO IX (lá) MOTIVAR SURDO COMBINAR

Sinalizante 1 (Tradução L P): Lá na associação é um espaço de motivação para surdos.

Sinalizante 2 (Libras): CERTO+ IX(você) ASSOCIAÇÃO QUE SURD@ PRÓPRIO QUE FOCO PRECISA QUE SOCIEDADE TAMBÉM FOCO QUE & (face-interrogação) FALAR IX(eles) RESPEITAR DIREITO POSS(você)

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Certo, certo...** Você, além da associação própria para surdos precisa também tem o foco em que? Em mostrar para a sociedade que precisa respeitar seu direito.

- (7) Sinalizante 1 (Libras): EU CONSEGUIR PEGAR TELEFONE TECNOLOGIA COMPRAR [?] DIVERSAS LER INFORMAÇÃO QUE (face-interrogação) TECNOLOGIA MENSAGEM ENVIAR RECEBER TAMBÉM ENVIAR RECEBER VÍDEO TEM DENTRO EXEMPLO FACEBOOK DOIS TAMBÉM WHATSAPP TRÊS FS(viber) TAMBÉM ENTÃO DIVERSO DENTRO TER POSITIVO ENVIAR RECEBER VÍDEO TER SURD@ LIBRAS ENTENDER LÍNGUA DOIS CERTO LÍNGUA UM LIBRAS LÍNGUA DOIS PORTUGUÊS

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu consigo com o telefone e outras tecnologias diversas ter acesso a informação, que tipo? A tecnologia

ajuda a enviar e receber mensagens, também enviar e receber vídeos, opções que têm dentro dos aplicativos, por exemplo, no Facebook, também no Whatsapp e no Viber também. Então, uma diversificação que existe nesses aplicativos, disponibilizando enviar e receber vídeos para o surdo facilita o entendimento da segunda língua certo? A primeira língua é a Libras e a segunda a língua portuguesa

Sinalizante 2 (Libras): WEBCAM CERTO POR ISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Webcam **certo**, por isso.

- (8) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) CONSEGUIR ESCREVER &(face-interrogação) IX2 (você-dois) INTERAGIR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você conseguia escrever? Você e outras pessoas interagiam?

Sinalizante 2 (Libras): ISSO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): Isso, isso.

Sinalizante 1 (Libras): CERTO+

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Certo, certo.**

- (9) Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO+ TAMBÉM IGUAL VAMOS &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, então também penso assim, vamos?

Sinalizante 1 (Libras): ACEITAR &(face-afirmação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Aceito sim.

Sinalizante 2 (Libras): CERTO

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Certo!**

- (10) Sinalizante 1 (Libras): PRECISAR CONSTRUIR MAIS SEMÁFORO TAMBÉM METRÔ RÁPIDO MELHOR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Precisam construir mais semáforos, metrô também, são mais rápidos e melhores.

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE RÁPIDO CERTO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, rápido, **certo, certo.**

Seguindo a proposta apresentada para a visualização do corpus da pesquisa, a figura 7 traz a captura de tela do momento da execução do sinal “exato”, referenciado no excerto (4).

Figura 7: sinal de “CERTO+” (exato)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Já a figura 8 representa uma amostra dos demais excertos que demonstram a utilização do MD “certo” e está referenciando especificamente o excerto de número (5).

Figura 8: sinal de “CERTO” (certo)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Acima identificamos nos excertos (4) ao (10) o uso dos MDs de manutenção da fala. Nos sete exemplos, esses marcadores são acionados para emitir concordância ao que foi sinalizado durante a conversa, indicando que o interactante pode prosseguir com o tópico, pois obteve a resposta afirmativa no assunto levantado durante a conversação. Com isso, fica estabelecida uma segurança na continuidade do tópico da unidade conversacional, bem como permite uma sequência no assunto tratado.

No excerto (6), o marcador aparece nos três momentos de enunciação, confluindo para que a conversação seguisse, uma vez que os sinalizantes apontam para a manutenção do tema enunciado, concordando com a proposição acerca de que a associação de surdos seria importante para o convívio e para o desenvolvimento dos surdos como grupo linguístico e cultural.

Nos casos dos excertos (4), (5), (6), (8) e (10) há, ainda, a repetição na produção do sinal, que, para Marcuschi (2001, p. 14), não se trata de algo meramente casual. É, na realidade, parte constitutiva da conversação, podendo ter conotação enfática e de intensificação,

já que esse ato está vinculado aos processos de produção, compreensão e conexão discursiva na atividade interacional. Esse caráter multifuncional da repetição manifesta-se não só na sua contribuição para formatação linguística

do discurso e nos temas nele tratados, mas também na organização das relações entre os interlocutores.

O autor ainda define a repetição como sendo a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, que podem aparecer em duas ou mais vezes no mesmo evento comunicativo. Neste sentido, a repetição assevera a concordância discursiva dentro do tópico discutido (MARCUSCHI, 2015).

Também observamos durante a análise dos excertos que, na Libras, essa concordância, representada pelos sinais, vem sempre acompanhada da expressão de afirmação, sinalizada com a cabeça em movimento para cima e para baixo, que indica aprovação com o exposto pelo interactante. É possível afirmar que essa indicação de afirmação com as expressões faciais seja também comum nas LOs; contudo, nas LSs todos os movimentos e expressões denominados não-manuais são de extrema relevância para uma análise descritiva da língua.

Como apontamos na seção destinada a esclarecer algumas questões acerca da estrutura das LSs, o movimento na Libras pode ter um valor semântico, sintático e/ou pragmático. Desta forma, o corpo é compreendido como argumento gramatical na língua, trazendo funcionalidade e concordância no contexto de uso da língua.

Além do exposto, Leite (2008, p. 28), utilizando os estudos de linguistas que pesquisam a composição sintática da ASL e outras LSs, aponta que cada vez mais tem se destacado nos estudos da sintaxe das LSs a importância do reconhecimento do “papel dos sinais não-manuais, principalmente relativos ao rosto e a cabeça na identificação dos fenômenos sintáticos”. O autor afirma, ainda, que: “certamente o aceno de cabeça é uma contribuição à interação, com implicações sequenciais possivelmente similares às dos continuadores em contextos de sobreposição” (LEITE, 2008, p. 74).

5.1.3 Marcador discursivo de manutenção do tema “*verdade*”

O item lexical “verdade” foi identificado nos vídeos transcritos, por algumas vezes, durante a conversação e o apresentamos, por meio dos excertos abaixo, como substituindo o marcador “de fato” sugerido por Marcuschi (2003). Isso porque, na tradução da Libras para a língua portuguesa, compreendemos ser este item inteiramente pertinente à expressão apresentada pelo autor. Seguem, então, os excertos para posterior análise:

- (11) Sinalizante 2 (Libras): SIM+ & (face afirmação) TAMBÉM SURDOS QUERER IX(eles) MANIFESTAR DIREITO ESCOLA BILÍNGUE IX(eles) SURDOS PROTESTAR ISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, sim, eles também querem o direito à escola bilíngue, os surdos têm protestado sobre isso.

Sinalizante 1 (Libras): MAS EXPERIMENTAR MUITO PROBLEMA SURDO TAMBÉM OUVINTE INCLUSÃO PROBLEMA BILÍNGUE FALTAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Mas temos experimentado muitos problemas, há a inclusão entre surdos e ouvintes, mas o problema é que falta o ensino bilíngue.

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE INCLUSÃO SURDO RUIM VERDADE MELHOR EDUCAÇÃO BILÍNGUE POSS(me) OPINIÃO

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Verdade**, a inclusão para o surdo é ruim, melhor seria educação bilíngue, minha opinião.

- (12) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(você) ESTUDAR PÓS GRADUAÇÃO COMO & (face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, você estuda pós-graduação, como tem sido?

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE &(face-medo) IX (si) MATRÍCULA ESTUDAR ALEGRE &(face-feliz) COMEÇAR CONTEÚDO NÃO-SABER COMO &(face-interrogação) DÚVIDA

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Verdade**, foi assustador! Eu iniciei a matrícula alegre, mas quando começaram os conteúdos fiquei sem saber como, tive muitas dúvidas.

- (13) Sinalizante 1 (Libras): ACONTECER JÁ ÔNIBUS QUEBRAR DV(ônibus-torto) MUITAS PESSOAS ÔNIBUS APERTADO DV(pessoas-várias-juntas) CHEGAR OUTRO ÔNIBUS MUDAR IGUAL APERTADO DV(empurra-pessoas-porta-fecha)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Já aconteceu de o ônibus estar muito cheio e quebrar, ônibus superlotado, muito apertado, vir outro ônibus mudarmos e precisar empurrar as pessoas para dentro e fechar a porta

Sinalizante 2 (Libras): NOSSA &(face-espanto-negação) NÃO ACREDITAR

Sinalizante 2 (Tradução LP): Nossa! Não acredito!

Sinalizante 1 (Libras): VERDADE PESSOAS EMPURRAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Verdade**, um empurrando o outro.

- (14) Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO POR ISSO SIM MANIFESTAR PROBLEMA ECONOMIA VALOR BOLSA CAIR CRISE NÃO-CONSEGUIR TRABALHO DESEMPREGO MUITO NÃO-CONSEGUIR COMIDA XXX LIVRE DEIXAR POLÍTICA &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, por isso que sim, devemos manifestar há problemas na economia, o valor da bolsa caiu, estamos em crise, trabalho está difícil encontrar, muito desemprego, as pessoas não conseguem comida XXX como deixar a política livre?

Sinalizante 1 (Libras): VERDADE AUMENTAR DESEMPREGO PRECISAR TRABALHAR NÃO-CONSEGUIR PRECISAR MAS NÃO-CONSEGUIR

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Verdade**, aumentou o desemprego, as pessoas precisam trabalhar e não conseguem, precisam mas não conseguem.

- (15) Sinalizante 1 (Libras): POR ISSO FALTA CONTEXTO ESCRITA SURDO ENTENDER MOTIVAR CONHECER PORTUGUÊS

Sinalizante 1 (Tradução LP): Por isso, falta contexto para ensinar a escrita para o surdo, precisa ser motivado a conhecer e entender o português.

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE+ &(face-afirmação) MAIOR ESCREVER DIFÍCIL

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Verdade, verdade.** Escrever é mais difícil.

Sinalizante 1 (Libras): ANOS PASSADO SURDO ESCREVER+ ENTENDER NÃO &(face-negação) NEGATIVO

Sinalizante 1 (Tradução LP): Há alguns anos o surdo só escrevia, copiava, mas não entendia, isso era ruim para o surdo.

Sinalizante 2 (Libras): SIM VERDADE

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, **verdade.**

(16) Sinalizante 1 (Libras): POR ISSO TRÂNSITO BAGUNÇA PESSOAS RECLAMAR INSISTIR REIVINDICAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Por isso o trânsito fica essa bagunça, as pessoas reclamam, insistem, reivindicam.

Sinalizante 2 (Libras): ISSO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): Isso, isso

Sinalizante 1 (Libras): PESSOAS QUERER MELHOR MUDANÇAS

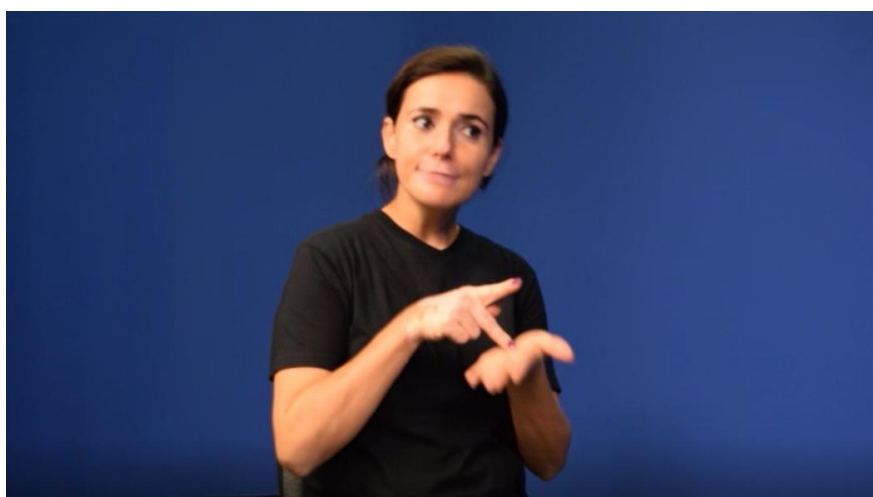
Sinalizante 1 (Tradução LP): As pessoas querem mudanças e melhorias.

Sinalizante 2 (Libras): SIM+ VERDADE

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, **verdade.**

A figura 9 representa a execução do sinal de “verdade” em Libras, apontado na conversação descrita no excerto (12), seguimos aqui a mesma metodologia adotada para as capturas de tela representativas, a de selecionar amostras únicas quando o mesmo MD está identificado de forma repetida em mais de um exemplo.

Figura 9: Sinal de “VERDADE” (verdade)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Observamos que, assim como nos exemplos analisados no item anterior, este elemento tem função interacional e propõe a ideia de continuidade do tópico, explanando concordância ao interlocutor. Essa anuência ocorre no início do turno com

comentários favoráveis ao que foi dito, como no caso dos excertos (11), (12), (13), (14) e (15) ou, ainda, encerrando o turno como nos excertos (15) e (16).

De acordo com o entendimento de Lenk (1998), é preciso considerar a coerência conversacional não como uma propriedade inerente ao texto, mas como resultado de um processo dinâmico entre os participantes da conversa. Isso porque, durante a troca verbal e não verbal, os interactantes estão engajados em um processo constante de “negociação” de coerência.

Neste sentido, o marcador apresentado indica essa variabilidade em função da intencionalidade do sinalizante em marcar a concordância ao tópico apresentado, como é o caso dos excertos apresentados para este marcador. E, assim como os MDs apontados no subtópico anterior, a expressão afirmativa com acenos emitidos pelos movimentos do corpo e da face estão presentes na construção do sinal, indicando positivamente ao enunciado.

Acerca da constante movimentação de interesse durante o ato conversacional, tendo em vista a receptividade ou não do interactante, Marcuschi (1998, p. 40) ressalta que esses elementos linguísticos “são muitas vezes demonstrações de interesse e sugestões de continuidade da fala”, induzindo o falante a “desenvolver seu tópico com mais minúcias”.

Outro aspecto importante de destacarmos nos dois grupos apresentados acima (marcadores “certo” e “exato” e marcador “verdade”) é o fato de ambos indicarem caráter convergente de aprovação. Sendo assim, Marcuschi (2003, p. 71) destaca que estes marcadores pertencem ao aspecto nomeado pelo autor como “sinais produzidos pelo ouvinte” e que ocorrem “geralmente em situações de sobreposição, que servem para orientar o falante e monitorá-lo quanto a recepção”, possuindo, portanto, sinal de concordância, assim como os marcadores “ahã”, “sim”, “claro”, exemplificados pelo autor.

Analisando a questão da sobreposição durante as falas nos turnos de conversação entre os surdos na Libras, Leite (2008, p. 159) assevera que “esse fenômeno corriqueiro, resultado do caráter indeterminado e contingente do trabalho de projeção, também não é tratado como problemático pelos participantes por envolver, na maioria dos casos, uma sobreposição programada para cessar em poucos instantes”.

Apontamos esta mesma observação no que se refere aos vídeos analisados para esta pesquisa, uma vez que, apesar de haver indícios de sobreposições nas falas, não houve empecilhos para a análise. Indicamos, ainda, que, pelo fato de as conversações

acontecerem sempre em duplas, o índice de sobreposições entre os turnos conversacionais pode ser considerado de leve incidência.

5.1.4 Marcadores de busca de aprovação discursiva “*entende?*”, “*certo?*”

Os exemplos abaixo demonstram a localização final como preponderante, obtendo do receptor a confirmação da sequência dos próximos tópicos e buscando o monitoramento do tema abordado, os marcadores localizados nos excertos abaixo e destacados em negrito, evidenciam a expectativa O marcador “*entende?*”, evidencia a expectativa do falante quanto ao apoio e/ou atenção do seu interlocutor (URBANO, 2003). Para este mesmo autor, “a posição desses marcadores de busca de apoio no final de uma proposição reveste-lhes de uma intenção argumentativa, na medida em que frisam a proposição que finalizam” (URBANO, 2003, p. 97).

- (17) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) ACHAR LIBRAS IX(mãos) IMPORTANTE &(face-interrogação) PORQUE LIBRAS IX(mãos) IMPORTANTE &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você achar Libras importante? Por que Libras é importante?

Sinalizante 2 (Libras): PORQUE IMPORTANTE SIM+ &(face-afirmação) PORQUE TALVEZ IDADE NASCER ERRADO DOENÇA SURDO LIBRAS LÍNGUA LIBRAS IX(ele) APRENDER LIBRAS COMUNICAR LUTAR PERSISTIR LIBRAS SURDO RESPEITAR ENTENDER &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Porque é importante sim, sim. Porque talvez nasce surdo ou acontece algo de errado, adquire uma doença em alguma idade e a Libras é a língua do surdo, ele aprende a Libras para se comunicar, lutar, persistir e a Libras e o surdo precisam de respeito. **Entende?**

- (18) Sinalizante 2 (Libras): É EXEMPLO EU QUERO SÓ CURSO ESTUDAR ADMINISTRAÇÃO 4 ANOS PROCURAR OUTRA VAGA TRABALHO MELHOR SALÁRIO MAS VONTADE CURSO PSICOLOGIA TOMARA

Sinalizante 2 (Tradução LP): É, por exemplo, eu estou cursando o curso de administração que dura 4 anos para conseguir outra vaga de emprego com salário melhor, mas tenho muita vontade de cursar psicologia, tomara.

Sinalizante 1 (Libras): TOMARA+

Sinalizante 1 (Tradução LP): Tomara, tomara.

Sinalizante 2 (Libras): PORQUE IX(si) SEMPRE QUERER AJUDAR PESSOA PSICOLOGIA PESSOA AJUDAR SONHO ENTENDER &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Porque eu sempre quis ajudar as pessoas e psicologia eu posso ajudar as pessoas, meu sonho. **Entende?**

- (19) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO VERDADE MAS TER FAMÍLIA COMUNICAR ALEGRE LIBRAS MELHOR PORQUE SE IX(si) VOLTAR[?] IMPLANTE COCLEAR SOFRER COISAS COMUNICAR NÃO-CONSEGUIR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, é verdade, mas têm famílias que são alegres, tem comunicação em Libras e isso é melhor, porque se eu voltar a ter o implante coclear vou sofrer para me comunicar e não vou conseguir.

Sinalizante 2 (Libras): CONDORDAR CERTO IX(si) EXEMPLO IX(si) EXEMPLO VONTADE MÃE COMUNICAR DIALOGAR EXEMPLO MÃE GRITAR BRIGAR[?] &(face brava) IX(si) BRIGAR NÃO MELHOR LIBRAS DIALOGAR ERRADO USAR EXPRESSÃO VERGONHA TOD@S OUVIR COMO SURD@ BAGUNÇAR ENTENDER &(face interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Concordo, certo. Eu por exemplo, eu por exemplo, tenho vontade que minha mãe se comunique comigo, dialogue. Por exemplo, minha mãe fica gritando, brava, brigando comigo, se usasse a Libras seria melhor, conversar, dizer o que está errado, usar expressões, fico com vergonha porque todos vão ouvir e dizer, como? Que surda bagunceira! **Entende?**

- (20) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) ACHAR LIBRAS IX(mãos) IMPORTANTE &(face-interrogação) PORQUE LIBRAS IX(mãos) IMPORTANTE &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você acha a Libras importante? Por que a Libras é importante?

Sinalizante 2 (Libras): PORQUE IMPORTANTE SIM+ &(face-afirmação) PORQUE TALVEZ IDADE NASCER ERRADO DOENÇA SURDO LIBRAS LÍNGUA LIBRAS IX(ele) APRENDER LIBRAS COMUNICAR LUTAR PERSISTIR LIBRAS SURDO RESPEITAR ENTENDER &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Porque é muito importante sim, sim. Porque talvez a pessoa nasce surda ou acontece algo de errado, adquire uma doença em alguma idade e a Libras é a língua do surdo, ele aprende a Libras para se comunicar, lutar, persistir e a Libras e o surdo precisam de respeito. **Entende?**

- (21) Sinalizante 1 (Libras): EU CONSEGUIR PEGAR TELEFONE TECNOLOGIA COMPRAR [?] DIVERSAS LER INFORMAÇÃO QUE (face-interrogação) TECNOLOGIA MENSAGEM ENVIAR RECEBER TAMBÉM ENVIAR RECEBER VÍDEO TEM DENTRO EXEMPLO FACEBOOK DOIS TAMBÉM WHATSAPP TRÊS FS(viber) TAMBÉM ENTÃO DIVERSO DENTRO TER POSITIVO ENVIAR RECEBER VÍDEO TER SURD@ LIBRAS ENTENDER LÍNGUA DOIS CERTO LÍNGUA UM LIBRAS LÍNGUA DOIS PORTUGUÊS

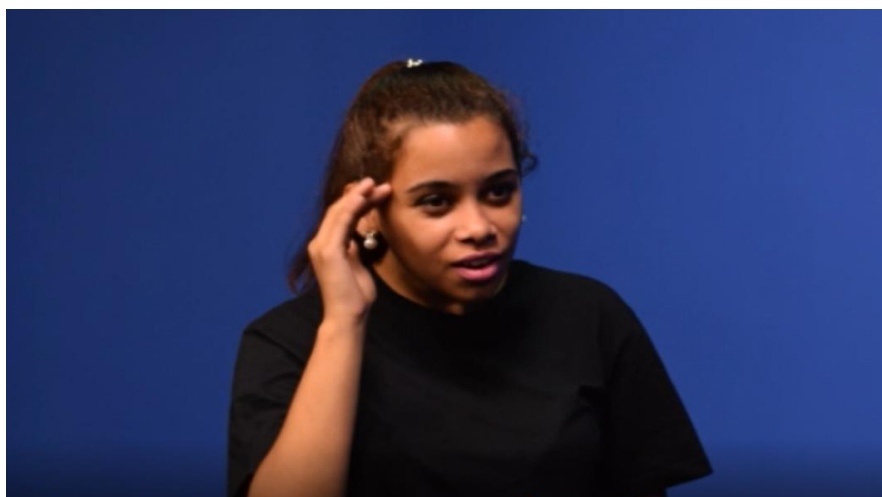
Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu consigo com o telefone e outras tecnologias diversas ter acesso à informação, que tipo? A tecnologia ajuda a enviar e receber mensagens, também enviar e receber vídeos, opções que têm dentro dos aplicativos, por exemplo, no Facebook, também no Whatsapp e no Viber também. Então, uma diversificação que existe nesses aplicativos, disponibilizando enviar e receber vídeos para o surdo facilita o entendimento da segunda língua, **certo?** A primeira língua é a Libras e a segunda a língua portuguesa.

Sinalizante 2 (Libras): WEBCAM CERTO POR ISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Webcam certo, por isso.

Apresentamos abaixo as figuras 10 e 11, que representam a sinalização dos MDs destacados nos excertos acima “entende?” e “certo?”. No caso da figura 10, da mesma forma que nas demais situações de marcadores com mais de uma frequência, optamos pela captura de apenas um excerto, neste caso o de número (19).

Figura 10: Sinal de “ENTENDER” (entende?)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Figura 11: Sinal de “CERTO” (certo?)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Nos cinco casos apresentados acima, os MDs estão localizados após a explanação do tópico, em forma de perguntas diretas e indicando a passagem do turno. Nestes casos, há a expectativa lançada aos sinalizantes que estão recebendo a informação, expectativa que busca pela aprovação do que foi explanado, como que buscando a confirmação do que foi dito no tópico e orientando a passagem de turno ao interactante.

Observamos nos excertos (17) ao (20) que o marcador empregado pelos sinalizantes nesses episódios, indicam a busca de aprovação discursiva do receptor e denotam o caráter elocutivo da conversação, cumprindo suas funções de marcação, aplicadas durante a sinalização. Todos os quatro MDs estão posicionados ao final dos

turnos como forma de encerrá-los, localização muito comum para este tipo de marcadores como aponta Urbano (1999).

Essa busca de aprovação discursiva é muito recorrente em diálogos e discussões em diferentes tópicos discursivos, buscando, de forma estratégica, receber do interactante a aprovação de que sua mensagem foi endossada e que este pode prosseguir com suas argumentações discursivas.

Já no excerto (21) a marcação ocorre por meio da utilização do MD “*certo?*”, neste caso, o sinalizante tenta receber, por meio desse monitoramento interrogativo se o que está dizendo sobre o uso das tecnologias facilitar o acesso à segunda língua (que seria a língua portuguesa) pelos surdos é coerente. Essa expectativa por aprovação é constatada pelo uso destes MDs em todos os cinco exemplos evidenciados, quando, após uma explanação argumentativa de um determinado assunto, finaliza o turno com este marcador.

Em todas as funções demonstradas acima os marcadores de ação ideacional contribuem para a articulação do texto sinalizado, se apropriando das funções elencadas pelos autores estudados nesta pesquisa, dentre elas as destacadas por Urbano (1999, p. 100) “de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante” quando este julgar necessário.

É interessante observar a função destes MDs, cuja função interacional na Libras não difere da função que, na maioria das vezes, ele exerce nas línguas orais auditivas. Galembeck e Blanco (2001) evidenciam que os marcadores do tipo “*né?*”, “*sabe?*”, “*certo?*”, “*entende?*” e perguntas retóricas possuem função fática, entretanto, assumem, também, a função de busca de aprovação discursiva na interação. Marcadores desse tipo são representados por uma pergunta direta que buscam a atenção do interlocutor, assim como também visam a obter sua concordância, por isso são chamados, nos estudos da língua falada, de marcadores de envolvimento do ouvinte e marcadores de busca de aprovação discursiva. O sinalizante os emprega para manter a atenção e conseguir o assentimento de seu interlocutor, ocorrendo, normalmente, na forma indagativa.

A fim de corroborar com a análise de indagações pospostas como “*sabe?*”, “*né?*”, “*entende?*”, “*certo?*”, Barros (2005, p. 242) afirma que, ao mesmo tempo em que buscam a participação do destinatário, “atenuam o caráter impositivo do que é dito pelo destinador”. Ainda consoante a autora, é “de forma mais fraca que as indagações finais fazem parte das estratégias de sedução por intensificação da imagem positiva do outro,

já que são também estratégias de sedução por atenuação” (BARROS, 2005), amenizando, assim, as asserções mais fortes.

Ou seja, apesar de estarem alocados nesta subseção destinada aos MDs que possuem sua orientação ao interlocutor, estes marcadores carregam, também, um valor ideacional – grupo de marcadores que versaremos no próximo tópico desta seção. Portanto, este marcador possui função de busca de aprovação discursiva, reforçando o que foi afirmado por Urbano (1999, p. 91), ou seja, que durante o processo organizacional da fala “todos os marcadores desempenham, ora com destaque para ideacionais, ora para as interacionais e/ou pragmáticas”.

Neste sentido, torna-se importante destacar que o item “*entende?*” foi indicado no início das análises como pertencente ao grupo dos marcadores com função interacional, e que agora tal ocorrência permite ratificar o que constata Urbano (1999): um mesmo item pode desempenhar função direcionada ao interlocutor e ao texto.

5.2.5 Marcadores de opinião “*penso que*”, “*acho que*”, “*acredito que*”, “*na minha opinião*”

Nos exemplos abaixo apontamos alguns exemplos de MD que exercem função de marcar a opinião do sinalizante frente a algum assunto. Nestes casos, há a intenção, por parte do enunciador de indicar seu posicionamento, marcando esse posicionamento com a utilização dos MDs indicados.

Outra característica que podemos observar nos exemplos abaixo está relacionada com a intenção marcante de atenuação da opinião expressada, essa propriedade marcadora está sempre associada como sinais do falante, de acordo com Marcuschi (2003), e atuam com propósito de minimizar riscos sobre o que será dito.

- (22) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO OUVIR PESSOAS INFLUENCIAR CAPAZ IMPLANTE COCLEAR PESSOAS ACEITA PESSOAS FAMÍLIA CAPAZ SURD@ PROBLEMA IX(eles) INFORMAÇÃO GANÂNCIA DINHEIRO EXPLORAR IMPLANTE COCLEAR MOTIVAR IX(si) VER AGORA ESCOLA AGORA DV(tirar-objeto-redondo-atrás-orelha)+ IMPLANTE COCLEAR VER+

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, ouvintes têm influenciado que o implante coclear torna o surdo capaz e as pessoas têm aceitado, a família acha que o surdo será capaz de ouvir, mas o problema é que as informações são baseadas na ganância para vender e exploram essa informação sobre o implante coclear, motivam o implante. Agora, eu vejo na escola eles tirando seus implantes, vejo isso.

Sinalizante 2 (Libras): ÀS VEZES+ IX(ela) FAMÍLIA QUER SURD@ IGNORANTE IMPLANTE COLOCAR DEPOIS CRESCER RECLAMA NÃO-GOSTAR ACEITAR NÃO FORA IMPLANTE COCLEAR

RECLAMA PALHAÇO PAGAR CARO MELHOR IX (si) PENSAR PRIMEIRO MAIS CRIANÇA CRESCER MAIS QUERER IMPLANTE COCLEAR OBEDECER ESCOLHER POSS(del@)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Às vezes, às vezes ela, a família, quer, mas o surdo é alheio ao implante coclear, coloca sem saber e depois quando cresce reclama, não gosta, não aceita, quer retirar o implante coclear e reclama, e a família se sente como enganada, pagou caro no implante. **Penso que** é melhor primeiro esperar a criança crescer, se quiser implante, respeitar a escolha dela.

(23) Sinalizante 1 (Libras): ALGUNS SOLTEIRO OUTRO GRUPO CASADO OUTRO NAMORADO CADA UM DIFERENTE IX(si) PENSO MELHOR IX(nós-grupo) COMBINAR BOM

Sinalizante 1 (Tradução LP): Alguns são solteiros, outro grupo são casados, outros namorando, cada um é diferente, eu **penso que** é melhor assim, com um grupo que combine fica bom.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO+ TAMBÉM IGUAL VAMOS &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, então, também penso assim, vamos?

A figura 12 indica a sinalização do morfema “pensar”, representando o marcador utilizado no excerto (22).

Figura 12: Sinal de “PENSAR” (penso que)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Observamos, nos dois excertos acima, o emprego dos marcadores de opinião “penso que”, no caso do excerto (22) como uma forma de anunciar o posicionamento do sinalizante 2 a respeito da questão do uso do implante coclear em surdos: que se deve esperar a criança crescer para que ela tenha o direito de escolher se quer ou não usar o implante coclear.

No excerto (23), essa marca está acerca de que seria melhor saírem em grupos que se identifiquem melhor, para evitar desconfortos. Galembeck (2002) assevera que podemos observar as marcas de interpersoalidade representadas por marcadores de opinião,

geralmente construídos com verbos de valor cognitivo ou de percepção, como, por exemplo: acho que, creio que e assemelhados. O MD penso que está no rol desses assemelhados e, no caso acima, exerce a função de prefaciador de opinião com valor atenuativo.

Por se tratar de um ponto de vista que possa não ser completamente aceito pelos interactantes, o sinalizante utiliza esse recurso para se preservar de possíveis reações negativas, optando por esse dizer mais atenuado para se resguardar de um ponto de vista diferente do seu. De acordo com Burgo, Storto e Galembeck (2013, p. 310),

esses MC são constituídos pelo verbo na primeira pessoa do singular, com o que podemos, portanto, detectar as marcas da enunciação. Representados por verbos ou locuções denotadoras de atividade mental ou de elocução, esses marcadores incluem-se no grupo que indica que o locutor não assume, diretamente, os conceitos emitidos, de modo a atenuar o discurso e, por conseguinte, resguardar a face dos interlocutores. Ressalta-se que o emprego desse marcador é mais comum quando o falante busca amenizar o que é dito em seu discurso, mostrar humildade diante de algum fato ou diminuir sua responsabilidade pelo que afirma, por isso é pouco comum o emprego desse marcador quando o objetivo do falante é assegurar com convicção seu interlocutor de alguma coisa ou quando a responsabilidade por alguém é de terceiros.

(24) Sinalizante 1 (Libras): VER C-O-P-A &(face interrogação) ESTÁDIO GOVERNO INVESTIR &(face intensidade) CONSEGUIR FUTEBOL BRASIL MAS PESSOAS ANTES RECLAMAR BRAVA &(face irritada) DEPOIS FELIZ BRASIL PORQUE &(face interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Viu a copa? O governo conseguiu investir bastante em estádios de futebol, mas as pessoas antes estavam reclamando irritadas, depois estavam felizes, por quê?

Sinalizante 2 (Libras): ESPERAR MINHA OPINIÃO ANTES BRASIL ACREDITAR TODOS CONQUISTAR ORGULHO BRASIL NÃO DEPOIS COMEÇAR ACONTECER COMEÇAR BRASIL DISPUTAR OUTRO PAÍS TODOS PAGAR+ BOBAGEM PAGAR PORQUE BRASIL IMPORTANTE IMPORTANTE BRASIL &(face interrogação) &(face negação) IMPORTANTE SOCIAL UM ESCOLA DOIS MÉDICO TRÊS POBRE ENTÃO &(face interrogação) FALTAR ENTÃO IX(social) &(face interrogação) DESPREZAR IX(social) IMPORTANTE BRASIL FAZER &(face interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Espere! **Na minha opinião**, antes o brasileiro acreditava e tinha orgulho das conquistas do Brasil, depois não, começou acontecer algo, o Brasil começou as disputas dos jogos com os outros países todos foram, pagaram, pagaram para assistir os jogos, mas isso viram que é bobagem, porque o que para o Brasil é importante, o que importa para o Brasil? Não, isso não importa, importante é o social, escolas, médicos, os pobres. Então, falta olhar o social, desprezam o social, o que é importante o Brasil fazer?

(25) Sinalizante 2 (Libras): BOM MELHOR CARRO MAIS CALMA DEVAGAR

Sinalizante 2 (Tradução LP): Bom, melhor ir de carro, é mais calmo, pode ir devagar.

Sinalizante 1 (Libras): IX(si) ACHAR IGUAL PORQUE TRÂNSITO CARRO DV(congestionamento-carro) IGUAL PACIÊNCIA

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu acho que é igual, porque de carro tem o trânsito, congestionamento, tem que ter paciência igual.

Sinalizante 2 (Libras): IX(sí) OPINIÃO ÔNIBUS PIOR CARRO MUITO NÃO-TER POUCO UM DOIS TRÊS ÔNIBUS APERTADO

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Na minha opinião**, é pior de ônibus, não têm muitos carros, um, dois, três carros, no ônibus é apertado.

(26) Sinalizante 1 (Libras): MAS EXPERIMENTAR MUITO PROBLEMA SURDO TAMBÉM OUVINTE INCLUSÃO PROBLEMA BILÍNGUE FALTAR

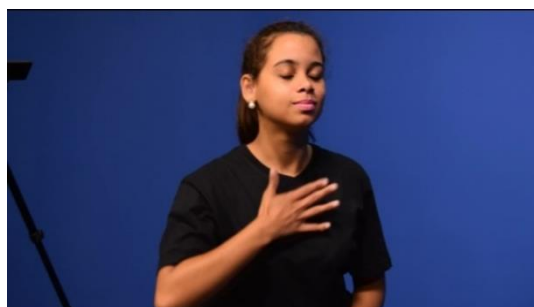
Sinalizante 1 (Tradução LP): Mas temos experimentado muitos problemas. Há a inclusão entre surdos e ouvintes, mas o problema é que falta o ensino bilíngue.

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE INCLUSÃO SURDO RUIM VERDADE MELHOR EDUCAÇÃO BILÍNGUE POSS(me) OPINIÃO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, a inclusão para o surdo é ruim, melhor seria educação bilíngue, **minha opinião**.

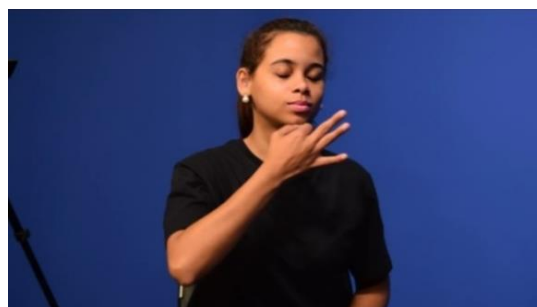
Nas figuras 13 e 14 indicamos a captura durante a sinalização da expressão “minha opinião”, localizada no excerto (24). Este MD está representado pela utilização de dois sinais, por isso, abaixo temos duas figuras representativas para a apresentação do referido marcador.

Figura 13: Sinal de “MINHA” (minha)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Figura 14: Sinal de “OPINIÃO”(opinião)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

De igual forma ao que evidenciamos nos exemplos do uso do MD “penso que”, nos excertos (24), (25) e (26) o uso do MD “na minha opinião” revelam em sua utilização o mesmo grau de grau de incerteza e contribuem para afastar discordâncias de opiniões, ou seja, aqueles que não concordam com as opiniões expressas pelos sinalizantes. Em consonância com Burgo, Storto e Galembeck (2013, p. 309-310), esse efeito de dúvida indica que o falante (no caso, o sinalizante) “não assume integralmente o ponto de vista expresso, reduzindo a carga de responsabilidade em fazer uma afirmação para a qual não tem plena convicção”. É um sinal de abrandamento, uma vez que “diminuem a força ilocutória das asserções, devido ao fato de não demonstrarem um comprometimento direto e explícito”.

Com funções semelhantes aos MDs indicados acima, o marcador “acredito que”, localizado no excerto abaixo (27), é acionado com o mesmo propósito exposto anteriormente, qual seja: atenuar a certeza de conseguir dividir o tempo entre estudo e trabalho.

- (27) Sinalizante 1 (Libras): CONSEGUIR ESTUDAR TRABALHAR
 CONSEGUIR ESTUDAR IX(você) (face-interrogação)
 Sinalizante 1 (Tradução LP): Consegue acompanhar estudo e trabalho?
 Você consegue estudar?
 Sinalizante 2 (Libras): POUCO DIFÍCIL NÃO-TER VIDA COMEÇAR
 PROCESSO DEPOIS ACOSTUMAR TEMPO DIVIDIR CAPAZ
 EVOLUIR IX(si) ACREDITAR FUTURO POSITIVO
 Sinalizante 2 (Tradução LP): É um pouco difícil, não tinha costume e
 estou começando, é um processo ainda, depois acostumo a dividir o
 tempo. Sou capaz de evoluir, **acredito que** no futuro conseguirei.
 Sinalizante 1 (Libras): JOVEM TEMPO EVOLUIR IX(você)
 CONSEGUIR MAIS
 Sinalizante 1 (Tradução LP): Você é jovem, com tempo vai se
 desenvolver e conseguir.
 Sinalizante 2 (Libras): OPORTUNIDADE
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Uma oportunidade.

A figura 15 indica a captura durante a execução do sinal de “ACREDITAR”, MD evidenciado no excerto acima, diferentemente do que ocorre nas figuras citadas nos parágrafos acima, para representar o sinal “MINHA OPINIÃO”, aqui trata-se de um sinal composto, onde ocorre a junção de dois sinais formando o morfema apresentado. Utilizaremos então a junção de duas capturas de tela par formar a figura 15, com intuito de representar o sinal utilizado.

Figura 15: Sinal de “ACREDITAR” (acredito que)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Com intuito de elucidar um pouco mais esta questão dos estudos morfológicos dos sinais, apontamos o que Quadros e Karnopp (2004, p. 106) indicam em suas

pesquisas à respeito da composição nos sinais, as autoras apontam que a Libras “[...] apresenta regras morfológicas e fonológicas na criação de novos sinais, e quando dois sinais aparecem juntos para formar um composto, mudanças predicáveis na estrutura do sinal se manifestam”.

No caso do sinal representado nas imagens acima, temos a junção dos sinais (SABER + ESTUDAR) formando o sinal, por aglutinação, o sinal de ACREDITAR. Felipe (2006, p. 200) aponta que “[...] em relação aos seus processos de formação de palavras, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação.

Voltando à análise do uso dos marcadores de opinião, destacamos que, marcadores como “eu acho (que)”, “creio (que)”, “eu sei”, “me parece que”, “eu tenho a impressão”, “acredito que”, além de se apresentarem como prefaciadores de opinião (os quais manifestam a percepção pessoal acerca de algum assunto), possuem, também, valor atenuativo (GALEMBECK; CARVALHO, 1997; BURGO; STORTO; GALEMBECK, 2013). Eles não somente revelam a subjetividade de quem emite a opinião, como, ainda, colaboram para diminuir sua responsabilidade acerca do ponto de vista exposto. O MC “eu acredito que” contribui para reduzir a força ilocutória do enunciado, pois a opinião expressa está embasada em uma projeção futura e para a qual não há plena certeza de concretização: conseguir conciliar trabalho e estudo futuramente.

(28) Sinalizante 1 (Libras): IX(si) AINDA DESEMPREGADO FALTA TRABALHO MAS IX(si) ACHAR PRECISAR ESTUDAR IMPORTANTE

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu ainda estou desempregado, falta trabalho, mas eu **acho que** é importante estudar, preciso estudar.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO SIM IMPORTANTE

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, sim é importante.

(29) Sinalizante 1 (Libras): SALA PROFESSOR ESCREVER DV(escrever-lousa) SURDO OUVINTE INCLUSÃO INTERAÇÃO AJUDAR PRIMEIRO ESTUDAR PORTUGUÊS ESCREVER DEPOIS TROCAR EU ACHO NÃO PRECONCEITO NADA SURDO INTERAÇÃO UNIÃO TROCA INTÉRPRETE JUNTO IX(aquí) UNIÃO INTERAÇÃO

Sinalizante 1 (Tradução LP): Na sala o professor escreve na lousa e acontece uma interação entre surdos e ouvintes, acontece a inclusão, uma interação que ajuda primeiramente a estudar o português, depois uma troca, eu acho que não há preconceito com o surdo, há uma interação, uma união, uma troca, juntamente com o intérprete ocorre uma união e a interação.

Sinalizante 2 (Libras): IX(si) GOSTAR MAIS OUVINTE INCLUSÃO SURDO MAS IX(si) ACHAR PASSADO DÍFICIL ENTENDER OUVINTE PORTUGUÊS ANTES PALAVRA PORTUGUÊS NÃO-ENTENDER &(face-negação) AGORA INCLUSÃO ADAPTAÇÃO MAIS CLARO SURDO ENTENDER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Eu gosto mais da inclusão surdos e ouvintes, mas eu **acho que** antes era mais difícil entender os ouvintes e o português, as palavras do português não entendíamos, agora, com a inclusão e as adaptações ficou mais claro para o surdo entender.

(30) Sinalizante 1 (Libras): IX(si) ACHAR MELHOR INCLUSÃO

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu **acho que** a inclusão é melhor.

Sinalizante 2 (Libras): IX(você) APRENDER TUDO CONSEGUIR &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Você consegue aprender tudo?

Sinalizante 1 (Libras): SIM &(face-afirmação) MAS ÀS VEZES FALHA INTERAÇÃO TROCA

Sinalizante 1 (Tradução LP): Sim, mas às vezes acontecem falha nessa interação, nessa troca.

Demonstramos na figura 16 a utilização do marcador “acho que”, identificado no excerto (30), exercendo a função de marcar sua opinião acerca do tema relacionado à inclusão.

Figura 16: sinal de “ACHAR” (acho que)



Fonte: Quadros *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Semelhantemente aos MDs apontados nos excertos (28), (29) e (30), o marcador “acho que” desempenha função igual às apontadas nos MDs descritos nos parágrafos anteriores, a função destacada por Urbano (1999), marcando sua opinião, mas não de forma categórica e definitiva. No caso do excerto (28) o sinalizante 1 indica sua opinião a respeito de ser importante estudar, se preparar. Do mesmo modo, no excerto (29), o sinalizante 2 indica sua opinião, sem muita certeza, de como era a convivência entre surdos e ouvintes em tempos anteriores aos atuais. Já no excerto (30) há uma impressão

de mais certeza, marcando seu julgamento acerca da inclusão ser melhor para a educação de surdos, no entanto, o MD ainda marca o perfil de dúvida se seu posicionamento está coerente a realidade mencionada durante a conversação.

Os marcadores identificados acima, desde o excerto (1) até o de número (30) representam exemplos de marcadores que não estão diretamente relacionados ao texto elaborado no momento da discussão do tópico, mas sua entonação e frequência é referenciada pela interação entre os sinalizantes.

Segundo Silva e Strazzi (2017, p. 202),

Os MDs exercem funções interacionais quando atuam no processamento da interação conversacional, quando cumprem alguma função advinda diretamente da relação presencial entre os interlocutores, integrando, portanto, o componente interpessoal da linguagem. Os marcadores interacionais não são constituintes sentenciais, pois são exteriores ao conteúdo proposicional e sintaticamente independentes de suas unidades adjacentes.

O que compreendemos é que esse componente interpessoal é acionado à medida que o interlocutor julga necessário chamar atenção para algo, marcar uma retomada ou a passagem de turno, esses recursos linguísticos são acionados quando os interlocutores evidenciam a necessidade desta interação e escolhem que marcador acionar.

5.2 Marcadores Discursivos de Função Ideacional

Esse nicho de elementos linguísticos são articuladores da fala utilizados durante a conversação, sendo acionados pelos falantes no ato conversacional, conforme identifica Castilho (1989), para a negociação do tema e seu desenvolvimento. Estes elementos podem ser representados em inícios de turno por algumas conjunções e advérbios (e, mas, então, além disso, agora, aliás), que funcionam como elementos de coesão entre os turnos da conversação, dando continuidade ao tópico em andamento ou, ainda, introduzindo um novo tópico.

O mesmo autor destaca que esta função ideacional é também denominada como textual, uma vez que está relacionada diretamente ao texto apresentado. No caso particular desta pesquisa, o texto apresentado é em sinais, os quais são utilizados para a organização textual, permitindo o desenvolver dessa coesão ao enunciado.

Por meio dos marcadores textuais ou ideacionais, iniciamos um tópico (“bom, é o seguinte”), recusamos um tópico novo (“essa tido”, “sem essa”), aceitamos um tópico novo (“tá bom”, “vamos lá”), subdividimos o tópico em subtópicos (“inicialmente”, “primeiramente”, “em segundo lugar”, “em seguida”), expandimos o tópico (“e além disso”, “e além do mais”, “e tem mais”, “outra coisa”), sequenciamos os tópicos (“então”, “e aí”, “agora” [dito em tom descendente]). Outro subconjunto de marcadores textuais são os modalizadores, asseverando (“é”, “é claro”, “exato”, “tá”) ou atenuando (“eu acho que”, “o que me parece”, “pode ser”, “possivelmente”) (CASTILHO, 2003, p. 49).

A utilização destes marcadores foi constatada nas análises linguísticas deste trabalho com potenciais variações em seu desempenho linguístico, coadunando com o que Marcuschi (2003) refere em suas pesquisas, ou seja, o fato de estes elementos possuírem diversificadas funções quando produzidas pelo falante, dentre elas: explicitar intenções; nomear e referir ações; eliminar posições anteriores; anunciar o que será dito, entre outras. Já quando são de utilização do ouvinte, segundo o mesmo autor, servem para marcarem a posição pessoal, encorajando ou desencorajando o falante, além de solicitar esclarecimento, atenuar e asseverar marcações no texto.

A seguir, apontaremos nos excertos abaixo, com as devidas e respectivas análises, os marcadores encontrados e, assim como na subseção anterior, agrupados para uma melhor explanação da análise realizada, referenciando o uso destes elementos nas conversações em Libras.

5.2.1 Marcador discursivo organizador informacional “*bom*”

O uso do MD “bom” foi observado em algumas ocorrências durante a conversação em Libras. Destacamos alguns exemplos deste marcador operando com uma função proeminente de organizador informacional, no plano ideacional do discurso.

- (31) Sinalizante 1 (Libras): SENTIR SEU DISCUTIR OPINAR COMO&
(face-dúvida) SENTIR SEU
Sinalizante 1 (Tradução LP): E como você se sente, sua opinião sobre o que podemos discutir, o que sente?
Sinalizante 2 (Libras): IX(você)# BOM IX(você) QUER EXEMPLO SINALIZAR [?] GOSTAR COMO+ [= ? QUAL]
Sinalizante 2 (Tradução LP): **Bom**, me fale você o que achou, por exemplo o que gostaria de discutir?
- (32) Sinalizante 1 (Libras): CASAMENTO IX (você) POSITIVO BOM &(face-interrogação)
Sinalizante 1 (Tradução LP): E o seu casamento, tudo bem?
Sinalizante 2 (Libras): CASAMENTO OUTUBRO AGORA EU MANIFESTAR IMPORTANTE
Sinalizante 2 (Tradução LP): O casamento será em outubro, agora eu estou empenhado nas manifestações, são importantes.

Sinalizante 1 (Libras): BOM IX(si) VER # BOM MANIFESTAR LUTA
 Sinalizante 1 (Tradução LP): **Bom**, eu estou acompanhando, é bom reivindicar.

- (33) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) COMEÇAR APRENDER DESENVOLVER LIBRAS IDADE &(face-interrogação) MAIS OU MENOS

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você começou a aprender e desenvolver a Libras com que idade mais ou menos?

Sinalizante 2 (Libras): BOM PARECE MAIS OU MENOS 5 OU 6 IDADE LIBRAS POUCO DEPOIS MAIS DESENVOLVER IDADE 13 MAIS OU MENOS

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Bom**, parece que foi mais ou menos com 5 ou 6 anos de idade, sabia pouco de Libras, fui desenvolvendo mais a língua com mais ou menos 13 anos.

- (34) Sinalizante 1 (Libras): IX (você) COMO FORA SOCIEDADE TRABALHO OU COMPRAR MERCADO OU QUALQUER LUGAR PESSOA OUVINTE IX (você) ENCONTRAR COMO IX (você) INTERAGIR COMUNICAÇÃO COMO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Como você se comunica fora de casa? Em toda sociedade, trabalho, ou quando vai ao mercado fazer compras, ou em qualquer lugar, como se comunica com pessoas ouvintes que você encontra, como você interage, como se comunica?

Sinalizante 2 (Libras): BOM FORA SOCIEDADE ENTÃO COMUNICAÇÃO &(face-negação) NÃO-COMUNICAÇÃO MUITO GRANDE NÃO-TER NÃO-COMUNICAÇÃO+ ÀS VEZES POUCA COMUNICAÇÃO PRÓPRIO LIBRAS CORRETO NÃO &(face-negação) MÍMICA APONTAR IX(lá) IX(aqui) APONTAR ÀS VEZES ESCREVER POUCO MAIS MÍMICA POIS É NÃO-COMUNICAÇÃO SÓ APONTAR IX(vários-lugares-espaco) ESCREVER NÃO-CONSEGUIR COMUNICAÇÃO COMPLETA DEPENDE

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Bom**, lá fora na sociedade a comunicação, não tem comunicação, é imenso, não tem comunicação, às vezes tem um pouquinho, na Libras certa não! Acontece com mímica, apontamentos, aponta pra lá, aqui, às vezes escrevendo um pouco, mais com mímica. Pois é, não tem comunicação, só apontamentos e escrevendo não consegue comunicação completa, depende.

- (35) Sinalizante 1 (Tradução LP): Você sempre pega o mesmo ônibus?

Sinalizante 2 (Libras): SIM SEMPRE IGUAL

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, sempre o mesmo

Sinalizante 1 (Libras): MAS ÔNIBUS DENTRO APERTADO IX(você) ACONTECER IX(você) CANSAR DV(ônibus-em-pé) DEMORA IX(você) CANSAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Mas quando acontece de você ficar muito apertado e em pé no ônibus, você cansa? Quando demora você cansa?

Sinalizante 2 (Libras): SIM MUITO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, muito!

Sinalizante 1 (Libras): DV(segurar-corrimão-ônibus)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Em pé no ônibus

Sinalizante 2 (Libras): BOM MELHOR CARRO MAIS CALMA DEVAGAR

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Bom**, melhor ir de carro, é mais calmo, pode ir devagar.

- (36) Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO DESCULPAR TRISTE &(face-tristeza) JÁ COMBINAR GRUPO FAMÍLIA JUNTO VIAJAR CARNAVAL

Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, desculpe, estou triste, já havia combinado com grupo da minha família que iria viajar no carnaval junto com eles.

Sinalizante 1 (Libras): BOM IX(si) FICAR CASA FAZER NADA

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Bom**, eu vou ficar em casa sem fazer nada.

Sinalizante 2 (Libras): EXPERIMENTAR CHAMAR OUTROS SURDOS COMBINAR PASSEAR DESCULPA IX(si) JÁ ANTES COMPROMISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Experimenta chamar outros, combine com eles para passear. Desculpa, eu já tinha esse compromisso.

A figura 17 representa o sinal de “bom”, utilizado pelo sinalizante do excerto (31) e acompanha a mesma dinâmica das figuras já apresentadas nesta seção destinada à análise linguística desta pesquisa.

No caso específico de alguns sinais, optamos pela captura de mais de um momento da execução do sinal, isso nas ocorrências de sinais que sofrem mudança em algum dos parâmetros mínimos de constituição do sinal, conforme detalhamos na metodologia desta pesquisa. No caso do sinal de BOM a mudança ocorre no parâmetro da configuração de mão.

Figura 17: Sinal de “BOM” (bom)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Observamos que nos excertos (31) ao (36) o marcador utilizado está localizado em posição inicial, denotando uma de suas funções de introduzir o tópico a ser desenvolvido, ocorrendo de forma a organizar o que será dito. Além disso, também assume a função de planejador verbal, já que os sinalizantes ganham tempo antes de iniciar sua resposta, evidenciando o processo de construção textual. É um segmento prefaciador, como Risso (2015, p. 429) pontua: marcadores como “*bom*”, “*bem*” são “proferidos pelo locutor como formas especiais de adiantamento de um conteúdo tópico, durante a interação. Eles são em comum desencadeados [...] como parte ou totalidade dos atos verbais preparatórios de declarações sequentes”.

Este marcador, conforme indicado nos excertos (31), (33) e (34), funciona, ainda, como um qualificador, ou seja, o sinalizante oferece uma resposta não direta a uma pergunta aberta. Trata-se de um planejamento interno que dá tempo ao sinalizante de se preparar para a resposta que ele não sabe ao certo como responder e, assim, em alguns casos, como o do excerto (31), acaba respondendo com outra pergunta, devolvendo ao interlocutor a responsabilidade de oferecer o assunto a ser discutido.

No excerto (33), no vídeo utilizado para a análise, fica nítida a pausa empregada para iniciar a narrativa de com quantos anos ocorrera seu desenvolvimento em Libras, isto é, o sinalizante 2 opera essa pausa utilizando o MD “bom”, e planeja, em seguida, a narrativa. Segundo Norrick (2001), narrar algo é um tipo de conversa com suas próprias convenções estruturais e relevância interacional, e por isso exige planejamento.

Analizamos no excerto (35) que o sinalizante 2 utiliza o referido marcador para voltar ao tema principal em que estavam interagindo – o fato de as conduções públicas serem apertadas e desconfortáveis. Optamos pelo demonstrativo desse retorno ao tema principal, razão pela qual o excerto em questão acabou por ficar um pouco mais extenso que outros.

De acordo com Fraser (1990; 1996), esses marcadores são, em suma, pragmáticos, pois fornecem um comentário sobre o seguinte enunciado, indicando como o orador pretende que sua mensagem básica se relacione com o discurso, ou intencionalmente retomando o tema principal e, nesse sentido, é que ocorre o planejamento e a negociação verbal intencional.

5.2.2 Marcador discursivo de coesão “*então*” e “*mas*”

Nos exemplos a seguir, indicamos a localização dos marcadores “*então*” e “*mas*” na conversação em Libras. Esses marcadores estabelecem a função de coesão entre os turnos de conversação, dando continuidade ao tópico em andamento ou, ainda, sobrepõem novo tópico (GALEMBECK; CARVALHO, 1997).

(37) Sinalizante 1 (Libras): QUE PROFESSOR@ MOSTRA LIBRAS IMPORTANTE IX(el@) BOM INTERESSAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): O professor usar Libras é importante, é bom ele saber e se interessar.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO CERTO INSTITUTO [?] TER PROFESSOR@ CADA [?] CONHECER LIBRAS NÃO INTÉRPRETE TRAZER+

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então**, certo, no instituto, os professores das diferentes disciplinas não sabem Libras e constantemente chamam o intérprete para acompanhar.

- (38) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO ASSOCIAÇÃO+ LUGAR SURD@ ENTRAR BATER PAPO COMUNICAR COMUNIDADE CULTURA SURDA FICAR COMUNICAR INTERAGIR BOM
 Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, a associação, a associação é um lugar para o surdo ir, bater um papo, se comunicar e interagir com a comunidade e cultura surda, se comunicar e interagir é bom
 Sinalizante 2 (Libras): CERTO+
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Certo, certo!
- (39) Sinalizante 2 (Libras): IX(você) CONSEGUIR COMUNICAR OUVINTE FALAR &(face-interrogação)
 Sinalizante 2 (Tradução LP): consegue se comunicar com ouvinte por meio da fala?
 Sinalizante 1 (Libras): COMUNICAR NÃO &(face-negação)
 Sinalizante 1 (Tradução LP): não, se comunicar não.
 Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO POR ISSO DIFÍCIL COMUNICAÇÃO
 Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então**, por isso, é difícil a comunicação.
- (40) Sinalizante 1 (Libras): SURDO PRECISA COMUNICAÇÃO PESSOAS
 Sinalizante 1 (Tradução LP): O surdo precisa de interação comunicativa com as pessoas.
 Sinalizante 2 (Libras): DIFÍCIL ÀS VEZES FAMÍLIA SURDO SOFRER COMUNICAÇÃO FALTAR &(face-tristeza)
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Às vezes é difícil, o surdo sofre para se comunicar com a família.
 Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO VERDADE MAS TER FAMÍLIA COMUNICAR ALEGRE LIBRAS MELHOR PORQUE SE IX(si) VOLTAR[?] IMPLANTE COCLEAR SOFRER COISAS COMUNICAR NÃO-CONSEGUIR
 Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, é verdade, mas têm famílias que são alegres, têm comunicação em Libras e isso é melhor, porque se eu voltar a ter o implante coclear vou sofrer para me comunicar e não vou conseguir.
 Sinalizante 2 (Libras): CONDORDAR CERTO IX(si) EXEMPLO IX(si) EXEMPLO VONTADE MÃE COMUNICAR DIALOGAR EXEMPLO MÃE GRITAR BRIGAR[?] &(face brava) IX(si) BRIGAR NÃO MELHOR LIBRAS DIALOGAR ERRADO USAR EXPRESSÃO VERGONHA TOD@S OUVIR COMO SURD@ BAGUNÇAR ENTENDER &(face interrogação)
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Concordo, certo. Eu, por exemplo, eu por exemplo, tenho vontade que minha mãe se comunique comigo, dialogue. Por exemplo, minha mãe fica gritando, brava, brigando comigo, se usasse a Libras seria melhor, conversar, dizer o que está errado, usar expressões. Fico com vergonha, porque todos vão ouvir e dizer, como? Que surda bagunceira! Entende?
- (41) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO OUVIR PESSOAS INFLUENCIAR CAPAZ IMPLANTE COCLEAR PESSOAS ACEITA PESSOAS FAMÍLIA CAPAZ SURD@ PROBLEMA IX(eles) INFORMAÇÃO GANÂNCIA DINHEIRO EXPLORAR IMPLANTE COCLEAR MOTIVAR IX(si) VER AGORA ESCOLA AGORA DV(tirar-objeto-redondo-atrás-orelha)+ IMPLANTE COCLEAR VER+
 Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, ouvintes têm influenciado que o implante coclear torna o surdo capaz e as pessoas têm aceitado. A família acha que o surdo será capaz de ouvir, mas o problema é que as informações são baseadas na ganância para vender e exploram essa informação sobre o implante coclear, motivam o implante. Agora, eu vejo na escola eles tirando seus implantes, vejo isso.

Sinalizante 2 (Libras): ÀS VEZES+ IX(ela) FAMÍLIA QUER SURD@ IGNORANTE IMPLANTE COLOCAR DEPOIS CRESCER RECLAMA NÃO-GOSTAR ACEITAR NÃO FORA IMPLANTE COCLEAR RECLAMA PALHAÇO PAGAR CARO MELHOR IX (si) PENSAR PRIMEIRO MAIS CRIANÇA CRESCER MAIS QUERER IMPLANTE COCLEAR OBEDECER ESCOLHER POSS(dele)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Às vezes, às vezes ela, a família, quer, mas o surdo é alheio ao implante coclear, coloca sem saber e depois quando cresce reclama, não gosta, não aceita, quer retirar o implante coclear e reclama, e a família se sente como enganada, pagou caro no implante. Penso que é melhor, primeiro, esperar a criança crescer, se quiser implante respeitar a escolha dela.

- (42) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(você) VER PROBLEMA BRASIL POR ISSO PROBLEMAS EDUCAÇÃO BILÍNGUE TAMBÉM MANIFESTAÇÃO MUITOS CARROS POR ISSO SURDOS ENCONTRA IX(lá)

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, você tem acompanhado os problemas no Brasil? As discussões sobre os problemas da educação bilíngue, as manifestações, carreatas, por isso os surdos têm se encontrado lá.

Sinalizante 2 (Libras): SIM+ & (face afirmação) TAMBÉM SURDOS QUERER IX(els) MANIFESTAR DIREITO ESCOLA BILÍNGUE IX(els) SURDOS PROTESTAR ISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, sim, eles também querem o direito à escola bilíngue, os surdos têm protestado sobre isso.

Sinalizante 1 (Libras): MAS EXPERIMENTAR MUITO PROBLEMA SURDO TAMBÉM OUVINTE INCLUSÃO PROBLEMA BILÍNGUE FALTAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Mas** temos experimentado muitos problemas! Há a inclusão entre surdos e ouvintes, mas o problema é que falta o ensino bilíngue.

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE INCLUSÃO SURDO RUIM VERDADE MELHOR EDUCAÇÃO BILÍNGUE POSS(me) OPINIÃO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, a inclusão para o surdo é ruim, melhor seria educação bilíngue, minha opinião.

- (43) Sinalizante 1 (Libras): IX(si) AINDA DESEMPREGADO FALTA TRABALHO MAS IX(si) ACHAR PRECISAR ESTUDAR IMPORTANTE

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu ainda estou desempregado, falta trabalho, mas eu acho que é importante estudar, preciso estudar.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO SIM IMPORTANTE

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então**, sim, é importante.

- (44) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(você) ESTUDAR PÓS GRADUAÇÃO COMO & (face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, você estuda pós-graduação, como tem sido?

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE &(face-medo) IX (si) MATRÍCULA ESTUDAR ALEGRE &(face-feliz) COMEÇAR CONTEÚDO NÃO-SABER COMO &(face-interrogação) DÚVIDA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, foi assustador! Eu iniciei a matrícula alegre, mas quando começaram os conteúdos fiquei sem saber como, tive muitas dúvidas.

Sinalizante 1 (Libras): JÁ TERMINAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Já terminou?

Sinalizante 2 (Libras): CALMA IX(si) ESTUDAR COMEÇAR ALEGRE+ &(face-feliz-euforia) MAS ENTREVISTA IX(si) ASSUSTAR NÃO-SABER &(face-negação) COMO FAZER PROJETO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Calma, comecei meus estudos contente, contente, mas na entrevista eu assustei muito, não sabia como fazer o projeto.

- (45) Sinalizante 1 (Libras): PRECISAR CONSTRUIR MAIS SEMÁFORO TAMBÉM METRÔ RÁPIDO MELHOR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Precisam construir mais semáforos, metrô também, são mais rápidos e melhores.

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE RÁPIDO CERTO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, rápido, certo, certo.

Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO METRÔ PRECISA GOVERNO CONSTRUIR

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, governo precisa construir metrô.

Sinalizante 2 (Libras): DEMORAR ANOS RESOLVER POR ISSO TRÂNSITO BAGUNÇA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Demora anos para resolver, por isso o trânsito está uma bagunça.

- (46) Sinalizante 1 (Libras): VEM VAMOS JUNTOS VIAGEM GOIÁS QUANDO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Vem cá, quando vamos conseguir viajar juntas para Goiás?

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO DESCULPAR TRISTE &(face-tristeza) JÁ COMBINAR GRUPO FAMÍLIA JUNTO VIAJAR CARNAVAL

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então**, desculpe, estou triste, já havia combinado com grupo da minha família que iria viajar no carnaval junto com eles.

- (47) Sinalizante 1 (Libras): OLHAR COMO MANIFESTAÇÃO PRESIDENTE FORA NOVO COLOCAR FS (temer) É &(face-interrogação) MAS PERÍODO POUCO TEMPO COMO &(face-interrogação) JÁ MANIFESTAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Viu, como está tendo manifestação houve troca de presidente, colocaram Temer, não é? Mas ele está há pouco tempo, como já há manifestações?

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO POR ISSO SIM MANIFESTAR PROBLEMA ECONOMIA VALOR BOLSA CAIR CRISE NÃO-CONSEGUIR TRABALHO DESEMPREGO MUITO NÃO-CONSEGUIR COMIDA XXX LIVRE DEIXAR POLÍTICA &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então**, por isso que sim, devemos manifestar. Há problemas na economia, o valor da bolsa caiu, estamos em crise, trabalho está difícil encontrar, muito desemprego, as pessoas não conseguem comida XXX como deixar a política livre?

- (48) Sinalizante 1 (Libras): ALGUNS SOLTEIRO OUTRO GRUPO CASADO OUTRO NAMORADO CADA UM DIFERENTE IX(si) PENSO MELHOR IX(nós-grupo) COMBINAR BOM

Sinalizante 1 (Tradução LP): Alguns são solteiros, outro grupo são casados, outros namorando, cada um é diferente, eu penso que é melhor assim, com um grupo que combine fica bom.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO+ TAMBÉM IGUAL VAMOS &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então, então**, também penso assim, vamos?

Sinalizante 1 (Libras): ACEITAR &(face-afirmação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Aceito sim.

Sinalizante 2 (Libras): CERTO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Certo!

- (49) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(si) VER+ COMPARAÇÃO DIFERENTE EXEMPLO SURDO TECNOLOGIAS PASSADO NÃO-TER IMPEDIR EXEMPLO WHATSAPP PASSADO NÃO-TER WEBCAN NÃO-TER DIFÍCIL COMUNICAÇÃO AGORA NOVO+ COMUNICAÇÃO FÁCIL CAPAZ+ IX(ele) IMPLANTE COCLEAR DIFERENTE IX(ele) IMPLANTE COCLEAR PASSADO NORMAL TALVEZ PESSOAS QUERER VONTADE POSS(dela) IMPLANTE COCLEAR FALAR CRESCER E APRENDER FALAR POSITIVO MELHOR

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, eu tenho visto e comparado as diferenças, por exemplo, o surdo antes não tinha acesso a tecnologias, era impedido, por exemplo, no passado não tinha WhatsApp, não tinha Webcam, era difícil a comunicação. Agora tem muita novidade na comunicação, está mais fácil, se torna possível. O implante coclear é diferente, ele quer o implante coclear, antes era normal, talvez, as pessoas queiram, tenham vontade de colocar implante coclear, desenvolver a falar, aprender a falar é bom, é melhor.

Sinalizante 2 (Libras): SIM &(face-afirmação) IX(você) CONCORDAR MAS IX(si) VER POSS (si) ALUNO UM IX(ele) TER IMPLANTE COCLEAR LIBRAS NÃO FALAR NÃO &(face-negação) NÃO-CONSEGUIR OUVIR NADA LIBRAS NÃO-CONSEGUIR IX(ele) FALAR NÃO-CONSEGUIR IX(ele) PRIMEIRO TENTAR FALAR NÃO-CONSEGUIR DEPOIS TENTAR LIBRAS AINDA NÃO &(face-negação) IX(si) EXPERIMENTAR LIBRAS CONSEGUIR DESENVOLVER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, eu concordo com você, mas eu tive um aluno que tinha implante coclear, não sabia Libras, não sabia falar, não conseguia ouvir nada, não conseguia se comunicar em Libras. Ele não conseguia com a fala, primeiro eu tentei com a fala e ele não conseguiu se desenvolver, depois tentei com a Libras, ainda não conseguiu, fui experimentando introduzir , Libras e conseguimos que se desenvolvesse.

- (50) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(você) COMO SENTIR TRÂNSITO IX(aquí) COISAS ERRADO O QUE &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, como você percebe o trânsito, o que tem de errado?

Sinalizante 2 (Libras): POR ISSO RUIM ÔNIBUS MUITO CARRO CONGESTIONAMENTO PACIÊNCIA ESPERAR PARECE AMOLAÇÃO ESPERAR DEMORA ISSO PERCEBO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Ruim, ônibus, muitos carros, por isso há congestionamento, precisa ter paciência, esperar parece uma amolação, ter que esperar demora muito, isso que percebo.

- (51) Sinalizante 2 (Libras): DIFÍCIL &(face-tristeza) ENSINAR DIFERENTE TROCAR PERGUNTAR IX(ele) PERGUNTAR IX(si) PROVOCAR IX(ele) PROVOCAR IX(si) INTERAÇÃO ENSINAR APRENDER EXPERIÊNCIA ESTRATÉGIA ADAPTAÇÃO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Difícil, o ensino é diferente, a troca de conhecimento nos provoca. Há uma interação entre ensinar e aprender, com novas estratégias de adaptação.

Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO BOM CONCORDAR IX(você) IMPORTANTE IDENTIDADE SURDO APRENDER

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Então**, bem, eu concordo com você! É importante para a identidade do surdo esse aprendizado.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO+

Sinalizante 2 (Tradução LP): **Então, então.**

As figuras abaixo representam a captura da tela por imagem no ato da sinalização dos MDs “então” e “mas”, o primeiro marcador, figura 18, foi sinalizado por um dos interactantes do excerto (43), e representa uma amostra das demais frequências deste MD. A figura 19 representa a captura da sinalização do MD “mas”, retirada do excerto (42).

Figura 18: sinal de “ENTÃO” (então)



Fonte: Fonte: Quadros *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Figura 19: sinal de “MAS” (mas)



Fonte: Fonte: Quadros *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Nos excertos acima, destacamos ocorrer uma mescla de funções no uso do MD “então”, o qual pode ocorrer tanto dentro da função ideacional como na interacional. Nesse sentido, ele pode, simultaneamente, atuar na estruturação e na articulação das partes do texto, como na construção e manutenção da interação, podendo, ainda, exercer função resumidora, dando continuidade ao conteúdo exposto em turnos anteriores.

Observamos que a frequência dessa partícula nos dados coletados foi relativamente alta, quando comparada aos demais marcadores ideacionais e interacionais, estando presente entre os excertos (37) a (51), totalizando 14 exemplos do uso deste item linguístico.

Risso (1995, p. 220) compreende que:

o valor textual básico desse M., assim genericamente registrado, é determinado pela frequência com que é desencadeado no plano da tessitura tópica, onde aparece promovendo um nexos coesivo responsável por encadeamentos intertópicos, encaminhamentos intratópicos, retornos a tópicos ou partes de tópicos anteriores e estabelecimentos de fechos. Ressalta-se, no nexos coesivo, por ele firmado, um valor lógico semântico constante, derivado da condição de item anafórico da fonte, que é o de permitir ao discurso avançar, sempre escorado em informações previamente dadas e na mesma direção de argumentação antes delineada. Instaura-se no discurso, a partir de **então**, um nítido efeito de linearidade ou de previsibilidade argumentativa”.

Em relação a essa partícula, Fraser (1994) salienta que esse MD possui um significado nuclear em cada contexto específico; contudo, esse significado não envolve a noção, necessariamente, de resultado ou conclusão. Sua função predominante, nos casos acima, não é de natureza conclusiva, mas de natureza interacional. O marcador em questão funciona no plano ideacional, na estruturação e na sequência da narrativa, mas tem maior caráter interacional, uma vez que se apresenta em posição inicial do turno como uma forma de introdução ao que será exposto em seguida, ou seja, não é conclusão de algo que ele próprio emitiu, é um prefaciador do tópico a ser desenvolvido.

Em todos os excertos apresentados, este MD aparece como marcador inicial de turno, pretendendo marcar continuidade ao tópico abordado como nos casos dos excertos detalhados a seguir, estabelecendo concordância com:

(37) a questão de os professores não saberem Libras;

(39) a questão da dificuldade em se comunicar que os surdos possuem por utilizarem uma língua de utilização minoritária;

(40) o fato de que os surdos sofrem pela falta de comunicação entre as famílias (neste caso há, ainda, uma ação contrastante, acionada pelo MD “mas” que será discutida mais adiante);

(43) a importância de estudar;

(45) a necessidade da construção de um metrô na cidade;

- (47) a manifestação popular e os problemas políticos no país;
- (48) a questão de organizarem saídas em grupos específicos;
- (51) a questão da importância do ensino e aprendizagem para a identidade.

Ou ainda como nos casos descritos abaixo, em que o elemento linguístico analisado inicia os turnos, marcando a entrada de um novo tópico e provocando novos assuntos como:

- (38) explanação acerca da associação de surdos;
- (41) a influência que os surdos têm sofrido para fazer o implante coclear;
- (42) indagação acerca do acompanhamento dos problemas e discussões no país;
- (44) inicia com uma pergunta sobre os estudos de pós-graduação;
- (49) inicia o tema acerca das tecnologias na vida dos surdos.

Nos casos dos excertos (44), (46) e (50) há uma variação na ocorrência, e o marcador “*então*” adquire funções um pouco diferentes das explanadas acima. No exemplo (46), o sinalizante 2 inicia a resposta à pergunta feita pelo sinalizante 1 acerca de quando poderiam viajar para Goiás. Como a resposta está envolta em uma negativa ao convite, há a impressão de que o uso do marcador possui o efeito de abrandar a resposta, ganhando tempo para a explanação necessária, bem como indicando o motivo da recusa à indagação/convite. Já nos excertos (44) e (50) há a utilização deste marcador por meio da inicialização a um novo tópico em forma de pergunta: no primeiro caso, a pergunta acerca dos estudos e, no segundo, o questionamento acerca de como percebe as questões relacionadas ao trânsito.

- (52) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) SEMPRE IGUAL NOME IX(letreiro)
 ÔNIBUS &(face-interrogação)
 Sinalizante 1 (Tradução LP): Você sempre pega o mesmo ônibus?
 Sinalizante 2 (Libras): SIM SEMPRE IGUAL
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, sempre o mesmo!
 Sinalizante 1 (Libras): MAS ÔNIBUS DENTRO APERTADO IX(você)
 ACONTECER IX(você) CANSAR DV(ônibus-em-pé) DEMORA
 IX(você) CANSAR &(face-interrogação)
 Sinalizante 1 (Tradução LP): **Mas**, e quando acontece de você ficar
 muito apertado e em pé no ônibus, você cansa? Quando demora, você
 cansa?
 Sinalizante 2 (Libras): SIM MUITO
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, muito.

Já com relação ao MD “*mas*”, nos dois casos apontados, no excerto acima e no excerto (52), o marcador está alocado como inicializador dos turnos, cumprindo seu papel como marca adversativa, de forma a contribuir com uma negação de expectativas. Dascal e Katriel (1977) e Katriel e Dascal (1984) descrevem a função nestes casos como o de cancelar algum nível de significado no enunciado anterior.

No excerto (42) isso ocorre quando o sinalizador 2 se refere à luta dos surdos pelo direito à educação bilíngue, sobre os protestos, e o sinalizador 1 inquirir: “mas temos experimentado muitos problemas”. Também no excerto (52), a ideia de o percurso ser sempre igual, sempre o mesmo, é usada a forma adversativa ao questionar de como seria: “quando acontece de ficar mais apertado...”.

Constatamos que, das análises que discutimos acima, o papel exercido pelo MD “*então*” no exemplo abaixo, difere sua função. Verificamos, como apresentado no excerto (53), que este preserva semanticamente sua natureza conclusiva:

(53) Sinalizante 1 (Libras): EU CONSEGUIR PEGAR TELEFONE
TECNOLOGIA COMPRAR [?] DIVERSAS LER INFORMAÇÃO
QUE (face-interrogação) TECNOLOGIA MENSAGEM ENVIAR
RECEBER TAMBÉM ENVIAR RECEBER VÍDEO TEM DENTRO
EXEMPLO FACEBOOK DOIS TAMBÉM WHATSAPP TRÊS
FS(viber) TAMBÉM ENTÃO DIVERSO DENTRO TER POSITIVO
ENVIAR RECEBER VÍDEO TER SURD@ LIBRAS ENTENDER
LÍNGUA DOIS CERTO LÍNGUA UM LIBRAS LÍNGUA DOIS
PORTUGUÊS

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu consigo com o telefone e outras tecnologias diversas ter acesso à informação, que tipo? A tecnologia ajuda a enviar e receber mensagens, também enviar e receber vídeos, opções que têm dentro dos aplicativos, por exemplo, no Facebook, também no Whatsapp e no Viber também. **Então**, uma diversificação que existe nesses aplicativos, disponibilizando enviar e receber vídeos para o surdo facilita o entendimento da segunda língua, certo? A primeira língua é a Libras e a segunda a língua portuguesa

Sinalizante 2 (Libras): WEBCAM CERTO POR ISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Webcam certo, por isso.

A função predominante do MD “*então*”, no excerto acima, é a indicação de que a mensagem posterior decorre do contexto anterior, ou seja, uma consequência, uma conclusão lógica acerca do que foi exposto. Trata-se de um marcador meta-comunicativo, uma vez que se volta para a explicação ao interlocutor, no esforço de deixar clara a posição defendida pelo locutor.

O que temos identificado nas análises é que a objetivação na inserção de um elemento linguístico utilizado para marcar algo no discurso representado, possui uma

variação e movimentação muito vasta, tendo em vista que dentre as funções principais destes elementos, os que são utilizados para associar e ligar as sentenças.

Marcuschi (2003) utilizando os estudos do linguista alemão Rath (1979) pondera que apesar de fazerem parte do mesmo sistema linguístico na construção das sentenças, fala e escrita se diferenciam em sua efetivação, sendo conduzidas por utilizações específicas, de produtos linguísticos diferenciados.

Neste sentido é que indicamos que, assim como no caso apresentado acima, a utilização de um mesmo item lexical pode ter uma variação em sua conduta discursiva, à medida que o interactante infere ou não a necessidade da utilização de determinados itens linguísticos, sempre com vistas a controlar a mensagem enviada durante a conversação.

5.2.3 Marcador organizador de tópico “*depois*”

Os marcadores ideacionais desempenham funções relacionadas ao texto exposto durante a conversação. Sendo assim, introduzimos o MD “*depois*” indicado por diferentes autores como um marcador que tem por predominância organizar o tópico explanado. Nos exemplos a seguir, indicaremos as análises que comprovam sua ocorrência.

- (54) Sinalizante 1 (Libras): DEPOIS COMBINAR IR ASSOCIAÇÃO DV(portão-fechado) XXX IR ASSITIR TELEVISÃO IR CASA EMBORA DEPOIS PENSAR VONTADE BOBO IR+ BOBO EXEMPLO IR+ VONTADE IR DEIXAR SENTIR PRÓPRIO POSS (si) SENTIR

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Depois** combinávamos de ir na associação e encontrávamos os portões fechados. Íamos para XXX e assistíamos televisão, **depois** íamos embora para casa, **depois** eu pensei, tenho desejo de ficar indo e estou sendo bobo, por exemplo, eu fui várias vezes e fui perdendo a vontade. Esse é meu sentimento.

Sinalizante 2 (Libras): IX(si) VERDADE DV(portão-fechado)+ IX(si) DV(portão-fechado)+ IX(si) TRISTE

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, eu ia e estava fechado, fechado... eu encontrava o portão fechado e eu me sentia triste.

- (55) Sinalizante 1 (Libras): VERDADE AUMENTAR DESEMPREGO PRECISAR TRABALHAR NÃO-CONSEGUIR PRECISAR MAS NÃO-CONSEGUIR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Verdade, aumentou o desemprego, as pessoas precisam trabalhar e não conseguem, precisam, mas não conseguem.

Sinalizante 2 (Libras): POR ISSO ENTÃO PRECISAR ESCOLHER CERTO NÃO QUALQUER ESCOLHER QUALQUER JEITO ELEIÇÃO ESCOLHER CERTO DEPOIS OBSERVAR CAMINHO PERGUNTAR IX(você) JÁ IR BRASÍLIA &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Por isso, então, precisamos escolher certo, não uma escolha de qualquer jeito nas eleições, precisamos escolher certo, **depois** observar a trajetória. Eu te pergunto, você já foi a Brasília?

- (56) Sinalizante 1 (Libras): VER C-O-P-A &(face interrogação) ESTÁDIO GOVERNO INVESTIR &(face intensidade) CONSEGUIR FUTEBOL BRASIL MAS PESSOAS ANTES RECLAMAR BRAVA &(face irritada) DEPOIS FELIZ &(face animação) BRASIL PORQUE &(face interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Viu a copa? o governo conseguiu investir bastante em estádios de futebol, mas as pessoas antes estavam reclamando irritadas, **depois** estavam felizes por quê?

Sinalizante 2 (Libras): ESPERAR MINHA OPINIÃO ANTES BRASIL ACREDITAR TODOS CONQUISTAR ORGULHO BRASIL NÃO DEPOIS COMEÇAR ACONTECER COMEÇAR BRASIL DISPUTAR OUTRO PAÍS TODOS PAGAR+ BOBAGEM PAGAR PORQUE BRASIL IMPORTANTE IMPORTANTE BRASIL &(face interrogação) &(face negação) IMPORTANTE SOCIAL UM ESCOLA DOIS MÉDICO TRÊS POBRE ENTÃO &(face interrogação) FALTAR ENTÃO IX(social) &(face interrogação) DESPREZAR IX(social) IMPORTANTE BRASIL FAZER &(face interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Espere! Na minha opinião, antes o brasileiro acreditava e tinha orgulho das conquistas do Brasil, depois não, começou acontecer algo, o Brasil começou as disputas dos jogos com os outros países todos foram pagaram, pagaram para assistir os jogos, mas isso viram que é bobagem porque o que para o Brasil é importante, o que importa para o Brasil? Não isso não importa, importante é o social, escolas, médicos, os pobres. Então, falta olhar o social, desprezam o social, o que é importante o Brasil fazer?

- (57) Sinalizante 1 (Libras): LEGAL+ IX(você) ESTUDAR UNIVERSIDADE CERTO &(face-interrogação) COMO IX(você) ENTRAR UNIVERSIDADE SENTIR &(face-interrogação) DIFERENTE SEU PASSADO TRAJETÓRIA AGORA ENTRA FACULDADE COMO SENTIR&(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Legal, e você estuda na universidade, certo? E como foi quando você entrou para universidade? Como você se sentiu? Sua trajetória, e agora entrou na universidade, como se sente?

Sinalizante 2 (Libras): SIM+ DIFERENTE PORQUE SOCIEDADE SOCIAL ESTUDAR SOCIAL ADQUIRIR NORMAL IX(aqui) FACULDADE DIFERENTE &(face-espanto) PARECE INVESTIGAÇÃO PRÓPRIA LIBRAS IX(mãos) COMO IX(si) EXPLICAR &(face-dúvida) PORQUE LINGUÍSTICA LIBRAS COMO PRIMEIRO LINGUÍSTICA LIBRAS SEGUNDO PROFUNDO SINTAXE LIBRAS OUTROS VÁRIOS TEMAS VÁRIOS DIFERENTE+ IX(si) PENSAR FÁCIL MAS NÃO &(face-negação) PASSADO IX(si) ACHAR IX(ela) FÁCIL MAS DESCULPA FÁCIL NÃO &(face-negação) IX(si) SENTIR DIFERENTE SENTIR BEM NÃO &(face-negação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, sim, diferente porque os estudos, em geral, a forma de adquirir é normal. Aqui na faculdade é diferente! Parece uma investigação profunda da língua sinalizada, como eu vou explicar... porque a linguística da Libras, primeiramente, estuda a linguística geral, **depois** e vai aprofundando com a sintaxe da Libras e outras variedades de temáticas diversificadas sobre a língua. E eu pensei que fosse fácil, mas não é! Antes eu achei que fosse fácil, mas desculpa, não é fácil, não! Eu me senti diferente, não me senti bem não.

- (58) Sinalizante 1 (Libras): SALA PROFESSOR ESCREVER DV(escrever-lousa) SURDO OUVINTE INCLUSÃO INTERAÇÃO AJUDAR

PRIMEIRO ESTUDAR PORTUGUÊS ESCRIVER DEPOIS TROCAR
EU ACHO NÃO PRECONCEITO NADA SURDO INTERAÇÃO
UNIÃO TROCA INTÉRPRETE JUNTO IX(aqui) UNIÃO
INTERAÇÃO

Sinalizante 1 (Tradução LP): Na sala, o professor escreve na lousa e acontece uma interação entre surdos e ouvintes, acontece a inclusão, uma interação que ajuda primeiramente a estudar o português, **depois** uma troca. Eu acho que não há preconceito com o surdo, há uma interação, uma união, uma troca, juntamente com o intérprete. Ocorre uma união e a interação.

Sinalizante 2 (Libras): IX(si) GOSTAR MAIS OUVINTE INCLUSÃO SURDO MAS PASSADO DÍFICIL ENTENDER OUVINTE PORTUGUÊS ANTES PALAVRA PORTUGUÊS NÃO-ENTENDER &(face-negação) AGORA INCLUSÃO ADAPTAÇÃO MAIS CLARO SURDO ENTENDER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Eu gosto mais da inclusão surdos e ouvintes, mas antes era mais difícil entender os ouvintes e o português, as palavras do português não entendíamos, agora, com a inclusão e as adaptações ficou mais claro para o surdo entender.

A figura 20 representa a execução do sinal “depois” indicado no excerto (56), assim como nos demais casos de frequências repetidas, elencamos apenas uma figura representativa para este MD. Esta figura está apresentada da mesma forma que a figura 17, em três capturas de imagem, isso por motivos semelhantes ao apresentado naquela figura, a diferença é que o parâmetro que sofre alteração neste exemplo é a orientação e não a configuração de mão.

Figura 20: Sinal de “DEPOIS” (depois)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

O marcador de função coesiva “*depois*”, assim como ocorre nas línguas orais auditivas, auxilia a estruturar e a desenvolver a narração. “Esses marcadores, normalmente contribuem para a estruturação das unidades componentes do diálogo” (BURGO; ARAÚJO, 2018, p. 126). Trata-se, portanto, de indicadores de sucessão temporal entre o discurso anterior e o próximo, como forma de sequenciar os eventos narrados.

Nos excertos (54) ao (58), podemos identificar a ocorrência da utilização deste marcador. Sequenciando a explanação vivenciada, como é o caso do excerto (54), onde o sinalizante 1 indica a ordenação dos fatos ocorridos assim apresentados: “depois combinávamos”, “depois íamos embora”, “depois eu pensei”. Já no excerto (55), a utilização deste item é inferida para marcar que, primeiro, deveria se fazer a escolha certa nas eleições e “depois observar a trajetória”. Seguindo na mesma linha, apontamos o excerto (56), onde a sinalizante 1 inquirir porque primeiro as pessoas estariam expressando sentimentos de irritabilidade e depois passam a se expressar de maneira feliz a respeito da Copa do mundo. Nos excertos (57) e (58), a explanação ocorre de forma mais evidente ainda, pois, por meio da utilização do advérbio “primeiramente”, os sinalizantes sequenciam o que seria explanado.

Neste caso, poderíamos estender a discussão, também, ao uso dos modalizadores como recursos linguísticos. Neles, segundo Castilho e Castilho (2002), está sempre imbricada uma avaliação prévia feita pelo falante sobre o conteúdo em que ele vai veicular, ou seja, cabe a ele (falante) decidir se vai negar, afirmar, interrogar, ordenar, permitir, expressar, se cabe, naquela expressão linguística exposta, expressar a certeza ou a dúvida. Por essas razões, os autores optam por tratar ambas como sinônimos para elucidar e discutir os advérbios modalizadores.

Conforme Nascimento (2010, p. 32),

considerar a modalização como fenômeno argumentativo é também reconhecer que a avaliação, ou ponto de vista, expressa pela modalização ocorre sempre em função da interlocução ou do interlocutor. Isso significa que, ao realizar uma avaliação, o locutor o faz em função do outro, deixando pistas do que deseja ou de como quer que seu discurso seja lido.

Uma das formas de manifestação das expressões linguísticas por meio da modalização são os advérbios. De acordo com Castilho e Castilho (2002), podem ter, em alguns casos, sentido de ênfase do conteúdo proposicional e, em outros, de atenuação do conteúdo.

O advérbio “primeiramente”, então, também esboça as reações dos falantes frente às informações por eles apresentadas durante a interação conversacional. Apresentam, assim, a função de atenuar ou asseverar o enunciado da sentença; contudo, preferimos não o indicar como uma localização assertiva nos excertos apresentados (48 e 49) pelos motivos já apontados nesta pesquisa.

Dentre estes motivos está o fato de termos desenvolvido o estudo do corpus embasado no processo de tradução de uma língua de modalidade visual-espacial para uma língua oral, portanto, há em alguns casos, o receio que este item lexical apresentado, do advérbio, não se refira exatamente pela ênfase dada durante a sinalização. Tanto no caso do excerto (57), quando o sinalizante 2 enfatiza que na linguística da Libras, primeiro, se estuda a linguística geral, para, depois, se aprofundar em outros aspectos ligados à língua, quanto no caso do excerto (58), em que o sinalizante 1 indica, de forma bem enfática na sinalização, que a interação entre surdos e ouvintes ajuda primeiro no conhecimento do português.

Ocorre que na Libras não há um sinal específico para advérbios; aliás, como já observado aqui, não há uma referência exata de um sinal para cada palavra em língua portuguesa, em cada classe gramatical. Ou seja, um mesmo sinal pode representar diferentes sentidos: de verbo, de substantivo, de adjetivo ou de advérbio, a depender do contexto em que o sinal está sendo inserido e, ainda, a depender das expressões desempenhadas no momento da produção do sinal. No caso dos exemplos aqui apontados, houve a produção do sinal “PRIMEIRO” e, no processo de tradução, levando em conta o que foi explanado, optamos pelo léxico “primeiramente”.

Pelas razões apresentadas acima é que optamos em não marcar o uso deste advérbio como marcador nas sentenças indicadas nos respectivos excertos. Isso posto, evidenciamos a necessidade de maior contribuição dos estudos linguísticos para o estudo destas línguas, compreendidas por algumas áreas da linguística como emergentes.

O que observamos nos excertos apresentados neste subgrupo é que há uma intencionalidade na organização sequencial do que está sendo sinalizado. Neste sentido, coadunamos com o que Castilho (2016, p. 51) afirma acerca das funções desempenhadas pelos marcadores orientados para a organização do texto, dentre elas as que “funcionam como conectivos textuais, que associam as Unidades Discursivas”, podendo cumprir, em alguns casos, o papel de ligar também algumas sentenças.

5.2.4 Marcador discursivo de exemplificação “*por exemplo*”

Identificamos na análise o uso do MD “por exemplo” expressando, nos casos abaixo relacionados, indicativos de uma ênfase na explanação durante a sinalização de um tópico, em alguns casos, reformulando o enunciado, acrescentando informações ou explicações com intenções de um melhor entendimento ao sinalizante receptor.

- (59) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) COMO FORA COMUNICAR IX(lá) QUALQUER LUGAR FAMÍLIA IX(lá) OK MAS FORA COMO IX(você) COMUNICAR &(face-interrogação) EXEMPLO FARMÁCIA HOSPITAL QUALQUER COMO COMUNICAR IX (eles) OUVINTE COMUNICAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Como você se comunica com as pessoas fora de casa, em qualquer lugar, na família ok, mas e fora de casa, como você se comunica? **Por exemplo**, na farmácia, no hospital, em qualquer lugar, como se comunica com as pessoas ouvintes, como é a comunicação?

Sinalizante 2 (Libras): IX(si) PASSADO PENSAR COMUNICAR CONSEGUIR SOZINHO COMO &(face-interrogação) PAI SAIR IX (si) APROVEITAR PERTO CASA ESCREVER TROCAR ESCREVER IX(ele) MOSTRAR IX(si) EXEMPLO HOSPITAL PESSOA IX(ele) NÃO-SABER LIBRAS DIFÍCIL MAS CONSEGUIR COMUNICAR ASSIM

Sinalizante 2 (Tradução LP): Eu antes pensava, como ia me comunicar sozinho? O pai saía, eu aproveitava e saía perto de casa, e escrevia para as pessoas, eu escrevia para elas, elas escreviam para mim. **Por exemplo**, no hospital a pessoa não sabia Libras, era difícil, mas eu consegui me comunicar assim.

- (60) Sinalizante 1 (Libras): IX(você) ESTUDAR FACULDADE &(face-interrogação) IX(você)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você faz faculdade? Você?

Sinalizante 2 (Libras): FACULDADE SIM &(face-afirmação) ADMINISTRAÇÃO É CURSO ADMINISTRAÇÃO IX(lá) CURSO MAS SONHAR CURSO PSICOLOGIA MAS GUARDAR SONHO PRECISO PROCURAR CURSO TOMARA CONSEGUIR

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, faço faculdade de administração. Faço curso de administração lá, mas sonho em cursar psicologia, mas estou guardando esse sonho, preciso procurar um curso, tomara que consiga.

Sinalizante 1 (Libras): IX(você) JÁ ACOSTUMAR CURSO ADMINISTRAÇÃO &(face-interrogação) COMO SENTIR IX(lá) &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Você já acostumou com o curso de administração? Como você se sente lá?

Sinalizante 2 (Libras): É EXEMPLO EU QUERO SÓ CURSO ESTUDAR ADMINISTRAÇÃO 4 ANOS PROCURAR OUTRA VAGA TRABALHO MELHOR SALÁRIO MAS VONTADE CURSO PSICOLOGIA TOMARA

Sinalizante 2 (Tradução LP): É, **por exemplo**, eu estou cursando o curso de administração que dura 4 anos para conseguir outra vaga de emprego com salário melhor, mas tenho muita vontade de cursar psicologia, tomara.

- (61) Sinalizante 2 (Libras): ADAPTAÇÃO OUVINTE SURDO EXPRESSÃO ADAPTAÇÃO COMPREENDER CLARO SURDO

Sinalizante 2 (Tradução LP): As adaptações entre ouvintes e surdos, as expressões ajudam na clareza e compreensão para o surdo.

Sinalizante 1 (Libras): SIM+ (face-afirmação) PORQUE FALAR IMPORTANTE SURDO EXEMPLO INTÉRPRETE NÃO-TER &(face-negação) OUVINTE APROVEITAR AJUDAR INTERAÇÃO PERTO SURDO AJUDAR IX(ele) ESCREVER COMUNICAR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Sim, sim, porque a fala é importante para o surdo. **Por exemplo**, não tem intérprete e o ouvinte pode aproveitar e ajudar o surdo, essa interação e aproximação ajudam ele a escrever e se comunicar.

(62) Sinalizante 1 (Libras): EU CONSEGUIR PEGAR TELEFONE TECNOLOGIA COMPRAR [?] DIVERSAS LER INFORMAÇÃO QUE (face-interrogação) TECNOLOGIA MENSAGEM ENVIAR RECEBER TAMBÉM ENVIAR RECEBER VÍDEO TEM DENTRO EXEMPLO FACEBOOK DOIS TAMBÉM WHATSAPP TRÊS FS(viber) TAMBÉM ENTÃO DIVERSO DENTRO TER POSITIVO ENVIAR RECEBER VÍDEO TER SURD@ LIBRAS ENTENDER LÍNGUA DOIS CERTO LÍNGUA UM LIBRAS LÍNGUA DOIS PORTUGUÊS

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu consigo com o telefone e outras tecnologias diversas ter acesso à informação, que tipo? A tecnologia ajuda a enviar e receber mensagens, também enviar e receber vídeos, opções que têm dentro dos aplicativos, **por exemplo**, no Facebook, também no Whatsapp e no Viber também. Então, uma diversificação que existe nesses aplicativos, disponibilizando enviar e receber vídeos para o surdo facilita o entendimento da segunda língua certo? A primeira língua é a Libras e a segunda a língua portuguesa

Sinalizante 2 (Libras): WEBCAM CERTO POR ISSO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Webcam certo, por isso.

A figura 21 representa a execução do sinal de “exemplo” contida no excerto de número (59) e refere-se a uma amostra para o referido marcador evidenciado nos exemplos acima.

Figura 21: Sinal de “EXEMPLO” (por exemplo)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Esse marcador possui função ideacional porque tem como caráter principal a busca pela organização ou melhor explanação textual, com vistas explicar o que foi dito e argumentado. Estes MDs também possuem dimensões pragmáticas e desenvolvem o texto enunciado, o interactante tem a possibilidade de ajustar e redefinir seu enunciado. Esse tipo de marcador opera buscando ilustrar e exemplificar algo, e executam os papéis de enfatizar e introduzir exemplos no enunciado, tornando a discussão do tópico mais clara quando necessário (BATISTA, 2014).

Identificamos que no excerto (59) tanto o sinalizante 1 quanto o sinalizante 2 fazem uso deste marcador para explicar melhor o que se pretendia saber no caso do sinalizante 1 que inquiriu sobre como o sinalizante 2 se comunicava com as pessoas que não dominam a Libras, a utilização de “por exemplo” neste caso é inserida para ilustrar situações, complementando a pergunta feita, sugerindo exemplos de situações em que a comunicação poderia ser complicada sem o uso da Libras. Complementando essa ideia o sinalizante 2 utiliza este mesmo marcador para exemplificar uma situação real ocorrida no hospital, ao responder a indagação feita.

No excerto seguinte (60), há a ocorrência do uso deste MD que também está evidenciado em resposta a uma pergunta, opera com a função de explicar o motivo pelo qual está cursando administração, neste caso o marcador inicia a explanação de uma resposta.

Semelhante a segunda ocorrência do excerto (59) (quando o sinalizante 2 utiliza este MD), no excerto (61) há a exemplificação, porém desta vez hipotética, de uma situação que poderia ocorrer e que a interação entre surdos e ouvintes poderia ser utilizada em uma situação futura onde supostamente não haveria um intérprete para intermediar a comunicação e um ouvinte poderia ajudar o surdo.

No caso do excerto (62) o sinalizante 1 utiliza em resposta a uma auto pergunta que o mesmo faz durante a explanação do tópico, tem caráter ilustrativo e explicativo, buscando a compreensão textual do que propõe na interação acerca do uso de tecnologias como facilitadora na interação entre os surdos. Exemplificando assim quais tipos de aplicativos podem ser usados para o envio de vídeo e o acesso a informação.

Identificamos então o uso de mais um grupo de marcadores ideacionais, estes também identificados como unificadores das partes do discurso, indicando por meio das exemplificações a inserção de novos argumentos ou, ainda, reforçando o que foi explanado anteriormente.

5.2.5 Marcadores de caráter argumentativo “mas” e “agora”

Nos sete excertos abaixo, (63) a (70), temos o demonstrativo de marcadores modalizadores de tópico “sim, mas” e “certo, mas”. Nestes casos, a conjunção “mas” opera com função coesiva do discurso durante a conversação. Vejamos os exemplos:

- (63) Sinalizante 2 (Libras): IX(você) APRENDER TUDO CONSEGUIR
&(face-interrogação)
Sinalizante 2 (Tradução LP): Você consegue aprender tudo?

Sinalizante 1 (Libras): SIM &(face-afirmação) MAS ÀS VEZES FALHA INTERAÇÃO TROCA

Sinalizante 1 (Tradução LP): **Sim, mas** às vezes acontecem falhas nessa interação, nessa troca.

Sinalizante 2 (Libras): IX(você) CONSEGUIR COMUNICAR OUVINTE FALAR &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Consegue se comunicar com ouvinte por meio da fala?

Sinalizante 1 (Libras): COMUNICAR NÃO &(face-negação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Não, comunicar não!

- (64) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(si) VER+ COMPARAÇÃO DIFERENTE EXEMPLO SURDO TECNOLOGIAS PASSADO NÃO-TER IMPEDIR EXEMPLO WHATSAPP PASSADO NÃO-TER WEBCAM NÃO-TER DIFÍCIL COMUNICAÇÃO AGORA NOVO+ COMUNICAÇÃO FÁCIL CAPAZ+ IX(ele) IMPLANTE COCLEAR DIFERENTE IX(ele) IMPLANTE COCLEAR PASSADO NORMAL TALVEZ PESSOAS QUERER VONTADE POSS(dela) IMPLANTE COCLEAR FALAR CRESCER E APRENDER FALAR POSITIVO MELHOR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, eu tenho visto e comparado as diferenças, por exemplo, o surdo antes não tinha acesso a tecnologias, era impedido, por exemplo, no passado, não tinha Whatsapp, não tinha webcam, era difícil a comunicação. Agora tem muita novidade na comunicação, está mais fácil, se torna possível. O implante coclear é diferente, ele quer o implante coclear, antes era normal talvez as pessoas queiram, tenham vontade de colocar implante coclear, desenvolver a falar, aprender a falar é bom, é melhor.

Sinalizante 2 (Libras): SIM &(face-afirmação) IX(você) CONCORDAR MAS IX(si) VER POSS (si) ALUNO UM IX(ele) TER IMPLANTE COCLEAR LIBRAS NÃO FALAR NÃO &(face-negação) NÃO-CONSEGUIR OUVIR NADA LIBRAS NÃO-CONSEGUIR IX(ele) FALAR NÃO-CONSEGUIR IX(ele) PRIMEIRO TENTAR FALAR NÃO-CONSEGUIR DEPOIS TENTAR LIBRAS AINDA NÃO &(face-negação) IX(si) EXPERIMENTAR LIBRAS CONSEGUIR DESENVOLVER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, eu concordo com você, **mas** eu tive um aluno que tinha implante coclear e não sabia Libras, não sabia falar, não conseguia ouvir nada, não consegui se comunicar em Libras. Ele não conseguia com a fala, primeiro eu tentei com a fala e ele não conseguiu se desenvolver, depois tentei com a Libras ainda não conseguiu, fui experimentando introduzir Libras e conseguimos que se desenvolvesse.

- (65) Sinalizante 1 (Libras): ESTUDAR MAIS PROFUNDO IMPORTANTE
Sinalizante 1 (Tradução LP): Se aprofundar nos estudos é importante.
Sinalizante 2 (Libras): CERTO MAS TRABALHAR PROFESSOR ENSINAR IMPORTANTE AUTOESTIMA BOM CONSEGUIR ENTENDER CONSEGUE TRANSFORMAR SE VAGA IX(empresa) IGUAL PERMANECER PARAR NÃO-TER DESENVOLVER
Sinalizante 2 (Tradução LP): **Certo, mas** o trabalho do professor é importante. O ensino é importante para autoestima de realizações de conseguir entender para transformar as coisas. Se você fica em trabalho em uma empresa permanecerá sempre estático, não há um desenvolvimento.
- (66) Sinalizante 1 (Libras): IX(si) AINDA DESEMPREGADO FALTA TRABALHO MAS IX(si) ACHAR PRECISAR ESTUDAR IMPORTANTE

Sinalizante 1 (Tradução LP): Eu ainda estou desempregado, falta trabalho, **mas** eu acho que é importante estudar, preciso estudar.

Sinalizante 2 (Libras): ENTÃO SIM IMPORTANTE
 Sinalizante 2 (Tradução LP): Então, sim é importante.

- (67) Sinalizante 2 (Libras): POR ISSO ENTÃO PRECISAR ESCOLHER CERTO NÃO QUALQUER ESCOLHER QUALQUER JEITO ELEIÇÃO ESCOLHER CERTO DEPOIS OBSERVAR CAMINHO PERGUNTAR IX(você) JÁ IR BRASÍLIA&(face-interrogação)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Por isso, então, precisamos escolher certo, não uma escolha de qualquer jeito nas eleições. Precisamos escolher certo, depois observar a trajetória, eu te pergunto, você já foi a Brasília?

Sinalizante 1 (Libras): AINDA IR NÃO &(face-negação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Ainda não fui.

Sinalizante 2 (Libras): IGUAL IX(si) VONTADE IR DIREITO LUTAR MANIFESTAÇÃO MAS DINHEIRO NÃO-TER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Igualmente, eu tenho vontade de ir, é nosso direito lutar, manifestar, **mas** não tenho dinheiro.

- (68) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(você) ESTUDAR PÓS GRADUAÇÃO COMO & (face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, você estuda pós-graduação, como tem sido?

Sinalizante 2 (Libras): VERDADE &(face-medo) IX (si) MATRÍCULA ESTUDAR ALEGRE &(face-feliz) COMEÇAR CONTEÚDO NÃO-SABER COMO &(face-interrogação) DÚVIDA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Verdade, foi assustador, eu iniciei a matrícula alegre, **mas** quando começaram os conteúdos fiquei sem saber como, tive muitas dúvidas.

Sinalizante 1 (Libras): JÁ TERMINAR &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (Tradução LP): Já terminou?

Sinalizante 2 (Libras): CALMA IX(si) ESTUDAR COMEÇAR ALEGRE+ &(face-feliz-euforia) MAS ENTREVISTA IX(si) ASSUSTAR NÃO- SABER &(face-negação) COMO FAZER PROJETO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Calma, comecei meus estudos contente, contente, **mas** na entrevista eu assustei muito, não sabia como fazer o projeto.

- (69) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO OUVIR PESSOAS INFLUENCIAR CAPAZ IMPLANTE COCLEAR PESSOAS ACEITA PESSOAS FAMÍLIA CAPAZ SURD@ PROBLEMA IX(ela) INFORMAÇÃO GANÂNCIA DINHEIRO EXPLORAR IMPLANTE COCLEAR MOTIVAR IX(si) VER AGORA ESCOLA AGORA DV(tirar-objeto-redondo-atrás-orelha)+ IMPLANTE COCLEAR VER+

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, ouvintes têm influenciado que o implante coclear torna o surdo capaz e as pessoas têm aceitado, a família acha que o surdo será capaz de ouvir, **mas** o problema é que as informações são baseadas na ganância para vender e exploram essa informação sobre o implante coclear, motivam o implante. Agora, eu vejo na escola eles tirando seus implantes, vejo isso.

Sinalizante 2 (Libras): ÀS VEZES+ IX(ela) FAMÍLIA QUER SURD@ IGNORANTE IMPLANTE COLOCAR DEPOIS CRESCER RECLAMA NÃO-GOSTAR ACEITAR NÃO FORA IMPLANTE COCLEAR RECLAMA PALHAÇO PAGAR CARO MELHOR IX (si) PENSAR PRIMEIRO MAIS CRIANÇA CRESCER MAIS QUERER IMPLANTE COCLEAR OBEDECER ESCOLHER POSS(dele)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Às vezes, às vezes ela, a família, quer, mas o surdo é alheio ao implante coclear, coloca sem saber e depois quando cresce reclama, não gosta, não aceita, quer retirar o implante coclear e reclama, e a família se sente como enganada, pagou caro no implante.

Penso que é melhor primeiro esperar a criança crescer, se quiser implante, respeitar a escolha dela.

(70) Sinalizante 1 (Libras): AGORA 2014 BRASIL C-O-P-A MUNDO PERDER BRASIL VERGONHA &(face-admiração)

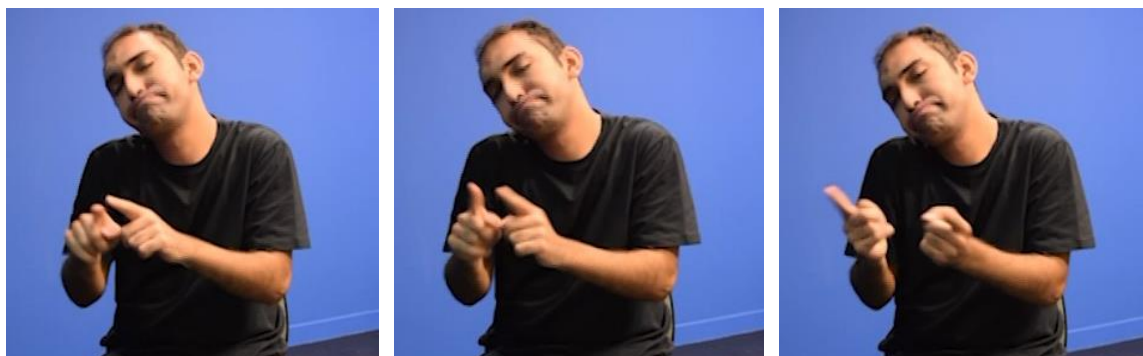
Sinalizante 1 (Tradução LP): Neste ano 2014 o Brasil na Copa do Mundo perdeu, sentimos vergonha do Brasil.

Sinalizante 2 (Libras): ESPERAR ENTÃO DINHEIRO PAGAR+ CONSTRUIR ACONTECER OK C-O-P-A MUNDO MAIS POSITIVO &(face-afirmação) OK ACABAR MAS TALVEZ ACONTECER TEMPO ACONTECER TALVEZ RUIM TALVEZ ACONTECER SÓ PERDER+ OU CONSEGUIR NÃO-SABER &(face-interrogação) NORMAL CADA UM NORMAL MAS C-O-P-A MUNDO BOM LEGAL ESTÁDIO CONSTRUIR LEGAL MAS ATRASAR PROBLEMA ATRASAR PORQUE DINHEIRO PAGAR PESSOAS REVOLTA

Sinalizante 2 (Tradução LP): Espere! Então, gastaram muito dinheiro com construções e isso já aconteceu ok, ter Copa do Mundo é bom! Ok já acabou, **mas** talvez pode acontecer somente coisas ruins, perder várias vezes ou conseguir ganhar, não sei! É normal, as duas situações são normais, **mas** Copa do Mundo é bom, é legal, construir estádios é legal, **mas** gastaram muito dinheiro e as pessoas ficaram revoltadas.

Para este item utilizaremos as figuras 22 e 23, representando a amostra deste MD. A primeira figura, de número 22, refere-se à sequência da primeira escolha lexical do sinalizante 2 do excerto (70), esta foi captada em momentos da sinalização, como já explanado anteriormente, em exemplos de outros marcadores, optamos por este tipo de imagem por termos neste caso uma mudança de orientação da mão. Já a segunda captura, representada pela figura 23, indica a segunda escolha lexical feita pelo mesmo sinalizante, no mesmo excerto.

Figura 22: Sinal de “MAS” (mas -primeira escolha lexical).



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Figura 23: Sinal de “MAS” (mas- segunda escolha lexical)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

Apesar de já termos apresentado este sinal por meio da captura de imagem demonstrada na figura 19, situada no subtópico 5.2.2, optamos por evidenciar estas duas escolhas lexicais, utilizadas pelo mesmo interactante, como forma de contribuir para alguns dos objetivos desta pesquisa, o de cooperar com os estudos linguísticos que levem a melhor compreensão de como acontece o desenvolvimento da Libras no momento da conversação entre seus pares linguísticos.

Esta variação, pode ser considerada diatópica, por apresentarem a mesma informação em seu léxico e possuem variações que estão imbricadas às questões de variação regional da língua, ou até mesmo às escolhas realizadas para aquele momento da conversação, com escolhas que possuem significados sinônimos para cada evento.

Sobre as variações lexicais que uma pessoa pode utilizar durante suas conversações, Vilhalva e Silvestre (2014, p. 22) *apud* Silva (2020, p. 40), afirmam que o léxico não seria apenas um dicionário de palavras de uma determinada língua, para estes pesquisadores o léxico de uma língua “é uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua”.

Gesser (2009) afirma que em todas as línguas humanas há indícios de variedade e diversidade e que negar essa variação linguística poderia dar a ideia de que cada língua (em cada país) seria composta por uma unidade linguística, o que seria uma crença nociva aos estudos linguísticos. A autora ainda propõe que: “É justamente nas

práticas sociais de uso da linguagem entre surdo/surdo e surdo/ouvinte que é possível enxergar o multilinguismo” (GESSER, 2009, p. 41).

Acerca da utilização dos MDs em Libras, evidenciamos que no primeiro caso apresentado neste subtópico, excerto (63), o sinalizante 1 foi indagado pelo sinalizante 2 se conseguia aprender tudo pelo método de inclusão na escola, acontece a sinalização de concordar, com a resposta “sim”, porém atenua sua resposta acrescentando a contra argumentação “**mas** as vezes acontece a falha”. O mesmo com o excerto posterior (64), onde ao argumentar acerca das facilidades e melhorias relacionadas às tecnologias o sinalizante 2 responde com “Sim, eu concordo com você, **mas** eu tive um aluno que tinha implante coclear não sabia Libras [...]” o sinalizante 2 utiliza a conjunção para contra argumentar o tópico. No terceiro exemplo (65) há o apontamento de concordância com a resposta “certo”, porém, acrescenta o “mas” para explicar a importância do trabalho do professor. O mesmo ocorre no excerto (66) indicando a importância do estudo contra argumentando que apesar de estar desempregado, o estudo seria importante. No excerto seguinte (67), há a inserção da conjunção adversativa com objetivo marcar discursivamente o motivo de ainda não ter ido à Brasília manifestar, apesar de compreender esse ato como um direito, marca afirmando não ter o dinheiro para a viagem. No excerto (68) o sinalizante 2 faz uso do MD por duas vezes, contrastando os sentimentos referentes a estar entusiasmado pelo início dos estudos, pós matrícula, e a ruptura deste sentimento por um sentimento de susto, medo, insegurança do que foi apresentado posteriormente.

No excerto (69) o uso do MD “mas” como contra argumentativo do discurso postulado anteriormente identificamos este uso em contra posição a ideia de que a família dos surdos são induzidas a realizar o implante coclear com a proposta de que eles voltarão a ouvir, e que como isso não ocorre de forma tão prática, as famílias são enganadas por questões relacionadas a ganância, “[...] a família acha que o surdo será capaz de ouvir, **mas** o problema é que as informações são baseadas na ganância[...]”.

O que verificamos nas análises apresentadas é que, esse conectivo contra argumentativo é inserido para marcar o discurso, de forma a contribuir com uma negação de expectativas anteriormente indicadas. Dascal e Katriel (1977) e Katriel e Dascal (1984) *apud* Norrick (2001), descrevem a função nestes casos como o de cancelar algum nível de significado no enunciado anterior.

Neste sentido, os excertos demonstrados acima induzem a tratativa desta contra argumentação, além de reorganizarem a nova argumentação exercendo função

discursiva nos apontamentos elencados durante a conversação, esclarecendo, inclusive, o posicionamento do sinalizante.

Isso acontece, de acordo com a compreensão de Galembeck e Carvalho (1997), porque esses MDs operam na função coesiva do discurso, modalizando a resposta dada, introduzindo uma observação que teria por finalidade acrescentar dados complementares em relação ao que foi dito anteriormente.

Segundo Fraser (1990; 1996), estes elementos linguísticos são marcadores pragmáticos que fornecem um comentário sobre o seguinte enunciado, isto é, eles levam uma enunciação e indicam como o orador pretende que sua mensagem básica se relacione com o discurso. O item “*mas*” tem uma gama de significados, podendo estar descrito como adversativo, concessivo, corretivo ou substitutivo. Em alguns casos, como nos excertos (63) a (70), as funções do MD “*mas*” sinalizam o contraste ou uma “negação de expectativas”.

Concepções um pouco diferentes das que apresentamos nos excertos (44) e (54) com a utilização do mesmo conectivo, que naquela situação fora utilizado para marcar a inicialização dos turnos, com objetivo pautado na argumentação coesiva entre os turnos estabelecidos durante a conversação.

Os exemplos que seguem abaixo indicam a utilização do MD “*agora*”, colaborando com uma nova informação que é introduzida ao assunto, a ocorrência deste marcador aponta também uma contra argumentação.

(71) Sinalizante 1 (Libras): SALA PROFESSOR ESCREVER DV(escrever-lousa) SURDO OUVINTE INCLUSÃO INTERAÇÃO AJUDAR PRIMEIRO ESTUDAR PORTUGUÊS ESCREVER DEPOIS TROCAR EU ACHO NÃO PRECONCEITO NADA SURDO INTERAÇÃO UNIÃO TROCA INTÉRPRETE JUNTO IX(aqui) UNIÃO INTERAÇÃO

Sinalizante 1 (Tradução LP): Na sala, o professor escreve na lousa e acontece uma interação entre surdos e ouvintes, acontece a inclusão, uma interação que ajuda primeiramente a estudar o português, depois uma troca. Eu acho que não há preconceito com o surdo, há uma interação, uma união, uma troca, juntamente com o intérprete ocorre uma união e a interação.

Sinalizante 2 (Libras): IX(si) GOSTAR MAIS OUVINTE INCLUSÃO SURDO MAS IX(si) ACHAR PASSADO DÍFICIL ENTENDER OUVINTE PORTUGUÊS ANTES PALAVRA PORTUGUÊS NÃO-ENTENDER &(face-negação) AGORA DIFERENTE INCLUSÃO ADAPTAÇÃO MAIS CLARO SURDO ENTENDER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Eu gosto mais da inclusão surdos e ouvintes, mas eu acho que antes era mais difícil entender os ouvintes e o português, as palavras do português não entendíamos, **agora** é diferente, com a inclusão e as adaptações ficou mais claro para o surdo entender.

- (72) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO IX(si) VER+ COMPARAÇÃO DIFERENTE EXEMPLO SURDO TECNOLOGIAS PASSADO NÃO-TER IMPEDIR EXEMPLO WHATSAPP PASSADO NÃO-TER WEBCAM NÃO-TER DIFÍCIL COMUNICAÇÃO AGORA NOVO+ COMUNICAÇÃO FÁCIL CAPAZ+ IX(ele) IMPLANTE COCLEAR DIFERENTE IX(ele) IMPLANTE COCLEAR PASSADO NORMAL TALVEZ PESSOAS QUERER VONTADE POSS(dela) IMPLANTE COCLEAR FALAR CRESCER E APRENDER FALAR POSITIVO MELHOR

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, eu tenho visto e comparado as diferenças, por exemplo, o surdo antes não tinha acesso a tecnologias, era impedido, por exemplo, no passado, não tinha Whatsapp, não tinha webcam, era difícil a comunicação, **agora** tem muita novidade na comunicação, está mais fácil, se torna possível. O implante coclear é diferente, ele quer o implante coclear, antes era normal talvez as pessoas queiram, tenham vontade de colocar implante coclear, desenvolver a fala, aprender a falar é bom, é melhor.

Sinalizante 2 (Libras): SIM &(face-afirmação) IX(você) CONCORDAR MAS IX(si) VER POSS (si) ALUNO UM IX(ele) TER IMPLANTE COCLEAR LIBRAS NÃO FALAR NÃO &(face-negação) NÃO-CONSEGUIR OUVIR NADA LIBRAS NÃO-CONSEGUIR IX(ele) FALAR NÃO-CONSEGUIR IX(ele) PRIMEIRO TENTAR FALAR NÃO-CONSEGUIR DEPOIS TENTAR LIBRAS AINDA NÃO &(face-negação) IX(si) EXPERIMENTAR LIBRAS CONSEGUIR DESENVOLVER

Sinalizante 2 (Tradução LP): Sim, eu concordo com você, mas eu tive um aluno que tinha implante coclear não sabia Libras, não sabia falar, não conseguia ouvir nada, não consegui se comunicar em Libras. Ele não conseguia com a fala, primeiro eu tentei com a fala e ele não conseguiu se desenvolver, depois tentei com a Libras, ainda não conseguiu, fui experimentando introduzir Libras e conseguimos que se desenvolvesse.

- (73) Sinalizante 1 (Libras): ENTÃO OUVIR PESSOAS INFLUENCIAR CAPAZ IMPLANTE COCLEAR PESSOAS ACEITA PESSOAS FAMÍLIA CAPAZ SURD@ PROBLEMA IX(eles) INFORMAÇÃO GANÂNCIA DINHEIRO EXPLORAR IMPLANTE COCLEAR MOTIVAR IX(si) VER AGORA ESCOLA AGORA DV(tirar-objeto-redondo-atrás-orelha)+ IMPLANTE COCLEAR VER+

Sinalizante 1 (Tradução LP): Então, ouvintes têm influenciado que o implante coclear torna o surdo capaz e as pessoas têm aceitado. A família acha que o surdo será capaz de ouvir, mas o problema é que as informações são baseadas na ganância para vender e exploram essa informação sobre o implante coclear, motivam o implante. **Agora**, eu vejo na escola eles tirando seus implantes, vejo isso.

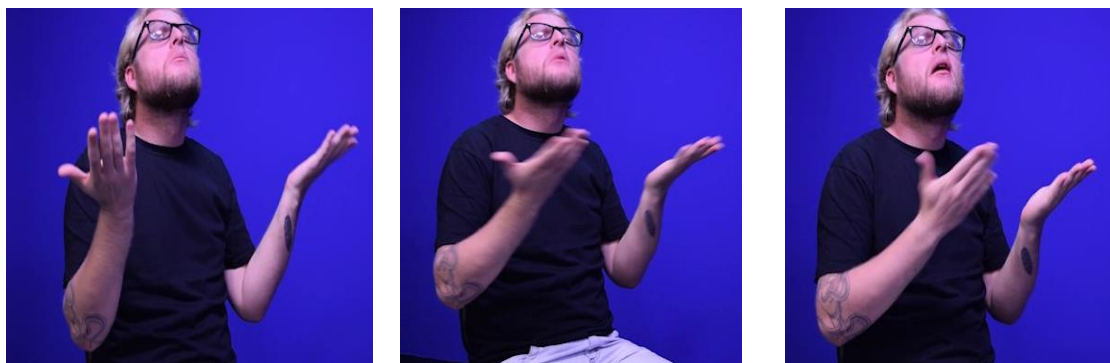
Sinalizante 2 (Libras): ÀS VEZES+ IX(ela) FAMÍLIA QUER SURD@ IGNORANTE IMPLANTE COLOCAR DEPOIS CRESCER RECLAMA NÃO-GOSTAR ACEITAR NÃO FORA IMPLANTE COCLEAR RECLAMA PALHAÇO PAGAR CARO MELHOR IX (si) PENSAR PRIMEIRO MAIS CRIANÇA CRESCER MAIS QUERER IMPLANTE COCLEAR OBEDECER ESCOLHER POSS(dele)

Sinalizante 2 (Tradução LP): Às vezes, às vezes ela, a família, quer, mas o surdo é alheio ao implante coclear, coloca sem saber e depois quando cresce reclama, não gosta, não aceita, quer retirar o implante coclear e reclama, e a família se sente como enganada, pagou caro no implante. Penso que é melhor primeiro esperar a criança crescer, se quiser implante, respeitar a escolha dela.

A figura 24 representa a captura de tela da sinalização do marcador “AGORA”, evidenciado no excerto (73). Da mesma forma que ocorrera em outros exemplos, foram

necessárias três capturas de tela para demonstração deste sinal, tendo em vista o parâmetro do movimento desempenhado no ato da sinalização.

Figura 24: Sinal de “AGORA” (agora)



Fonte: QUADROS *et al.* Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

No excerto (71) a ocorrência indica o uso do MD “agora”, para marcar a nova realidade das pessoas surdas, apontando que a inclusão e as adaptações oriundas dessa inclusão acrescentam novo sentido ao assunto debatido. Posteriormente, no excerto (72), o uso se assemelha, onde por meio deste marcador o sinalizante 1 introduz as mudanças ocorridas na vida dos surdos ocasionadas pelas novas tecnologias disponíveis a eles. Já no excerto (73) a ocorrência deste marcador é apontada quando o sinalizante 1 indica que apesar do incentivo da realização da cirurgia para o implante coclear, “agora” o que é visto por ele na escola são os surdos retirando seus implantes.

Segundo Risso (2006), a ocorrência do uso desse marcador é empregada para sinalizar uma mudança de orientação dada pelo falante à informação do tópico, ou a introdução de um dado particular do tópico. Outra possibilidade apontada seria o de reatamento de uma informação central, esta interrompida pelo caso de inserções no tópico em curso.

5.3 Marcadores Discursivos na Libras

Como já exposto no corpo desta pesquisa, estes elementos fazem parte do cotidiano interacional entre falantes de uma mesma língua, pois suas funções são variadas e atuam marcando, revelando, articulando e pontuando o interesse e as intenções dentro do ato conversacional, no âmbito interacional e ideacional. Cabe ressaltar o exposto acima: o fato de que nem sempre são os mesmos itens linguísticos utilizados na Libras.

Conforme apresentado na introdução, o que se pretendeu nesta pesquisa foi evidenciar como estes elementos, articuladores da fala, também são utilizados nas línguas de sinais, bem como apresentar as relações análogas entre as duas modalidades linguísticas. Modalidades estas que estiveram por muito tempo afastadas do viés investigativo pela incompreensão das peculiaridades linguísticas das línguas de sinais que, segundo Gesser (2009), são posturas firmadas na crença de que as línguas de sinais seriam limitadas e simplificadas, e não dotadas de muitas variantes e variáveis dentro dos diversos segmentos e áreas da linguística (assunto já abordado na seção 2).

A autora assevera, ainda, que “a relação entre as línguas, entretanto, não é, nem nunca foi neutra ou simétrica. Como no caso de quaisquer outras línguas que estão em contato, há sempre em jogo questões de poder e as decorrentes situações de conflito” (GESSER, 2009, p. 34).

Outro ponto importante de retomarmos aqui, discutido na seção 3, é que fala e escrita fazem parte do mesmo sistema linguístico e requerem formas de abordagens diferentes a depender do que se pretende compreender e em que contexto a língua está inserida. Portanto, para os estudos linguísticos das línguas de sinais precisa se ter em evidência que, apesar de serem constituídas em formatos diferentes, ambas as modalidades também comungam de sistemas linguísticos análogos e que, para que tais investigações desfrutem de resultados mais precisos, isso precisa estar em evidência.

Leite (2008, p. 17) destaca em sua investigação, que teve como base a interação linguística entres surdos fluentes em Libras, que a conversação pode ser “considerada uma forma primordial de interação social entre humanos”, e indica que “a prática da conversação, enquanto atividade social, exige a coordenação de ações a fim de que certos objetivos sejam alcançados”.

O autor ainda pondera, referindo-se aos estudos de McCleary (2003), que

essa ênfase na conversação ao meu ver, se justifica ainda mais no caso das comunidades como a dos surdos, que, por não possuírem uma escrita para as LSs, estabelecem as suas trocas sociais primordialmente em situações próprias da (corp)oralidade (LEITE, 2008, p. 135).

Neste sentido, para estudarmos o uso dos MDs durante a sinalização de surdos fluentes em Libras foi necessário, antes de mais nada, recorrermos às questões teóricas já alicerçadas, embasadas por meio de análises em línguas de modalidade oral-auditiva,

para, então, somarmos na contribuição de novos estudos que versem sobre línguas sinalizadas, que utilizam o canal viso-espacial para interação linguística.

No entanto, apesar de termos momentos comparativos entre as duas modalidades linguísticas (oral-auditiva e visual-espacial), esta análise comparativa não pretende asseverar o que Maher (1997) aponta como embate diglótico¹⁸, em que a língua portuguesa possui um *status* linguístico de prestígio, deixando as demais línguas utilizadas no país como “subalternas”. Vale reforçar que as comparações e as trocas são passíveis em outros estudos linguísticos que abordam mais de uma língua, mesmo que sejam apresentadas na mesma modalidade.

Apesar de ainda existir muitas pressuposições equivocadas quanto as línguas de sinais, aos poucos, por meio de diversas pesquisas, estas foram ocupando lugares de interesse e novas abordagens, sendo apresentadas aos estudos linguísticos voltados a esta modalidade oral-auditiva. Outro ponto interessante de relatarmos, e que faz parte desse crescimento de pesquisas e investigações na área dos estudos linguísticos das línguas de sinais, é que, como afirma Quadros (2017), os surdos têm se apropriado de sua língua e ocupado lugares de pesquisa e luta antes ocupados apenas por ouvintes. Este movimento de autoria surda tem aumentado a busca quantitativa e qualitativa por trabalhos que contribuam com a emancipação linguística destes sujeitos.

Para uma pesquisa que pretendia investigar a utilização dos MDs na língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira, buscamos nos atentar a mapear e identificar estes elementos e suas funções, com base na compreensão de que estes devem ser considerados intrínsecos às línguas em um ato conversacional. Trilhamos, para tanto, a via análoga necessária para os estudos destes marcadores em momentos de conversações em Libras.

Identificando nos 73 excertos apresentados acima a utilização destes elementos com diferentes funções, bem como compostos por uma variação constante da posição e da utilização desses marcadores durante todo o ato conversacional, e que seus usos estão pautados sempre na intencionalidade do interlocutor em buscar aprovação, atenuar, manter o turno, acrescentar informações ao tópico, entre outras funções aqui apresentadas nesta análise.

¹⁸ “Entendido desta maneira, o fenômeno diglótico se refere, em última instância, a um jogo de ocupação linguística. Neste jogo a língua dominante tenta ‘abocanhar’ funções próprias da língua dominada, ‘enfraquecendo-a’, ‘empurrando-a’ para usos e funções cada vez mais restritos e/ou desprestigiados” (MAHER, 1997, p. 22).

Tais elementos típicos da fala são, conforme evidenciados nos excertos desta análise, acionados à medida que o sinalizante intencionalmente pretende marcar ou monitorar seu discurso. Neste sentido, Furlan e Burgo (2015, p. 82) ressaltam, que “se compararmos a função da forma prototípica desses marcadores com sua utilização no discurso, podemos perceber que a função migra para formas mais abstratas, relativas à organização desse discurso”.

Burgo e Araujo (2018, p. 132-133) afirmam, ainda, que:

além de atuarem na organização e estruturação do texto falado, desempenham funções resumidoras, de busca de aprovação discursiva e de planejamento verbal. Funcionaram, ainda, como elementos atenuadores, reduzindo a força ilocutória dos enunciados e diminuindo a responsabilidade do falante em relação aos conceitos emitidos.

Essa organização que as autoras apontam ocorre de forma constante no ato conversacional, à medida que os interactantes vão percebendo as respostas à mensagem direcionada. Além disso, estes MDs são utilizados quando é percebida a necessidade de novos ajustes, seja com a mudança, o acréscimo ou até mesmo a repetição do que se pretende discursar.

Observamos, como está visível nesta seção, que a incidência do uso de marcadores com função ideacional (voltados para o texto) é muito maior que a incidência daqueles com função interacional (voltados para o interlocutor). Arriscamos inferir que essa variação não está relacionada apenas ao fato de a este segundo grupo pertencer um número bem menor de marcadores. Indicamos que isto é pode ser reflexo, também, das concepções de uma língua que, por ser visual, se utiliza bastante das referências na abordagem visual (acenos, olhares, expressões, gestualidade em geral) para receber atenção, discordar ou concordar de algo durante o texto conversacional.

Percebemos que a Libras possui sua construção e elaboração da enunciação planejada de maneira análoga às línguas orais auditivas. Galembeck e Carvalho (1997, p. 17) assinalam as três características básicas da língua falada: “a) ausência de uma etapa nítida de planejamento; b) a existência de um espaço comum compartilhado entre os interlocutores; c) o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação”. Essas características, de igual forma, podem ser evidenciadas na língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira.

Este estudo buscou comprovar a legitimidade do uso destes elementos linguísticos utilizados na construção das sentenças, estando ainda pautado no desejo de

combater uma possível visão equivocada, alicerçada em uma sociedade que, nem sempre, respeita e tampouco valoriza aquilo que é diferente do convencional. Portanto, buscou-se aqui contribuir com o processo de visibilidade e compreensão acerca das línguas de sinais, em especial, a brasileira.

O que apresentamos ao fim desta seção, são evidências do uso de MDs durante as conversações sinalizadas pelos interactantes surdos, estas foram identificadas durante a análise do corpus, e analisadas quanto ao seu emprego e as distintas funções possíveis, ponderando sempre que as amostras utilizadas para esta análise são oriundas de uma língua de modalidade visual-espacial, respeitando, com isso, o caráter descritivo de uma língua sinalizada.

Defendendo com isso a hipótese apresentada quando esta pesquisa linguística foi projetada, indicamos por meio das análises das transcrições a comprovação de que há o emprego de marcadores discursivos na Libras, escolhidos pelos interactantes com diferentes finalidades dentro de cada intenção linguísticas, adotados com as diferentes funções interacionais e pragmáticas durante a interação entre surdos fluentes na língua.

Com propósito de quantificar essas comprovações nas conversações analisadas e elucidar os MDs localizados, elaboramos o quadro 4, que apresenta o indicativo dos marcadores com suas respectivas funções e frequências de uso nestas análises.

Quadro 4 – Indicativo da função e frequência do uso dos MDs

Marcador Discursivo	Função	Frequência
Vem cá	Função interacional	03
Exato	Função interacional	01
Certo	Função interacional	10
Verdade	Função interacional	07
Entende?	Função interacional	04
Penso que	Função interacional	02
Na minha opinião	Função interacional	03
Acredito que	Função interacional	01
Acho que	Função interacional	03
Bom	Função ideacional	06
Então	Função ideacional	17
Mas	Função ideacional	13
Depois	Função ideacional	07
Por exemplo	Função ideacional	05
Agora	Função ideacional	03

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Conforme indicado no quadro acima, foram localizados 15 (quinze) tipos de MDs utilizados durante os trechos das conversações analisadas, destes, 09 (nove) são empregados com funções interacionais e 06 (seis) são acionados para exercer funções

ideacionais entre os interactantes. Vale ressaltar que dois destes marcadores aparecem de forma duplicada com funções distintas, trata-se dos MDs “*certo*” e “*mas*”, conforme análises¹⁹ apresentadas nesta seção.

Evidenciamos que há 85 (oitenta e cinco) ocorrências do uso de MDs nos minutos de vídeos traduzidos e transcritos nesta pesquisa, destes, o MD que obteve maior frequência de utilização no corpus analisado foi o marcador de função ideacional “*então*”, este foi localizado em 17 situações de uso.

Dentre todas as ocorrências comprovadas e apresentadas, observamos em maior evidência, nos vídeos analisados, o acionamento dos MDs que atendem a função ideacional, que fazem alusão a organização textual do discurso impetrado durante a sinalização, totalizando 51 (cinquenta e uma) vezes nesta função e 34 (trinta e quatro) na função interacional.

Do ponto de vista de uma análise que observe todos os detalhes apresentados na conversação em Libras, trazemos o que Silva e Strazzi (2017, p. 205) que pontuam, a partir de uma pesquisa acerca dos MDs em Libras, que:

além dos MDs com função textual e interacional outro tipo de MD, que aparece na narrativa, é bem similar aos mecanismos linguísticos colocados por McNeill (1992) como gestos. A gestualidade estaria, portanto, relacionada ao planejamento conceitual de uma mensagem a ser verbalizada. Nesse caso, o ato de mover as mãos, os braços e a cabeça durante a comunicação é entendido como gesto.

Neste sentido, além do que apresentamos nesta análise, com discussões dentro dos excertos traduzidos para a língua portuguesa e transcritos em ambas as línguas, teríamos uma segunda possibilidade de análise com as descrições apenas das expressões faciais/corporais e a gestualidade durante a conversação dos surdos.

Não obstante, ao que ocorre em LOs, limitar a função gramatical dos itens lexicais utilizados como MDs seria, como aponta Batista (2014, p. 40) “[...] estigmatizar e excluir as dimensões pragmática, textual e discursiva em que estes itens estão inseridos.” O autor assevera que “Os aspectos apontados por Adam (2011) correspondem à superioridade que os MDs constituem em relação à definição gramatical, pois esses elementos apresentam inúmeras relações, dentre elas, a conexão, a organização discursiva e a argumentação.”

¹⁹ Ver subtópicos 5.1.2 e 5.1.4 para o MD “*certo*” e subtópicos 5.2.2 e 5.2.6 para o MD “*mas*”.

É com base nessa superioridade relatada pelo autor que confluímos estas análises, apontando, conforme descrições acima, a frequente utilização de MDs na Libras, e indicamos que, por se tratar de uma língua natural, esta seja constituída de forma a atender a total objetivação de uma comunicação interativa entre sinalizantes fluentes na língua.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Esta pesquisa chega a sua fase conclusiva tendo como base os estudos linguísticos realizados com o amparo da discussão teórica dos trabalhos da AC em línguas orais e os direciona aos resultados oriundos destas análises na Libras, ambas consideradas pela linguística como línguas naturais. Neste sentido, os resultados obtidos abarcam se propôs entre os objetivos principais e coadunam com os estudos linguísticos que abrangem análises de uma língua em uso concreto,

Compreendemos que conhecer as concepções históricas que constituíram e constituem as comunidades surdas e sua língua, se tornou um ponto importante para este estudo, tendo em vista a compreensão de que é por meio da interação que temos a possibilidade de analisar uma língua em uso. Muito embora a língua brasileira de sinais tenha sido oficializada no país há quase duas décadas, e as discussões a respeito de seus aspectos linguísticos tenham se iniciado antes mesmo dessa oficialização nacional, muitos são os debates necessários e que possibilitariam uma maior visibilidade ao uso e estudo dessa língua, buscando, para seus usuários, um (re)conhecimento e sensação de pertencimento, de forma efetiva, desse universo vasto a ser explorado.

Podemos advertir com este estudo que a representatividade linguística dessa parcela da sociedade ainda enfrenta embates e desajustes quanto ao seu reconhecimento e à visibilidade de trabalhos pautados em investigações da língua durante a interação de seus pares e seus atributos constituintes. Pensar estes aspectos sociais e linguísticos permite oportunizar ao surdo nuances de um pertencimento também social e linguístico, que o torna cada vez mais imbuído a se emancipar como sujeito atuante em sua história, em sua língua.

No que concerne às pesquisas que têm como objeto de estudo aspectos linguísticos e funcionais das línguas de sinais, é relevante evidenciar que, apesar do aumento gradativo destes estudos nos últimos tempos, algumas áreas da linguística ainda carecem de novos olhares investigativos, quando comparados à outras línguas de modalidade oral. Estes estudos, das diferentes áreas de concentração precisam continuar fomentando pesquisas que contribuam para o (re)conhecimento das peculiaridades

presentes nesta modalidade linguística, bem como a busca por estudos que desmistifiquem e esclareçam pontos análogos às línguas orais, ainda pouco explorados.

Acerca das análises linguísticas das línguas de sinais, Leite e McCleary (2013, p. 81) pontuam que estas não poderiam ser constituídas completamente isentas de vieses das línguas orais, tendo em vista o fato de que “[...] o conhecimento linguístico de que hoje dispomos foi construído fundamentalmente com base em dados transcritos de línguas orais”. Os autores ainda instigam à busca pela emancipação destes estudos, minimizando, assim, possíveis interferências dos estudos das línguas orais, “[...] considerando as diferenças potenciais entre as línguas orais, cuja estruturação se apoia também sobre a dimensão sonora dos gestos vocais, e as línguas de sinais, cuja estruturação depende exclusivamente da visualidade”.

Bolgueroni e Viotti (2013, p. 18) indicam que:

os estudos que versam sobre as línguas de sinais entraram na agenda de pesquisa linguística apenas há pouco mais de cinquenta anos. Apesar de já haver um corpo de conhecimento razoável sobre seu funcionamento, não é possível comparar quantitativamente o que sabemos sobre elas e o que sabemos sobre as línguas orais.

O corpus desta pesquisa utilizou-se de vídeos gravados durante a interação sinalizada de surdos fluentes em Libras e possibilitou o debate apontado desde o início como sendo a tese a ser evidenciada nesta pesquisa. Ou seja, a comprovação de que na Libras ocorre o acionamento de elementos de natureza discursiva durante o processo de conversação. Pudemos, com isso, reafirmar o quanto a língua de sinais transcende, assim como as demais línguas, a lógica de junção de códigos, proporcionando ao seu usuário natural a possibilidade de se expressar a respeito dos mais variados assuntos e tema.

Para além da identificação e mapeamento destes elementos, a análise linguística apresentada neste estudo nos permitiu, após a traduções e transcrições dos vídeos analisados, identificações análogas às pesquisas realizadas em LOs, que comprovam a ocorrência da utilização de MDs sinalizados durante as interações.

Em conformidade com o que apresentamos na perspectiva teórica, compreendendo a linguagem como uma atividade verbal contextualizada composta por vasta complexidade de circunstâncias e ações enunciativas, procuramos demonstrar nesta pesquisa que os MDs desempenham na Libras funções análogas às da língua portuguesa e outras línguas orais das quais utilizamos de pesquisas comprobatórias

neste trabalho. Identificamos, ainda, que os marcadores aqui apresentados e analisados realizam em todo movimento interacional uma macrofunção, não podendo a estes ser empenhadas apenas funções isoladas. Nestas interações sinalizadas estão presentes, também, as intencionalidades e as previsões discursivas, as quais são assumidas pelos sinalizantes durante o ato comunicativo protagonizado pelos surdos, nativos desta língua.

Como exposto, os MDs possuem uma variada gama de definições e sua ocorrência pode estar pautada em diferentes contextos e intencionalidades conversacionais na Libras. Evidenciamos, por meio das análises, o registro do emprego de MDs utilizados com diversificadas funções, assegurando características presentes na conversação entre surdos e contribuindo para a visibilidade da mesma, colaborando, desta maneira, para o empoderamento da comunidade surda brasileira que ainda vivencia casos de segregação e preconceito.

A presente pesquisa contribui, portanto, com os estudos da linguagem no que tange à organização da fala por parte de surdos fluentes em Libras e o uso de MDs em diferentes contextos de uso. Compreendemos que, embora a Libras tenha características próprias, determinados elementos se assemelham aos utilizados pela língua oral que, nesse caso, é o uso dos marcadores discursivos, pois, como instrumentos de comunicação e interação, eles integram as práticas sociais diárias de qualquer indivíduo. A língua de sinais é uma modalidade de realização linguística que requer uma análise focada em seu processo de construção, em situações concretas de uso.

Na Libras, assim como nas línguas orais auditivas, constatamos e apontamos, por meio dos excertos, a utilização de MDs de função ideacional/textual empregados para a organização textual, conferindo coesão ao texto, além de MDs de função interacional, atribuindo dinamicidade ao diálogo, levando-se em consideração os aspectos finalísticos da comunicação e como os recursos linguísticos estão organizados para este objetivo.

Ao todo, obtivemos 85 ocorrências destes elementos nas análises dos 22 vídeos, dentro dessas ocorrências foram identificados 17 tipos diferentes de MDs, que possuem funções e intenções variadas, de acordo com o que os sinalizantes propuseram em seus diálogos.

Os MDs na Libras aparecem nas conversações sinalizadas e representam esses articuladores linguísticos produzidos de forma diferente das LOs, mas podendo ter seu estudo compreendido por trabalhos análogos que apresentamos nesta tese de doutorado.

Desta forma, entendemos que na Libras a LS utilizada pela maioria da comunidade surda brasileira – por se tratar de uma língua como qualquer outra – é construída por meio da interação entre seus usuários, estando em constante desenvolvimento.

Compreendemos estes elementos como sendo de grande importância no processo de interação das pessoas surdas, uma vez que são valiosos recursos de comunicação entre os interlocutores, e que lhes propiciam uma maior competência verbal, direcionando a forma como pretendem que sua mensagem seja interpretada.

Reafirmamos, portanto, que os estudos linguísticos não se completam com as pesquisas propostas. Ao contrário disso, quanto mais julgamos conhecer uma língua, mais ficamos instigados pela busca de outros elementos que a descrevam e a desvelem, ou reafirmem concepções. Por esse motivo, acreditamos que esta pesquisa pode ser uma comprovação necessária para a visibilidade desta língua, mas propõe uma continuidade de investigações que a desvistam da roupagem a que esteve presa por muito tempo: a roupagem do desconhecido.

Outro ponto importante de ser destacado é que ainda necessitamos de um sistema de transcrição mais efetivo para as línguas sinalizadas, apesar de todas as vantagens do *software* utilizado para esta análise, indicamos que o acesso a um sistema mais avançado poderia possibilitar ainda mais a explanação dos detalhes de uma língua sinalizada.

Como apontam Mc Cleary e Viotti (2007, p. 25):

a questão da transcrição das línguas em geral, e das línguas sinalizadas em particular, vai além do aspecto meramente formal de uma boa documentação linguística. Sistemas de transcrição bem elaborados se tornam lentes poderosas para identificar várias características das línguas que, sem eles, poderiam passar despercebidas.

Neste sentido, as análises acima apresentadas compõem um tipo de pesquisa que tem se demonstrado emergente e contribuído para a compreensão desse sistema linguístico organizado e executado na modalidade visual-espacial, no entanto reforçamos que línguas desta modalidade ainda carecem de um sistema de escrita que possa servir como base para a transcrição em sua própria língua.

Este estudo pretende, também, instigar ainda mais pesquisadores da área a se debruçarem em pesquisas que desvelem cada vez mais os atributos linguísticos de uma língua tão rica e complexa quanto as línguas orais. Além disso, espera-se contribuir com

o que entendemos ser uma maior visibilidade a esta modalidade linguística, pouco investigada quando comparada com outras línguas naturais.

REFERÊNCIAS

- ALBRES N. de A. As novas tendências metodológicas nos estudos da tradução/interpretação entre o par Português/Libras. In: QUADROS, R. M. de; WEININGER, M. J. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais III**. Florianópolis: Editora Insular/PGET/UFSC, 2014. p. 13-34.
- ANDRADE, J. A. de. **Repetição e marcadores discursivos na produção textual de alunos**: uma apropriação discursiva da escrita. 2006. 192 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. de O. Tarefas da educação lingüística no Brasil. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/04.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BATISTA, M. S. Marcadores discursivos: revisitando os conceitos e a análise linguística discursiva em gêneros da esfera jornalística inseridos no manual didático– **Dissertação de Mestrado** (mestrado em Letras) Ilhéus: UESC, 2014.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, D. L. P. A sedução nos diálogos. In: PRETI, D. (org.). **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. p. 225-254.
- BORTOLOTI, R. T. **Libras como possibilidade e alternativa para o ensino da língua portuguesa para o aluno surdo**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1067-4.pdf>. Acesso em: 01 set. 2014.
- BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. Referência nominal em língua de sinais brasileira (Libras). **Todas as letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013.
- BRAIT, B. Imagens da norma culta, interação e constituição do texto oral. In: PRETI, D. (org.). **O Discurso Oral Culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.
- BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 4ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. p. 189-214.
- BRASIL. Lei nº 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 abr. 2002.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto 7.387**, de 09 de dezembro de 2010: Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm. Acesso em: 15 set. 2020.

BURGO, V. H. Um estudo dos marcadores conversacionais nas línguas portuguesa e inglesa. In: DURÃO, A. B. de A. B. (Org). **Linguística Contrastiva: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004. p. 121-130.

BURGO, V. H.; ARAUJO, C. P. de E. de. O discurso direto e os marcadores conversacionais em ambientes forenses. **Entretexos**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 111-134, jul./dez. 2018.

BURGO, V. H.; STORTO, L. J.; GALEMBECK, P. de T. O caráter multifuncional dos marcadores conversacionais de opinião “Eu acho que” e “I think” na fala dos presidentes Lula e Obama. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 289-312. jul./dez. 2013.

CAMPELLO, A. R. S. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. **Revista Mundo e Letras**, v. 2, p. 8-25, jul. 2011.

CAMPELLO, A. R. S. Posicionamento, polissêmicos e omissões na sala de aula acadêmica e de conferência da tradução/interpretação dos TILS: estudo de dois casos. In: BARROS, A. L. de E. C. de; CALIXTO, H. R. da S.; NEGREIROS, K. A. de (orgs.). **Libras em Diálogo: interfaces com tradução e interpretação**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 133-154.

CAPORALI, S. A.; DIZEU, L. C. T. de B. A Língua de Sinais constituindo o sujeito surdo. **Educ. Soc.**, v. 26, n. 91, p. 583-597, maio/ago. 2005. Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 01 fev. 2020.

CASTILHO, A. T. de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

CASTILHO, A. T. de. Problemas de descrição da língua falada. **Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – DELTA**, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994.

CASTILHO, A. T. de. Entrevista: funcionalismo(s) e teoria multissistêmica. **Revista PROLÍNGUA**, v. 9, n. 2, p. 87-104, 2014.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTILHO, A. T. de. Contribuições de Luiz Antônio Marcuschi para a linguística brasileira. In: ATAÍDE, C.; SILVA, A. P. da; SILVA, E. C. da. (orgs.). **Gelne 40 anos**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 21-48.

CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. II: Níveis de Análise Lingüística. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 199-247.

CASTILHO, A. T. de; SOUZA-SANTOS, J. E de; DANFÁ. A repetição na língua falada: propriedades discursivas e gramaticais. **Revista do GEL**, v. 17, n. 3, p. 64-89, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2883>. Acesso em: 17 abr 2021.

CASTRO JÚNIOR, G. de. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. In: ALMEIDA, W. G. (org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus: Editus, 2015. p. 11-26. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 02 ago. 2020.

COSTA, V. H. S. da. Gestualidade e iconicidade nas línguas naturais: a configuração de mão da Língua Brasileira de Sinais. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. de; LEITE, T. de A. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. II. v. Florianópolis: Insular, 2014. p. 79-102.

DIONISIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. Estratégias de textualização na fala e na escrita. In: MARCUSCHI, L.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Leitura e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 105-122.

DUARTE, S. B. R. *et al.* Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1713-1734, out./dez. 2013.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Experiências de tradução. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

FARIA, E. M. B. de *et al.* Língua de sinais: um instrumento viabilizador do desenvolvimento cognitivo e interacional do surdo. In: DORZIAT, A. (org.). **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 171-208.

FÁVERO L. L. *et al.* Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 91-158.

FÁVERO L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de Textos Orais**. 4.ed., São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. p. 33-54.

FERREIRA, Y. M. M. F.; PAZ, L. G. S da; NASCIMENTO, G. R. P. do. Marcadores conversacionais da língua brasileira de Sinais (Libras), como inovação para ensino e aprendizagem da língua. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, V, 17 out. 2018. **Anais eletrônicos...** Disponível em: file:///C:/Users/smato/OneDrive/Documentos/doutorado/pesquisa/pesquisa%20Libras/TABALHO_EV117_MD4_SA15_ID7041_03092018170308.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

FRASER, B. An approach to Discourse Markers. Trad. Pedro Caaruso e Paulo F. Zanotto. **Journal of Pragmatics**, Boston, 1990.

FRASER, B. An Approach to Discourse Markers. Trad. Pedro Caruso e Paulo F. Zanotto. **Journal of Pragmatics**, Boston, v. 14, n. 3, p. 132-160, jun. 1994.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v. 31, n. 7, p. 931-952, jul. 1999.

FURLAN, M. E. de M. C. **Os marcadores discursivos do inglês falado no Brasil: um estudo de suas estratégias de uso e efeitos de sentido**. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.

FURLAN, M. E. de M. C.; BURGO, V. H. Marcadores discursivos em entrevistas com falantes nativos e não nativos da língua inglesa. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n. 21, p. 80-94, jul./dez. 2015.

GALEMBECK, P. de T. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, D. (org.). **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999a. p. 173-194.

GALEMBECK, P. de T. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Â. C. de S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH – USP, 1999b. p. 109-119.

GALEMBECK, P. de T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 55-80.

GALEMBECK, P. de T.; COSTA, N. S. da. Alternância e participação: a distribuição de turnos na interação simétrica. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1937-1944.

GALEMBECK, P. de T.; CARVALHO; K. A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo. **Projeto NURC (Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo)**, São Paulo, 1997, p. 830-848.

GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 47, n. 1, p. 223-239, jan./jun. 2008.

GESSER, A. **LIBRAS que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez:** sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIANOTTO, A. de O.; MARQUES, H. R. **O protagonismo da pessoa surda do ponto de vista do desenvolvimento local.** Campo Grande: Life Editora, 2021.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação.** São Paulo: Autores Associados, 1996.

GÓES, A. M.; CAMPOS, M. de L. I. L. Aspectos da gramática da Libras. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (orgs.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EduFSCar, 2021. p. 65-80.

GONÇALVES, E. **Marcadores conversacionais na interlíngua de aprendizes de espanhol no Brasil.** 2006. 221 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HALLYDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language.* London: Edward Arnold, 1976.

HARRISON, K. M. P. Libras: apresentando a língua e suas características. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (orgs.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EduFSCar, 2021. p. 27-36.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language.** 1.ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1979.

KOCH, I. G. V. Especificidades do texto falado: hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** 1. v. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

KOCH, I. G. V.; BARROS, K. S. M. de. (orgs.). **Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação.** Natal: EDUFRN, 1997.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?:** desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.

LEITE, T. de A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras):** um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. de A. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 37-58.

LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. de; LEITE, T. de A. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 15-28.

LEITE, T. de A.; McCLEARY, L. A identificação de unidades gramaticais na libras: uma proposta de abordagem baseada-no-uso. **Todas as letras**, v. 15, n. 1, p. 62-87. 2013.

LENK, U. Discourse markers and global coherence in conversation. **Journal of Pragmatics**, v. 30, n. 2, p. 245-257, aug. 1998.

MAGALHÃES JUNIOR, E. **Sua majestade o intérprete**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAHER, T. M. O dizer do sujeito bilíngue: aportes da sociolinguística. In: SEMINÁRIO DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS, Rio de Janeiro, 1997. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Marcadores conversacionais no português brasileiro**: formas, posições e funções. Campinas: Unicamp, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica** 9, v. 9, n. 1, p. 119-146, jan./dez. 1997.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. p. 15-46.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Apresentação. In: SILVA, D. E. G. da. **A Repetição em Narrativas de Adolescente**: do oral ao escrito. Brasília: 2001. p. 13-21.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO A. P. **Fala e escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 57-84.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Leitura e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 207-240.

MARCUSCHI, L.; DIONISIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, L.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Leitura e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

MARTINS, T. A.; BIDARRA, J. O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa e Libras. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, v. 2, n. 1, Uberlândia, 2012. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_154.pdf. Acesso em: 12 ago. 2020.

MATO GROSSO DO SUL. **Lei nº 1.693**, de 12 de setembro de 1996. Reconhece no Estado de Mato Grosso do Sul, a língua gestual, codificada na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como meio de comunicação objetiva de uso corrente, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mauriciopicarelli.com.br/?pg=noticia&id=52>. Acesso em: 07 jul. 2020.

McCLEARY, L. Technologies of Language and the Embodied History of the Deaf. **Sign Language Studies**, v. 3, n. 2, p. 104-124, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26204868>. Acesso em: 12 ago. 2019.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada. In: SALLES, H. (org.). **Bilingüismo dos surdos**: questões lingüísticos e educacionais. Goiânia: Cânone Editorial, 2007. p. 73-96.

Mc CLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gestos em línguas sinalizadas. **Veredas – atemática** – 1, PPG linguística/UFJF – juiz de fora p. 289-304 – 2011.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. de A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.

MEDEIROS, T. G. de; FERREIRA, M. C. F. D. Análise da conversação de dois alunos surdos aprendendo inglês: a organização do reparo. **Entretextos**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 34-54, jan./jun. 2010.

MIORANDO, T. M. Formação de profissionais – mais professores para a escola sonhada. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

NASCIMENTO, E. P do. A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 30-45, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/1984-8412.2010v7n1p30/17100>. Acesso em: 01 dez. 2018.

NASCIMENTO, V.; DAROQUE, S. C. Língua oral-auditiva e língua gesto-visual. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. de O. (orgs.). **Libras aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019. p. 45-76.

NEGREIROS, K. A. de; BARROS, A. L. de E. C. de. A construção de sentido no processo de tradução/interpretação português/Libras. In: BARROS, A. L. de E. C. de; CALIXTO, H. R. da S.; NEGREIROS, K. A. de (orgs.). **Libras em Diálogo: interfaces com tradução e interpretação**. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 155-184.

NEVES, M. H de M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **A gramática do português falado: desenvolvimentos**. VI. v. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 171-208.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. de M. Fala e escrita: a mesma gramática? In: PRETI, D (org.). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 19-40.

NEVES, M. H. de M. A interface sintaxe, semântica e pragmática no funcionalismo. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 25-43, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v33n1/1678-460X-delta-33-01-00025.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2018.

NORRICK, N. R. Discourse markers in oral narrative. **Journal of Pragmatics**, v. 33, n. 6, p.849-878, jun. 2001.

PENHAVEL, E. Marcadores discursivos e articulação tópica. 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHAVEL, E. Vocativos e marcadores discursivos na gramática textual-interativa. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 51-65, 2012.

PEREIRA, M. C da C. *et al.* (orgs.). **Libras conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, ed. esp. n. 2, p. 17-31, 2014.

PRETI, D. (org.). **Diálogos na fala e na escrita**. 7. v. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/FFLCH/USP, 2005.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003.

PRETI, D. (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

PRETI, D. **Fala e escrita em questão**. 4. v. São Paulo: Humanitas/FFLCH, USP, 2000.

PRETI, D. A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. 1. v. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

QUADROS, R. M. de. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 168-178, 2006.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 141-161, maio/ago. 2006.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos In: V CONGRESSO INTERNACIONAL E XI SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, Rio de Janeiro, 2007. **Anais...** Rio de Janeiro: INES, 2007. p. 94-102. Disponível em: [ttp://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Políticas.pdf](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Políticas.pdf). Acesso em: 12 set. 2017.

QUADROS, R. M. de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. I. v. Florianópolis: Insular, 2013. p. 15-36.

QUADROS, R. M. de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. I. v. Florianópolis: Insular, 2013. p. 15-36.

QUADROS, R. M. de. **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015a.

QUADROS, R. M. de. **Proposta de Manual de transcrição do Corpus Libras**. 2015b. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MANUAL_CORPUS%20transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 ago. 2019.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 8-34, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/3618>. Acesso em: 13 ago. 2019.

QUADROS, R. M. de. **Língua de Herança: Língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. **Estudos da língua brasileira de sinais**. IV. V. Florianópolis: PGL/UFSC, 2018.

QUADROS, R. M. de; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J.T.; LUCHI, M. **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**. – Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de; SCHMITT, D; LOHN, J. T.; LEITE, T. de A.; e colaboradores. **Corpus de Libras**. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>.

RISSO, M. S. A Dimensão Intencional na Construção do Texto Falado: Os Marcadores. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 11, n. 1, jan./jun. 1995.

RISSO, M. S. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.IV, 1996, p.423-451.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. A construção do texto falado. 1. v. São Paulo: Contexto, 2015. p. 391-452.

RISSO, M. S. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto., 2015. p. 371-390.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1997. p. 21-94.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (org.). **Análise de Textos Oraís**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. p. 13-32.

SACKS, O. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Studies in Interactional Sociolinguistics 5. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SENNA, L. A. G. O Estatuto Linguístico da Língua Brasileira de Sinais e a Superação do Estigma na Educação de Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 3, p. 487-500, jul./set. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v25n3/1413-6538-rbee-25-03-0487.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SILVA, L. A. da. Análise da Conversação e oralidade em textos escritos. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 131-155, jan./jun. 2015.

SILVA, M. da P. M. A semântica como negociação dos significados em Libras. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 45, n. 2, p. 255-269, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/JN9xJgZXfnpSnrhRhMSpmSR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SILVA, A. D. S. Variação fonológica e lexical em Libras. 2020. 130 f. **Dissertação** (Mestrado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, R. C. da. Indicadores de formalidade em vídeo de editais traduzidos para Libras. In: QUADROS, R. M. de; WEININGER, M. J. (orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais III**. 1. ed. Florianópolis: Insular/PGET/UFSC, 2014. p. 183-210.

SILVA, L. da; STRAZZI T. G. Marcadores Discursivos em Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 198-217, jul./dez. 2017.

SILVA, C. R. da; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: uma breve introdução. **Revista ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009.

SNICHELOTTO, C. A. R.; GORSKI, E. M. (Inter)Subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 423-455, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v55n2/04.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, M. R.; OLIVEIRA, J. S de; MIRANDA, R. D. O Glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. de; LEITE, T. de A. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. II. v. Florianópolis: Insular, 2014. p. 145-164.

URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. (org.). **Análise de Textos Oraís**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. p. 81-102.

WITCHES, P. H. A situação minoritária dos surdos e sua vulnerabilidade linguística na educação. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 41, n. 114, p. 144-152, maio/ago. 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/vSMv7BkhMg4ySzGpLqykDFr/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 27 jun. 2021.